PQ9261
.B475
P7
c.1 Main
7-9-71 mgt

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.B475
P7

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00025299775

Ar he ar h Virgilio Coita

F.

Helena Bianchini

Lyr

Phil

931

PRIMAVERA

DA AUTORA :

PUBLICADO

O Despertar de Rosa Maria (romance) 1927

PQ9261
.B475
P7

HELENA BIANCHINI

PRIMAVERA

PEÇA EM TRÊS ACTOS

LISBOA

PERSONAGENS

MARIA DO CARMO	*19 anos*
D. ANTÓNIA	*48 »*
MICAS	*40 »*
D. CONCEIÇÃO	*50 »*
GERTRUDES	*27 »*
PAULO	*22 »*
SEBASTIÃO	*55 »*
MANUEL	*26 »*

EM LISBOA E ARREDORES
ACTUALIDADE

PRIMEIRO ACTO

Uma salinha de estar e de costura.

Ao Fundo, uma porta para o corredor, largo, bem visível.

A' Direita, quási no ângulo oposto, uma janela estreita, sôbre o pátio.

A' Esquerda, duas portas fechadas, que abrem para dentro, como a outra.

Dimensões regulares. Mobília irregular e variadíssima. Máquina de costura em descanso. Uma cómoda grande. Ao centro da sala, mesa redonda com um vaso de planta caseira. Junto à parede, que se segue à janela, um sofá, duas poltronas e uma mesita de vêrga, cheia de livros. Entre as duas portas, uma pequena estante.

Tudo muito bem arrumado e num impecável asseio.

Pela tardinha.

Um silêncio profundo, dentro da casa. Mas fora, no pátio e nos outros andares, ouve-se, de quando e quando, uma voz esganiçada a trautear, com fôlego, uma

canção em voga, janelas batidas com violência, conversas interrompidas e logo reatadas, uma vez por outra o plácido ladrar de um cão num quintal próximo, mil rumores imprecisos mas ennervantes.

D. Antónia passa a ferro, silenciosa, mas visivelmente excitada.

Junto à tábua, em cima da mesa, uma grande bandeja cheia de roupa já engomada. Numa cadeira, ao alcance da mão, um tabuleiro com o resto, ainda por passar.

Sebastião, recostado numa poltrona, folheia sucessivamente os livros que estão sôbre a mesita. Por vezes, fixa-se numa página, estuda-a com muita atenção. Ao mesmo tempo vai tirando notas, fazendo cálculos breves, quando não se alheia num profundo meditar que o faz sorrir, num enlêvo.

D. ANTÓNIA (*ao desdobrar uma das últimas peças*)

Não tem fim a maldita roupa! Julguei que era tarefa até à noite! (*De novo, um silêncio breve; depois, com impaciência, para o marido*) Ouve lá! não serão ainda horas da Maria do Carmo vir?...

SEBASTIÃO (*sem mesmo olhar o relógio*)

Deve estar a chegar!...

D. ANTONIA

Queira Deus que não tarde... se não, acabo por morrer de pasmo!...

SEBASTIÃO *(num sorriso)*

Muito obrigado pelo aprêço que dás à minha companhia!...

D. ANTÓNIA

Bela companhia! Nem dou por ela! Aí enfronhado nessa livralhada, sem dar atenção a quem está!

SEBASTIAO

Tu tambem não dizes nada!... Estás lá na tua lida!...

D. ANTÓNIA

Pudera! Aquela desbocada deixou tudo num desatino! (*mal humorada, nervosa*) Eu só queria que vissem!...

SEBASTIAO

Mas deixa isso agora. Todos os dias são dias!...

D. ANTÓNIA

Para quê? Para olhar para ti?...

SEBASTIAO

E porque não?

D. ANTÓNIA

Ora! Lá vai tempo!...

SEBASTIÃO (*com um certo lirismo*)

Bom tempo!...

D. ANTÓNIA (*prêsa a recordações menos agradáveis*)

Julgam elas que ninguêm passa sem os seus préstimos! Fôsse eu só!...

(*Um silêncio*)

SEBASTIÃO (*pausadamente, depois de muito hesitar*)

Ouve, Antónia. Queria que me desses uma opinião sôbre uns projectos que eu tenho andado a fazer (*com satisfação*) e que me parece não serem nada maus...

D. ANTÓNIA (*num pressentimento agradável*)

A respeito de quem?...

SEBASTIÃO

Umas ideas que se me meteram, há uns tempos, na cabeça...

D. ANTÓNIA (*interessada, interrompe o trabalho, para ouvir melhor*)

SEBASTIÃO *(muito esperançoso)*

Para melhor e mais completo aproveitamento da nossa quintarola...

D. ANTÓNIA (*desiludida, retomando o trabalho*)

Ora! Ora! Cuidei que era outra coisa!...

SEBASTIÃO (*convincente*)

Mas ouve!...

D. ANTÓNIA *(indiferente, o seu breve entusiasmo por terra)*

Vai dizendo. Eu vou ouvindo...

SEBASTIAO

Tu sabes que no nosso terreno se dão lindamente as amoreiras...

D. ANTÓNIA (*nada, mesmo nada animadora*)

Sim. Bem podia dar-se outra coisa mais aproveitável!

SEBASTIÃO

Isso agora!... Depende...

D. ANTÓNIA

Nós não nos sustentamos de folhas de amoreira... Era bom, era... mas ainda não é moda!

SEBASTIÃO (*decidido*)

Ora aí está! Não as comemos nós, mas só com elas vivem...

D. ANTÓNIA (*levemente desdenhosa*)

Que eu saiba, só os bichos de sêda...

SEBASTIAO

Pois é claro. Já adivinhaste agora?

D. ANTÓNIA

Eu, não. Explica-te melhor, poderá ser que então...

SEBASTIAO

Nada mais simples. Ora eu pensei... em montar lá uma pequena indústria. (*pausadamente, a medir o efeito das suas palavras no rosto impassível da mulher*) Não me metia em grandes trabalhos... Já que temos as amoreiras, fazia-se uma casita própria, compravam-se os maquinismos necessários, e depois...

D. ANTÓNIA (*positivamente*)

E depois?...

SEBASTIÃO (*entusiasmado*)

E depois... Depois, com a ajuda de Deus, era a prosperidade, talvez a fortuna. Tudo aquilo bem tratado,

havia por fôrça de dar bons resultados. A sêda é um produto que, cada vez, tem mais procura...

D. ANTÓNIA (*concordando*)

Lá isso! Já não há criadinha reles que não calce meia de sêda...

SEBASTIÃO

Aí está uma prova de que é negócio para tentar...

D. ANTÓNIA (*concluindo o trabalho*)

Pois será!... Mas isso de bichos de sêda cheira-me a brincadeira de crianças!...

SEBASTIÃO (*sufocado*)

Ora essa! Em toda a parte do mundo se intensifica a sericicultura!...

D. ANTÓNIA

Estará tudo muito certo. Mas nós já não estamos novos para aventuras e o que temos para nós chega. Os outros... os outros que se arranjem, que trabalhem...

SEBASTIÃO (*persistente*)

Mas tambem não estamos velhos. E eu aborreço-me com esta vida. Sempre a mesma coisa: receber as rendas, passar pelo armazem, sem ir lá fazer nada de novo... O Manuel é que trata de tudo agora...

D. ANTÓNIA (*muito firme*)

E ninguêm o faria melhor!...

SEBASTIÃO

É certo. Mas eu é que não posso estar sem fazer nada...

D. ANTÓNIA (*desarmando a tábua, que encosta à porta, junto da estante, e começando a separar a roupa, para a guardar*)

Procura distracções, não procures trabalhos. Tudo custa muito dinheiro, pode haver uma doença, um azar qualquer e depois é que são elas...

SEBASTIÃO (*quási desanimado*)

Então... tu... Parece-te?...

D. ANTÓNIA

Não me parece nada. É contigo. Só o que digo é que vejas bem o que vais fazer. Pensa...

SEBASTIAO

Há tempos que não penso noutra coisa! Realmente, não vejo nada que...

D. ANTÓNIA

Então é melhor não pensares tanto. Julgas que tudo são rosas, mas as dificuldades não tardam depois a surdir... Faz o que entenderes, mas eu... (*noutro tom, ouvindo bater à porta*) Quem será?...

SEBASTIÃO (*levantando-se*)

Vou ver...

D. ANTÓNIA (*mais desembaraçada, já no corredor*)

Deixa, já cá estou...

SEBASTIAO (*um instante só, folheia de novo um livro, vagarosamente, pensativo*)

MANUEL (*de fora*)

Está cá o Padrinho?

D. ANTÓNIA (*entrando*)

Está aqui.

SEBASTIAO

Olá! És tu, rapaz? como vai isso?

MANUEL

Bem, obrigado. E o Padrinho? (*sorrindo*) Então não se lembra de que tem hoje audiência no Tribunal?

SEBASTIÃO

Hoje? Ah! È verdade! De todo me esquecia... *(contrariado)* Sempre me metem em cada uma! No meio daquela embrulhada, vá lá saber-se quem tem razão!

D. ANTÓNIA (*solícita*)

Vê lá, se vais faltar...

MANUEL

Não tem muito tempo, não...

SEBASTIÃO

Descansa... Ainda havemos de ser dos primeiros a lá chegar! *(entra no quarto contíguo)*

MANUEL (*depois, numa indiferença procurada*)

A Maria do Carmo não veio ainda?

D. ANTÓNIA

Ainda não. (*Com pronunciada malícia*) Dá-te muita pena?...

MANUEL (*sorrindo*)

Que quere dizer?...

D. ANTÓNIA (*satisfeita*)

Se te dá muita pena ao coração que a menina Maria

do Carmo não tenha regressado ainda do seu trabalho?...

MANUEL

A Madrinha tem ideas!...

D. ANTÓNIA (*ufana*)

A Madrinha tem olhos para ver e entendimento para perceber!...

MANUEL (*sempre com o mesmo sorriso calmo, pouco esperançoso*)

O quê?...

D. ANTÓNIA (*decidida*)

Ora deixa-te dessa cara de agonia e responde-me direito, que eu direita gosto de andar!... E' assunto que precisa arrumado e quanto mais depressa melhor. (*Sorrindo, animadora*) Quaes são as tuas tenções a respeito da Maria do Carmo?...

MANUEL (*perplexo*)

As minhas tenções a respeito da Maria do Carmo? Mas, sei lá, Madrinha!...

D. ANTÓNIA (*impaciente*)

Sabes e muito bem. Escusas de rodeios e vamos ao principal. Credo! homem... Até me fazes nervoso! Desembucha por uma vez!.. Ou queres que seja ela?...

MANUEL (*quási triste*)

Ela?!...

D. ANTÓNIA

Que sabes tu dela? Já lhe disseste o que te vai no pensamento? Já lhe falaste nisso? Não. Pois não? (*concludente*) Então has-de saber, muito bem, o que ela te responderia...

MANUEL (*serenamente*)

A Madrinha o disse, há pouco. São coisas que logo se conhecem!...

D. ANTÓNIA (*desconcertada*)

São coisas que logo se conhecem!... São coisas que logo se conhecem, mas... mas é nos outros, ora essa!... Ninguêm é bom juiz em causa própria!...

MANUEL

No entanto, neste caso, parece-me que eu vejo melhor do que ninguêm. Não duvido que a Maria do Carmo não me aborreça, me tenha até uma certa amizade... (*numa grande dúvida*) Mas daí a tomar-me de bom grado para marido!...

D. ANTÓNIA

Uns patetas é o que vocês são!... Põem-se a pensar demais, e, emquanto pensam, o tempo vôa!

MANUEL

Antes vôe numa esperança do que caminhe numa decepção!...

D. ANTÓNIA

Ai, como nós estamos! ... Vens hoje com o juizo ás avessas... Não temos nada feito! (*entra Sebastião*) Olha, o Padrinho já está pronto. Vai passear, vai, que te ha-de fazer bem; e á volta, se não estiveres pior, vem por cá jantar...

MANUEL (*sem recusar*)

Venho dar-lhe maçada!...

D. ANTÓNIA (*bem disposta*)

Qual! É verdade que a minha senhora criada resolveu dispensar os meus favores ... No entanto, mais um, menos um, tanto faz! ... (*apurando o ouvido ao ruido da porta que alguêm abre e torna a fechar, com cuidado*) E's tu, Maria do Carmo?...

MARIA DO CARMO (*ainda de fora*)

Sou eu, sim, minha tia!

(*Pelo rosto sereno de Manuel, um vislumbre de contentamento perpassa. Sebastião arruma cuidadosamente os livros, em cima da mesita*).

MARIA DO CARMO (*entrando, muito simples, muito alegre, a voz firme e acariciadora, na mão, junto à carteira, um livro embrulhado e um ramo de violetas; tôda ela um ar de primavera, fresca, sadia, luminosa*).

Boas tardes! *(para Manuel)* Ah! Temos visitas?

D. ANTÓNIA (*logo*)

E tu sem cá estares para as receber...

MARIA DO CARMO (*sorrindo*)

Venho ainda a tempo!...

MANUEL

Por muito pouco tempo!

MARIA DO CARMO

Vai-se embora?

MANUEL

Não tarda...

SEBASTIÃO

Maria do Carmo, és capaz de me arrumar êstes livros na estante, com muito cuidado?

MARIA DO CARMO (*prontamente*)

Sim, senhor. Pode ir descançado!...

SEBASTIÃO (*para Manuel*)

Bem, vamos então...

MANUEL (*com uma certa pena*)

Quando quiser...

D. ANTÓNIA

Não venham muito tarde!...

MARIA DO CARMO (*curiosa*)

Mas onde vão, a estas horas?...

MANUEL (*alegre, saindo com Sebastião e Maria do Carmo*)

Para um grande casarão, donde apetece fugir...

D. ANTÓNIA (*muito convencida, ao ver a sobrinha passar, correndo, no corredor*)

Digam que não... mas eu!... Uma criança!... Só se êle não quisesse!...

MARIA DO CARMO (*trazendo uma jarra onde põe as violetas, antes mesmo de tirar o chapéu*)

Não lhes invejo o passeio! Num dia tão lindo ir meter-se numa casa escura!...

D. ANTÓNIA

E' preciso!... (*olhando casualmente para o relógio*) Muito tarde vens tu hoje!...

MARIA DO CARMO

Vim a pé...

D. ANTÓNIA (*admirada*)

Porquê? Perdeste o dinheiro?

MARIA DO CARMO

Não; mas gastei-o noutro lado!...

D. ANTÓNIA (*numa severidade simulada, olhando o embrulho*)

Num livro, aposto...

MARIA DO CARMO (*rápida*)

E não perde!... Ficaram-se-me os olhos nele, quando

ia esta manhã para o escritório... Todo o dia não pensei noutra cousa ! A' tarde, logo que saí, fui buscá-lo, mas custou mais do que eu pensava e o que ficou não chegava para o carro. *(rindo)* Apenas uns tostõezitos para estas violetas que um garoto me ofereceu ! . . .

D. ANTÓNIA

Não podias tê-lo comprado amanhã. . .

MARIA DO CARMO *(infantil)*

Seria capaz de passar a noite em claro ! Era pior ainda. . .

D. ANTÓNIA

Já é de família a manía dos livros !. . .

MARIA DO CARMO

Êste estava mesmo a pedir que o trouxessem. *(desembrulhando-o)* Quere ver a capa ? E' um amor . . .

D. ANTÓNIA *(num olhar superior)*

E' uma lindeza ! Amanhã a outro sucede o mesmo e assim por diante . . .

MARIA DO CARMO

E' a forma de arranjar uma biblioteca ! . . .

D. ANTÓNIA (*com intenção*)

Não sei para quê ! . . . Um dia casas-te, hão-de sobrar-te grandes vagares para a leitura ! . . .

MARIA DO CARMO (*folheando o livro*)

Sempre se ha-de arranjar ! E mesmo, daqui até lá!...

D. ANTÓNIA

Quem sabe ! ?. . .

MARIA DO CARMO (*indiferente*)

Hum !, . .

D. ANTÓNIA (*numa profecia*)

A's vezes quando menos se espera ! . . .

MARIA DO CARMO (*rindo*)

Pode entrar-nos algum príncipe pela casa dentro! . . .

D. ANTÓNIA

E é preciso então não deixar fugi-lo ! . . .
(*Mas Maria do Carmo mal a ouve, embebida numa frase que a prendeu*)

D. ANTÓNIA (*ennerva-se, hesita, e decide-se, por fim*)

Ora deixa-me agora o livro e ouve lá uma coisa!. . .

MARIA DO CARMO (*atenta, mas sem largar o livro*)

Pronto. Diga lá!...

D. ANTÓNIA

E' um caso muito sério!... Se... (*embaraçada*) se o Manuel, um dia, te dissesse... Vamos! — isto mais vale ir direita ao fim! — te dissesse que gostava de ti, que pensava em casar contigo, que lhe responderias?...

MARIA DO CARMO *(perplexa)*

Eu?...

D. ANTÓNIA

Sim, tu. Alguma coisa havias de dizer!...

MARIA DO CARMO (*sinceramente*)

Desconfio que ficava muda, varada de espanto!...

D. ANTÓNIA *(descontente)*

Não sei porquê!...

MARIA DO CARMO

Nem eu, muito bem. Francamente, foi idea que, a sério, nunca me passou pela cabeça!...

D. ANTÓNIA

No entanto, já deves ter percebido que êle gosta muito de ti ! . . .

MARIA DO CARMO (*sem ligar muita importância ao caso*)

Tambem eu gosto ! . . .

D. ANTÓNIA (*exultando*)

Mas, então?...

MARIA DO CARMO (*com vivacidade*)

Gosto, mas não é para casar !

D. ANTÓNIA (*fixando-a, atónita*)

Se eu te percebo!... (*quási irada*) Não sei que mais possas querer! Um rapaz que não tem nada que se lhe diga, honesto, trabalhador ! . . .

MARIA DO CARMO (*sempre muito calma e firme, com razões que sobem do coração aos lábios, sem chegar ao raciocínio*)

Não contesto ! . . .

D. ANTÓNIA

Já com a sua vida organizada, o seu futuro — e um

belo futuro! — garantido, uns sentimentos como não é fácil encontrar nesses meninos que por aí andam a encher as esquinas e, além disto, gostando de ti a valer!...

MARIA DO CARMO

Isso, com certeza, é um pouco idea sua, minha tia!...

D. ANTÓNIA (*indignada, severa*)

Idea minha! Não, que eu nunca fui, nem dei agora em casamenteira de profissão! . . . Se pensei e te falo nisto, é porque entendo que êle é um excelente partido e gostava de te ver bem amparada no futuro!... (*numa insinuação, desconfiada*) Se te has-de inclinar para algum peralvilho que não tenha onde cair morto!...

MARIA DO CARMO (*garota*)

Se o Destino assim o quiser!...

D. ANTÓNIA

Raparigas! Tolices é o que fazem e pensam! (*custando-lhe a desistir*) Só o que eu gostava que me explicasses, é o motivo ou motivos porque não o queres!...

MARIA DO CARMO

Mas se eu não os tenho! Nem lhe sei bem dizer!...

D. ANTÓNIA (*encolerizada*)

Isso é uma patetice, não é razão que se dê! . . .

MARIA DO CARMO

Pois se eu não pensei ainda em casar, quanto mais no noivo !... *(rindo)* Palavra !... Não acredita ?...

D. ANTÓNIA (*consternada*)

O desgôsto que o pobre rapaz vai ter !...

MARIA DO CARMO (*incrédula*)

Ora ! Sabe o que êle tem ? Falta de ar !...

D. ANTÓNIA (*estupefacta*)

Falta de ar, menina ? Ora esta !... Francamente, nunca dei por isso !... E, de resto, não vejo que seja caso para...

MARIA DO CARMO (*rindo*)

Não é isso, tia. O ar que lhe falta é convivência e distracções ! (*numa relutância em admitir a hipótese*) Se fôr realmente o que a tia diz, é porque êle se encaminhou para aqui e radicou-se-lhe um dia a idea de que não ha, em Lisboa, mais raparigas do que eu ! . . .

D. ANTÓNIA

Mas se tu lhe bastas !. . .

MARIA DO CARMO (*sem se convencer*)

Porque hei de ser só eu ? Eu conheço-me muito

bem! Sei, melhor do que ninguém, que não sou uma raridade impossível ou difícil de encontrar, uma vez perdida!... Se êle em vez de passar todo o santo dia metido num armazem...

D. ANTÓNIA (*severamente*)

A tratar da sua vida e da do teu tio!...

MARIA DO CARMO

Sou a primeira a prestar-lhe essa justiça; mas ha-de concordar que não é vida que lhe faça conhecer muitas outras!...

1.ª VOZ (*de fora, colérica*)

Hé lá! Faz favor de ter cuidado com a água! Olhe a roupa!...

D. ANTÓNIA (*irritada*)

Isto é que são umas gralhas! (*voltando ao debate*) Mas, então... queres um marido bisbilhoteiro, hein? Sim, senhora, gabo-te o gôsto!...

2.ª VOZ (*galhofeira*)

Tem paciência, filhinha! Escorregou-me o alguidar das mãos!...

MARIA DO CARMO (*vivamente*)

Não é isso! Eu não trato agora de mim! Trato dêle...

1.ª VOZ *(irada)*

Está bem, está bem! E' apanhar depressa, que trabalho já cá ha muito...

D. ANTÓNIA (*cheia de nervos*)

Pois não parece!... (*sarcástica*) Mas continua, continua!... Estou gostando de te ouvir!...

2.ª VOZ

Vai já! Não te zangues que te fazes feia!...

MARIA DO CARMO (*um pouco nervosa, tambem*)

Se êle conhecesse mais raparigas como me conhece a mim... se quisesse observar, havia de ver, por fôrça, que eu não sou nenhuma preciosidade!... Mas, não; habituou-se a isto! Se é de um rapaz de vinte e seis anos, passar todos os serões a jogar as cartas com o tio e a preguntar-me o que fiz durante o dia! Se, em vez disto, fôsse passear um pouco, abrisse mais os olhos e tomasse mais interêsse pelos outros, já não julgava que o mundo inteiro se tinha aqui instalado! *(obstinada)* Como pode êle ter a certeza de que eu sou a Única, se não sabe se ha melhor ou pior? Não me convenço!... Não me convenço!...

D. ANTÓNIA (*fremente*)

Eu estou pasmada! Tanto palavreado e tanta tolice,

ao mesmo tempo!...? Tu sabes o que isso é, menina? São os livros a falarem pela tua boca... Tanta leitura, tanta leitura é que te faz mal! Imaginas que a vida é essas coisas bonitas que vêm nos romances, que tudo se passa como a gente quere e deseja! Estás muito enganada, minha rica filha!... Estás, naturalmente, à espera de algum ilustre personagem que te apaixonasse na leitura e que, mais dia menos dia, te cairá do céu, como por encanto!... (*num destruir de ilusões*) Vai esperando, minha linda!... Vai esperando como uma tonta, vai falando como um gramofone, que has-de ganhar muito com isso! Mais tarde te arrependerás!... E chora, então, se já não fôr tempo para haver remédio!...

MARIA DO CARMO (*perentória*)

Suceda o que suceder! O que eu lhe juro, o que eu juro a mim própria e a todos, é que não me caso sem amor!

D. ANTÓNIA (*fulminante*)

O amor é uma cantiga, menina!...

MARIA DO CARMO (*terrificada*)

Uma cantiga?...

D. ANTÓNIA (*rindo*)

Eu bem digo que tu não estás boa da cabeça! Não querem ver?! «Não me caso sem amor!...» Tu sabes lá

o que dizes e o que queres!... És uma criança, é o que tu és!...

MARIA DO CARMO (*obstinada, nervosa*)

Serei... mas...

D. ANTÓNIA (*conciliadora*)

Mas visto que é preciso mais êsse acessório, porque não has-de senti-lo pelo Manuel?...

MARIA DO CARMO

Porque é impossível!

D. ANTÓNIA (*alterada*)

Mas porquê? Explica-te por uma vez!...

MARIA DO CARMO

Mas se eu não sei!... Olhe, tia, eu não quero ser-lhe desagradável!... (*cada vez mais calma*) Agradeço-lhe muito êsse pensamento que não tem em vista se não a felicidade do meu futuro...

D. ANTÓNIA (*ainda amuada*)

Pelos modos com que falas, parece que não pensas o que dizes!...

MARIA DO CARMO

Essa proposta causou-me tanta surprêsa! Palavra que

nunca tinha pensado nisso, a sério!... Ás vezes, não digo que não, eu sentia, perto de mim, como que uma afeição a envolver-me, a buscar-me!... Essa idea atravessava-me então o espírito!... Mas tão leve, tão fugídia, que não consegui nunca dar-lhe perspectivas de realidade!... Era como se sonhasse, e, ao acordar, não soubesse bem com quê!... Não posso, não posso habituar-me! No entanto, prometo-lhe que farei todos os esforços, para pensar nela com muito juizo!... (*sem convicção alguma*) É possível que consiga até entusiasmar-me!...

D. ANTÓNIA (*mais satisfeita*)

Basta que o queiras um pouco!...

MARIA DO CARMO

Para isso tentarei até o impossível!... (*sorrindo, confiante*) Mas se o não conseguir, prometa-me que, depois, não me contrariará!...

D. ANTÓNIA (*radiante*)

Está bem!... Queiras tu... o mais!...

UMA VIZINHA (*chamando do pátio*)

Ó Sr.ª D. Antónia! Sr.ª D. Antónia!...

D. ANTÓNIA

Não me deixam em paz! (*caminhando para a janela*) Lá vou, lá vou, D. Perpétua!...

D. PERPÉTUA

Deite um fiozinho, faz favor! Quero dar-lhe uma carta que o correio deixou cá, por engano!

D. ANTÓNIA *(desenrolando o cordel, fora da janela)*

Aí vai êle! (*para dizer alguma coisa).* Sempre a dar-lhe maçadas, sr.ª D. Perpétua!...

D. PERPÉTUA

Ora essa! Maçada, nenhuma!...

D. ANTÓNIA (*enrolando o cordel*)

De quem será? Vamos lá a ver!... (*retirando-se*) Com licença, D. Perpétua, até logo, e muito obrigada!

MARIA DO CARMO (*vivamente*)

É da Mãe?...

D. ANTÓNIA (*abrindo-a*)

Não. (*numa grande alegria, vendo a assinatura*) Olha, de quem ela é! Da Micas, da nossa prima! Ha quanto tempo não a vejo!... Que dirá ela? Deixa lá ver!... (*a meia voz*) Minha querida prima... *(o resto perde-se num murmúrio inintelígível. Para Maria do Carmo, que devora o livro, aqui e além)* Tu não te lembras da Micas?...

MARIA DO CARMO

Não tenho grande idea!... Só me lembro de que era muito alegre!...

D. ANTÓNIA (*contentíssima*)

Pois é, coitadinha!... Diz que vem passar agora uns tempos conosco. Ainda bem! Já tinha saudades dela!... (*metendo a carta no sobrescrito*) Pega, se queres ler...

MARIA DO CARMO

Logo!...

D. ANTÓNIA

O pior é que vem já no princípio da semana e isto, sem criada, não tem geito!... Nem lhe posso dar a atenção devida!... *(cogitando)* Sou capaz de ír, agora, falar com uma que o padeiro me inculcou!... Tu vais arrumando isto e eu chego lá num instante!...

MARIA DO CARMO

Está bem!

D. ANTÓNIA

Vai pondo a mesa! O Manuel vem jantar!...

MARIA DO CARMO *(sorríndo)*

O meu futuro noivo!... É singular! Não ha maneira de supor que isto possa acontecer!...

D. ANTÓNIA (*entrando no outro quarto*)

Eu quero ver daqui a uns tempos!...

MARIA DO CARMO *(junto à mesita)*

Tanto livro!... ¿Por onde hei-de começar? *(numa vaga curiosidade, abre-os, distraidamente)*

D. ANTÓNIA (*aparecendo*)

Vê se começas com as leituras e te esqueces de tudo o mais! *(saindo)* Eu já sei o costume!...

MARIA DO CARMO *(atravessando a sala, com uma porção de livros)*

Vá sossegada, que ha-de encontrar tudo em ordem!

D. ANTÓNIA (*do corredor*)

Escuta! A porta não se fecha bem!... Fica encostada. Não te esqueças!...

MARIA DO CARMO *(depondo os livros na estante)*

Vou já fechá-la. (*volta à mesa e abre um livro*) Mais bichos de sêda? (*considerando, sorrindo*) Êste meu tio! Sempre a sonhar!... (*interessa-se pela leitura e esquece-se completamente da porta. No pátio, uma voz*

começa, pela terceira ou quarta vez, o seu reportório mais moderno). Hui! Já não posso ouvir esta cantiga infernal! (*Irritada, num movimento para se afastar, tropeça na mesita que se vira ruidosamente; muito consternada*) Ai! os livros! (*E sem lhe dar tempo a apanhá-los, a porta fronteira à janela abre-se, com violência, impelida por uma forte corrente de ar. A creada, fora, canta, canta desesperadamente, cada vez com mais fôrça)* Jesus! Que cataclismo! (*Tentando fechar a porta, faz deslizar a tábua que a ela se apoiava e que cai no chão com grande estrépito. Rindo*) Não haverá mais nada para fazer barulho? (*decidindo-se*) Ora! Deixem-se estar, que eu já venho pô-los em ordem! (*entra no outro quarto, fechando a porta atraz de si*).

(*Logo a seguir, Paulo aparece no corredor, em cabelo, com o aspecto zangado e violento de quem abandonou tudo, para galgar a escada a quatro e quatro. Entra depois de uma breve hesitação).*

PAULO (*investigador*)

Mas que é isto? As portas escancaradas, os móveis em estado de sítio!... *(furibundo)* Sim, senhores! Em bonito sossêgo me vim meter! Não podia ter escolhido melhor! *(passeando de um lado para outro)* Isto só a mim acontece! (*mais acalmado, quási arrependido*) E eu entro por aqui dentro!... (*de novo, numa ira*) Que me importa! Tanto direito tenho eu de entrar pela casa dos outros, onde não faço estrago algum, como os ou-

tros de entrarem pela minha cabeça, para afugentar, de vez, as ideas que lá estão! (*ao ver a porta começar a abrir-se*) Sempre quero ver, no fim de tudo, quem tem mais razão e mais desculpa!...

MARIA DO CARMO (*assombrada, tornando a fechar a porta, quási completamente*)

Valha-me Deus!... ¿Quem será êste homem?... (*depois, mais animada, mas sem ousar aparecer, a voz transmudada e bem forte, quási irritante, para impor respeïto e autoridade*) ¿Quem está aí?

PAULO (*para si*)

Apareça, se quiser sabê-lo!...

MARIA DO CARMO (*imperiosa*)

Quem está aí? (*Paulo não responde*) Faz favor de o dizer!...

PAULO (*já divertido*)

Se eu quiser!...

MARIA DO CARMO (*precipitadamente*)

Ora essa! Parece que está em sua casa!...

PAULO

Pouco mais ou menos!...

MARIA DO CARMO

Que diz ?...

PAULO *(rindo, numa voz de trovão)*

A divisão da propriedade já vai passando á história!... Agora, o que é teu é meu, o que é meu é teu, quando não é só meu!...

MARIA DO CARMO (*cheia de medo, procurando dominar-se*)

Linda prática!... Entrar pela casa de cada um, sem mais nem menos!...

PAULO

Peço perdão mas não forcei a porta! Encontrei-a aberta!...

MARIA DO CARMO (*para si*)

A minha cabeça no ar!... (*num arranco de coragem*) Mas, a final, que quere ? Diga depressa!...

PAULO (*numa bravata*)

Liquidar umas continhas!...

MARIA DO CARMO (*aterrada*)

Isso não é comigo, certamente! Nem é aqui! Afianço-lhe!... Posso jurar-lhe que não é!

PAULO

É sim, minha senhora! Eu bem ouvi e estou vendo!...

MARIA DO CARMO

É impossível! Enganou-se com certeza!...

PAULO

Não me enganei!...

MARIA DO CARMO (*sucumbida*)

Eu... eu... (*consigo*) Ai, que horror! (*desistindo da luta*) O' senhor, por amor de Deus vá-se embora!... Eu estou sozinha em casa! (*para si, completamente desorientada*) Se hei-de dizer-lhe que chamava todos! (*alto, suplicante, com a sua voz natural, apenas repassada de angústia*) Vá-se embora!... Por tudo lhe peço! Se não... se não... Eu chamo!... eu grito!... Chego à janela e ponho-me a gritar por tôda a gente que passar!

PAULO (*para si, com satisfação*)

Não é a D. Antónia, com certeza!... (*alto, com a voz natural, tambem, levemente protectora*) Mas, minha senhora, não se assuste!... Eu não sou nenhum malfeitor!

MARIA DO CARMO (*mais animada*)

Que veio então aqui fazer?...

PAULO

Devo-lhe todas as explicações! *(pouco entusiasmado com a perspectiva)* Mas assim, a falar sozinho! *(muito sincero, persuasivo)* Confesso-lhe que me seria muito mais agradável ver a pessoa, a quem tenho a honra de me dirigir, para então me desculpar!...

MARIA DO CARMO *(hesitante, num movimento para aparecer)*

Promete?...

PAULO *(um tanto irónico)*

Vamos, minha senhora, um pouco mais do coragem! En garanto-lhe, dou-lhe a minha palavra de honra, que nada tem a recear!...

MARIA DO CARMO *(decidida, abrinda com fòrça a porta)*

Sempre quero ver!...

AMBOS *(numa ligeira exclamação de surprêsa agradável)*

Ah!

MARIA DO CARMO *(rindo)*

¡Que poder o da imaginação e do terror! *(instintivamente sossegada, confiante, quási familiar)* Por detraz daquela porta, via-o... Eu sei lá! Via-o de pistola ou de punhal em punho!...

PAULO (*rindo tambem*)

Por Deus, minha senhora, não me atribua instintos tão sanguinários!

MARIA DO CARMO

Pela maneira como falou! Julguei que fôsse assim uma pessoa terrivel, de grande bigode, lenço ao pescoço e a boina enterrada!...

PAULO

Tal qual o que está vendo, não é verdade?...

MARIA DO CARMO (*exultando*)

Ainda bem!... Se não, morria de susto!...

PAULO

Mas, minha senhora, eu tambem, mal a vi, tive uma desilusão agradabilissima, se me fôr licito associar estas duas palavras!...

MARIA DO CARMO

Não a mesma, de certo!...

PAULO

Aproximada!... Pela voz que chamou em seu auxílio, pelos modos irritados, quási rabujentos, com que me nterpelou, imaginava-a muito diferentemente! Estive até,

vai não vai, a chamar-lhe D. Antónia!... (*muito convencido)* Não é o seu nome, pois não?...

MARIA DO CARMO *(rindo)*

É o da minha tia! Como o sabe?

PAULO

Muito facilmente!... Mas, primeiro, preciso cumprir a minha promessa, explicar a minha presença aqui!...

MARIA DO CARMO (*numa severidade simulada*)

È verdade!

PAULO

Como não ha mais quem o faça, dá-me licença que eu próprio me apresente, sim? *(de novo, muito persuasivo*) E, renovando-lhe a garantia de que não terá razões para se arrepender, ficar-lhe-ia infinitamente grato se condescendesse em fazer o mesmo!... (*designando-se*) Paulo Rafael!...

MARIA DO CARMO (*logo*)

Maria do Carmo!...

PAULO

Maior de vinte e dois anos!...

MARIA DO CARMO

Menor de dezanove!...

PAULO

Jornalista... ainda em projecto!...

MARIA DO CARMO

Dactilógrafa ou coisa parecida!...

PAULO

Apaixonado pela minha profissão!...

MARIA DO CARMO (*rindo*)

O mesmo não posso eu dizer!...

PAULO

E, finalmente, para abreviar, seu vizinho!...

MARIA DO CARMO (*admiradíssima*)

Como é isso possível?... Onde mora?...

PAULO

Justamente no prolongamento inferior destas quatro paredes!...

MARIA DO CARMO

E' parente da dona da casa?

PAULO

Não, minha senhora. Apenas seu hóspede, de-certo para ajudar a sustentar a bicharada!...

MARIA DO CARMO (*rindo*)

Que não é pequena!...

PAULO

E donde provêm a remota origem desta intrusão tão pouco cerimoniosa!...

MARIA DO CARMO

Fugiu algum para cá?

PAULO

Que eu saiba, não... Mas eu explico como aqui vim parar! (*muito naturalmente, como para uma pessoa conhecida, mesmo amiga*). Pelas circunstâncias da minha vida, que estou disposto a tomar muito a sério, eu precisava instalar-me num quarto pacífico, (*sorrindo, malicioso*) com vizinhança pacífica, onde, sossegado, pudesse conseguir um ambiente propício ao meu trabalho!... Num instante feliz de pesquizas por um jornal, um pequeno anúncio deparou-me esta. Vim vê-la e agradou-me. Preguntei à locatária. «Enfim, vamos ao essencial: ¿A casa é sossegada?» Não tardei a arrepender-me da minha ousadia. «Ora essa!—retorquiu-me, abespinhada—mais do que isto não sei que possa encontrar!» A veemência do protesto convenceu-me! Fiquei e, assim, desde ontem, sou seu vizinho. A minha secretária fica mesmo junto aquela janela. É onde ha mais ar e mais luz!...

MARIA DO CARMO

Mas sobram-lhe, então, razões para desesperar do sossêgo!...

PAULO

Não é verdade?...

MARIA DO CARMO

Inteiramente! Foi a cantoria da vizinhança que teve culpa dêstes desastres todos! (*apanhando os livros*) Deixa-me pôr isto em ordem! Não sei o que me parece!

PAULO (*ajudando-a*)

Minha senhora, ha-de permitir-me que... (*levanta prontamente a mesa e depois a tábua*) Deixo-a aqui?

MARIA DO CARMO (*sorrindo*)

Faz favor! Obrigada! (*explicando*) Estava muito interessada a ler!...

PAULO (*encantado, radiante*)

Gosta de ler?...

MARIA DO CARMO

Parece-me que é a minha única paixão!...

PAULO

O mesmo não acontece à máquina de escrever!...

MARIA DO CARMO (*vivamente*)

Ai, não! Seis horas metidas num escritório soturno, não é trabalho que me seduza muito!...

PAULO

Então?

MARIA DO CARMO

Se o tenho é porque preciso! (*garota*) Falando verdade, não é bem porque precise! Os meus tios davam-me tudo, muito além mesmo de necessário! Mas eu gosto de ser rainha de um pequeno mundo, onde só eu governe e dê leis! Alêm disto, e muito principalmente, como tenho de sair, dou um passeio muito agradável e vejo gente variada, todos os dias. È quási o meu único divertimento!...

PAULO

Um tanto original e pouco ambicioso!...

MARIA DO CARMO

Á falta de melhor! Olhe que a Vida é divertida!...

PAULO

Divertidissima, vá tendo essas ilusões!...

MARIA DO CARMO

Não é? Pelo menos, é sempre interessante!...

PAULO

Sobretudo para quem se interessa por ela!... Mas eu sou, absolutamente, dessa opinião! Por isso, contra todos os projectos formados pela minha família, depois de muito lutar, de muito convencer, eu escolhi muito livremente a vida que hoje sigo, e abandonei, com muita leviandade — confesso, sem me arrepender — a pacatez da minha vida minhota, pelo bulício tentador de Lisboa que, havia tanto, me seduzia!...

MARIA DO CARMO (*admirada*)

Não me lembro de ter já visto o seu nome!... Assina o que escreve?

PAULO

Não, minha senhora. Ha apenas seis meses, que mergulhei, de olhos fechados, no jornalismo! Tenho sido, apenas, um apagado narrador das banalidades de todos os dias, um impessoal taquígrafo das palavras alheias! Mas o meu Director descobriu a minha acariciada ambição e ofereceu-me, agora, uma coluna semanal para os meus artigos assinados e de assunto puramente facultativo. Estou radiante, como deve calcular! È amanhã a minha estreia!... É amanhã que eu vou sentir, bem, a tremenda responsabilídade de um nome, embora êle seja o meu!

MARIA DO CARMO (*interessadíssima*)

E pode saber-se de que vai tratar ou já tratou?...

PAULO

Se eu próprio não sei ainda!...

MARIA DO CARMO

È possível? Mas então?...

PAULO *(muito seguro)*

Então, ha-de se arranjar! Eu tenho tanta coisa na cabeça!... Tenho levado dias a perscrutar, a sentir o que em volta de mim se passa! Noites a coordenar ideas, a procurar palavras, a burilar frases, a ritmar periodos! Tenho um caos no pensamento: alegrias e tristezas, sombras e luminosidades, mas tudo vago, desconexo, desenfreado! Tinha por fôrça de escolher! Ha bocado, vim para casa, sentei-me à secretária, firmemente disposto a fixar-me, a aproveitar o tempo que ia fugindo!... Estive bem uma hora, com a cabeça entre as mãos, alheado de tudo o resto, a sossegar esta baralhada! Quando estava quási a consegui-lo... zás! a vizinha a chamar!...

MARIA DO CARMO *(rindo)*

Pela D. Antónia!

PAULO

Foi aí que eu descobri a identidade de uma das moradoras do segundo andar! Mas não foi só isso! Antes mesmo, parecía até de propósito. Era a criada a cantar, o gato a miar, o cão a ladrar, o canário a chilrear, o papagaio a conversar!...

MARIA DO CARMO

E' pena que não se inspire nos animaizinhos!...

PAULO

Naquela altura, se eu apanhasse a criada, o cão, o gato, o canário e o papagaio, era capaz de os estrangular, para ver se se calavam de vez. Mas depois de tudo isto, já eu estava desesperado e maldizia a minha sorte, quando senti por cima da cabeça um cataclismo a desvairar-me ainda mais, perdi o tino, não tive mão em mim! Abri a porta, galguei as escadas... e entrei por aqui dentro, sem saber, muito bem, para quê!...

MARIA DO CARMO

De-certo, para exigir que tivessem mais contemplações com o trabalho alheio!... E sou eu a primeira a pedir-lhe desculpa da enorme responsabilidade que me pertence, nesse desastre de inspiração!...

PAULO *(galanteador)*

A final, contrariamente aos meus primitivos e ferozes planos, parece-me que sou ainda eu que tenho de lhe agradecer!... Quem sabe?!... Sem êste desastre, por mais que eu quisesse, por muito que procurasse, a idea feliz, as palavras harmoniosas e justas, não surgiriam talvez nunca!... (*olhando, insensivelmente, as violetas esquecidas junto dêles*) Á minha imaginação transviada

em brumas, faltava, a aquecê-la e a perfumá-la, um raio de sol ... o perfume de uma violeta!...

(*Mal acabadas de proferir estas palavras, três pancadas ressoam, compassadamente, na porta da rua*)

MARIA DO CARMO (*sobressaltada, desaparecido dos lábios o sorríso despreocupado que neles pairava*)

A minha tia!...

PAULO

Então?...

MARIA DO CARMO (*inquieta*)

Ha-de ser bonito!...

PAULO (*mais confiante*)

É alguma fera a sua tia?...

MARIA DO CARMO (*rindo*)

Agora fera!... Mas tem génio, como tôda a gente! E desconfiada!... (*preocupada*) Quanto tempo não será preciso para explicar a sua presença aqui!... E o pior è que, de certo, não lhe dará razão! (*numa decisão*) O melhor é ir-se embora!... Ande! Vá depressa!...

PAULO

É impossível! Encontrar-me-ía na escada...

MARIA DO CARMO (*resignando-se*)

Valha-me Deus!...

PAULO *(rápido, numa idea)*

Espere!... Diga-lhe que sou... por exemplo!...

MARIA DO CARMO

Quem?

PAULO

Quem? Ora, vamos a ver, quem? Já sei!... (*cada vez mais depressa*) Deixe-me ver um livro qualquer, escuro, se puder ser...

MARIA DO CARMO (*procurando*)

Para quê? Que vai fazer?...

PAULO (*pegando-lhe*)

Vai ver! (*ríndo, agarrando num chapéu de homem que está numa cadeira*) Eu mando-lho depois pela janela! (*encaminhando-se para o corredor*) Vou para a cozinha e diga-lhe que sou o homem do gaz!...

MARIA DO CARMO (*entre receosa e divertida)*

Mas que idea! Como vai isto acabar?! (*recomendando-lhe*) Repare ao menos que é para a direita!...

D. ANTÓNIA (*de fora*)

Então que é isto, menina? A porta aberta! Eu bem digo! (*aparecendo*) Se não tenho razões para falar!...

MARIA DO CARMO (*precipitadamente, esforçando-se por conseguir uma atitude natural*)

Está cá o homem do gaz!... Vai já sair!...

D. ANTÓNIA (*descontente*)

Que veio cá fazer?...

MARIA DO CARMO

Não sei!...

D. ANTÓNIA

Andam sempre com visitas!...

MARIA DO CARMO (*a mudar de assunto*)

Então, arranjou a criada?

D. ANTÓNIA

Já ficou de vir amanhã. Não é bem o ideal! Ha-de ser muito senhora do seu nariz, capaz de pegar na mala à primeira palavra que se lhe diga! Emfim, até ver!... ¿Não veio mais ninguêm?...

MARIA DO CARMO

Ninguêm!...

D. ANTÓNIA (*tirando o chapéu*)

O homenzinho demora-se! Sempre quero ver o que veio cá fazer!...

MARIA DO CARMO (*aflita*)

Talvez esteja a arranjar alguma coisa!...

PAULO (*passando no corredor, muito disposto a ir-se embora, e com a voz o mais possível disfarçada*)

Boas tardes!...

D. ANTÓNIA (*chamando-o*)

Pst! Faz favor!...

PAULO (*retrocedendo, o cabelo despenteado para a testa, num breve disfarce, muito amável mas cauteloso*)

V. Ex.ª chamou?...

D. ANTÓNIA (*curiosa*)

O contador não estava bom?...

PAULO (*a medo*)

Estava!... Trabalha bem!... (*a um gesto desesperado*

de Maria do Carmo) Quero dizer... Trabalhava bem para a Companhia, mas mal para V. Ex.ª... Tinha... tinha uma fugazita ... uma coisita de nada, sem importância!... Mas aquilo, no fim do mês, era um dinheirão a mais!...

D. ANTÓNIA (*muito convencida*)

Bem me parecia que gastava, agora, mais gaz do que era costume!... Deitava sempre a culpa às criadas que nunca têm cuidado nenhum!... Mas, agora, vejo que o mal era do contador!...

PAULO

Não ha dúvida ... Eu lá o estive a arranjar!...

D. ANTÓNIA

Ficaria bem? Veja lá, assim sem ferramenta!

PAULO

Ficou!... Era um parafuso mal atarrachado, mesmo com a mão voltou ao seu lugar! (*para fugir a mais preguntas, retirando-se)* V. Ex.ª não deseja mais nada de mim, não?... Muito boas tardes!...

D. ANTÓNIA

Boas tardes! (*depois de ter ouvido fechar a porta*) Ainda há gente amável neste mundo!

MARIA DO CARMO (*rindo)*

Pois ha!... Já ficou convencida?...

D. ANTÓNIA (*consternada*)

Coitado!... Devia ter-lhe dado alguma coisa pelo trabalho!...

MARIA DO CARMO (*divertidíssima*)

Fica para outra vez!...

D. ANTÓNIA

Só se tu o conheceres!... Eu, por mim, não fixo ninguêm!...

MARIA DO CARMO (*numa expansão de regosijo*)

Se o tornar a ver, não o conhece?...

D. ANTÓNIA (*atónita*)

Não sei que tenha isso de extraordinário!...

MARIA DO CARMO *(caindo em si)*

Não admira, não! (*vai-se aproximando da janela*) *(D. Antónia entra no outro quarto)*

MARIA DO CARMO *(debruçando-se, e a meia voz, para Paulo)*

Depressa! Vá, agora!... (*entra-lhe pela janela o chapéu que vai caír ao meio da casa*) Que fôrça! Onde êle foi parar! (*vai para o apanhar mas a tia aparece de novo*)

D. ANTÓNIA (*muito admirada*)

Que faz aqui o chapéu do teu tio?...

MARIA DO CARMO (*sorrindo*)

Caíu, o pobrezinho! (*apanhando-o e afagando-o*) Felizmente, não lhe aconteceu nada!...

D. ANTÓNIA

Se estivesse guardado no seu lugar melhor seria!...

MARIA DO CARMO

É o que vou já fazer-lhe! (*escutando*) Lá vem o tio e o Manuel! (*sai voltando pouco depois*)

D. ANTÓNIA (*muito contente*)

Sempre veio! (*depois, para os dois que entram*) Que cedo vieram! Têm ainda muito que esperar!...

SEBASTIÃO

Não faz mal! Não te arrelies! Nós não temos pressa! (*sentando-se*) Uf! Sempre está um calor lá por fora!...

D. ANTÓNIA (*para Manuel*)

E tu não te sentas? (*impaciente com a sua atitude pouco desembaraçada*) É visita de cerimónia?...

MANUEL (*sorrindo*)

Já vai, Madrinha!..

MARIA DO CARMO *(muito alegre)*

Sente-se aqui, ao pé de mim, se não desdenha a companhia !...

MANUEL

Grande má !...

D. ANTÓNIA *(procurando a maneira de os deixar sós)*

Já puseste a mesa, Maria do Carmo ?...

MARIA DO CARMO *(desculpando-se)*

Ainda não ! Mas vou já !...

D. ANTÓNIA *(rapidamente)*

Deixa ... deixa. Eu vou então!... *(sai, satisfeitíssima)*

SEBASTIÃO *(logo)*

Com franqueza, Manuel, tu não és do meu parecer ? Não achas que faço bem em tentar esta experiência ?...

MANUEL *(frouxamente)*

Eu acho, sim, Padrinho !...

MARIA DO CARMO *(mais firme)*

Faz muito bem, sim, senhor !...

SEBASTIÃO

Pois vejam se dizem isso, à mesa!... A tia não está muito para aí lançada, e a mim, francamente, não ha nada que mais me aborreça e arrelie do que fazer alguma coisa que contrarie os outros!...

MARIA DO CARMO

Está combinado! Manuel, quando eu lhe fizer sinal, diga logo: Agora, não há negócio que dê mais que o dos bichos de sêda!...

MANUEL (*rindo*)

Assim, sem mais nem menos?

D. ANTÓNIA (*de fora*)

Sebastião, chega cá, fazes favôr!...

SEBASTIÃO (*saindo*)

Lá vou!...

(*Um silêncio*)

MARIA DO CARMO (*distraida*)

Que é isso, Manuel, porque está assim tão calado?

MANUEL

Estou à espera de que me diga alguma coisa!...

MARIA DO CARMO

Que hei-de dizer-lhe?... *(depois)* Sabe?... Não sei porquê, estou muito contente!...

MANUEL (*sorrindo*)

Logo se vê! Mas ainda bem!... *(pegando num embrulho que ha pouco largara)* Gosta de bombons?...

MARIA DO CARMO (*vivamente*)

Se gosto de bombons? Sou doida por êles!...

MANUEL (*oferecendo-lhos*)

Como tinha essa impressão, lembrei-me de lhe trazer alguns!...

MARIA DO CARMO (*radiante)*

Que maravilhosa lembrança! Quanto lha agradeço! (*abrindo a caixa*) Decididamente, tudo hoje me corre bem! (*comendo um*) São deliciosos! (*oferecendo-lhe)* Ora veja! Prove!...

MANUEL

São para si...

MARIA DO CARMO (*insistindo*)

Chegam bem!... ¿É preguiça de lhes tirar o papel, querem ver?... *(tirando-o a um, que lhe dá)* Diga, depois, que não sou boa pessoa!...

(*Neste momento aparece no corredor D. Antónia que, satisfeitíssima com o que vê, se retira logo*)

MANUEL (*convencido*)

É a melhor de que quantos há!...

MARIA DO CARMO

Hum! Quere que lhe diga? Sou uma peste!...

MANUEL

Tontinha!...

MARIA DO CARMO

Olhe que sou!... Mas, emfim, o que me consola, é que, para bem da humanidade, deve haver quem seja muito melhor do que eu!...

MANUEL

Duvido...

MARIA DO CARMO

Duvida?... (*tentando convencê-lo, muito brandamente, com sinceridade*) Ora, ouça cá!... Conhece muita gente, muitas raparigas?...

MANUEL

Algumas ...

MARIA DO CARMO

Quantas?...

MANUEL (*rindo*)

Mas que idea!...

MARIA DO CARMO

Pouco mais ou menos, é claro!...

MANUEL

Não sei!... (*um pouco intencional*) Eu vejo muita gente, mas quási não reparo!

MARIA DO CARMO (*quási assustada*)

Pois faz muito mal!... (*dá-lhe outro bombom*) Outro bombom, sim? Não diga que não!...

(*D. Antónia reaparece no corredor, faz um sinal a Sebastião que assoma tambem. E é quási apenas mímica o diálogo entre ambos*)

D. ANTÓNIA (*triunfante*)

Olha-os!...

SEBASTIÃO (*indiferente*)

É verdade!...

D. ANTÓNIA (*sorrindo*)

Deixêmo-los!... (*desaparecem de novo*)

MANUEL (*depois de aceitar*)

Agora, palavra que não quero mais!... Guarde-os para si!...

MARIA DO CARMO

Descanse, que ficam ainda muitos!...

(Um silêncio natural; um assunto que deu o que tinha a dar)

MANUEL (*quási decidido*)

Maria do Carmo, eu vou dizer-lhe uma coisa!...

MARIA DO CARMO *(a pensar noutra, os olhos nas violetas)*

Diga!...

MANUEL (*sem coragem*)

Eu ... eu... Não! Não digo! Mais vale não saber...

MARIA DO CARMO (*alheada*)

O quê?.., Diga sempre!...

MANUEL (*considerando*)

Não. Não digo! Estou agora contente, não quero deixar de o estar!...

MARIA DO CARMO

Se é alguma coisa triste não ma diga, então! Não queira fazer-me mal! (*pegando maquinalmente na jarra e sorrindo*) As tristezas, hoje, pairam muito longe!... (*e logo, numa expansão irreprimível*) Ah! Manuel! Como seria bom viver a vida inteira, como eu vivo êste instante!... Alegre, feliz, despreocupada, o presente a amimar-me, o futuro a sorrir-me!...

MANUEL *(muito sincero)*

Se dependesse de mim, Maria do Carmo, como poderia estar certa de que tudo isso lhe aconteceria!...

MARIA DO CARMO (*sorrindo*)

O perfume de uma violeta!... (*depois, directamente para Manuel, numa expressão radiosa, comunicativa*) Gosta de violetas, Manuel?... (*sem lhe dar tempo a responder*) São flôres que a chuva traz, já com o perfume da primavera!... Deve ser por isso que valem tanto!... Lembram o bom tempo, o céu luminoso e puro, quando estão ainda perto as tristezas do inverno!...

D. ANTÓNIA (*muito familiar, entrando com Sebastião*)

Vamos, meninos ... o jantar vai para a mesa!...

MARIA DO CARMO *(ligeira)*

Pronto. Vamos lá! (*pegando na caixa*) ¿Um bombom, tia?... Trouxemos o Manuel.

D. ANTÓNIA

Ah sim? Fez muito bem!... Mas agora, não!...

MARIA DO CARMO *(para Sebastião)*

E o tio?

SEBASTIÃO

Não. Não me fazem nada bem! Guarda para ti, obrigado!

(*Vão todos a saír, mas a criada, fora, recomeça a cantoria*)

MARIA DO CARMO (*estacando*)

Outra vez?!... (*e não dá mais um passo*)

D. ANTÓNIA (*estupefacta*)

O quê?!...

MARIA DO CARMO (*desesperada*)

Já não posso ouvir esta cantiga!...

SEBASTIÃO

Tambem eu não! (*filósofo*) Mas que se lhe há-de fazer?

D. ANTÓNIA

Ora, deixa! Vamos, agora, lá para dentro!...

MARIA DO CARMO

Mas mesmo de lá se ouve!... (*procurando uma razão*) Não posso, fico logo mal disposta!...

MANUEL

Não ha-de durar muito! Se não, pede-se-lhe e ela de-certo condescende em se calar!...

D. ANTÓNIA

Ora deixa-te de coisas! Valia bem a pena! Faz de conta que não ouves!...

MARIA DO CARMO (*indígnada*)

Nem deixam uma pessoa trabalhar!... (*suplicante*) Ó Manuel, faça-me êsse favor, peça-lhe que se cale! Doi-me a cabeça! Não posso ouvir barulho!...
(*A cantiga perde-se num — «lá vai!»*)

D. ANTÓNIA (*embasbacada*)

Já viram o disparate? Tu que tens, menina?...

MANUEL *(com paciência)*

Vê? Já se calou!...

MARIA DO CARMO (*escutando*)

De certeza?...

MANUEL

Ouve mais alguma coisa?...

MARIA DO CARMO

Tem razão! (*de novo, muito contente*) Bem, vamos então! *(e sai com Manuel)*

D. ANTÓNIA (*já pouco satisfeita, retendo Sebastião*)

¿Tu percebes uns reviramentos dêstes?...

SEBASTIAO (*saíndo*)

Ora! Tempestades! Tempestades de rapariga! Passam logo, não faças caso!...

D. ANTÓNIA (*pensativa*)

Tempestades? Serão!... Mas isto anda por aqui história e vamos a ver se me engano! O que é, não sei ainda! (*mais alto, muito convencida*) Mas que anda!... Oh! Isso anda, e a valer!... (*e segue-os, numa decidída atitude de aclarar, prudentemente, o pressentido mistério*)

FIM DO 1.º ACTO

SEGUNDO ACTO

Uma sala de jantar.

Ao Fundo, muito à esquerda, porta para o corredor.

A' Esquerda, outra porta de comunicação.

A' Direita, duas janelas que dão para o terraço.

Junto à parede do fundo, o guarda-louça recheado e reluzente de vidros e faianças. A' esquerda, o trinchante com as louças de uso. A mesa está posta com asseio e simplicidade. Já noite. Luzes acesas.

D. Antónia, Sebastião, Micas e Maria do Carmo acabam de jantar. Estão na sobremesa. Micas, forte, corada, sorridente, descasca tranquilamente um fruto.

MICAS

Pois é verdade! Isto até me parece impossível! Nunca julguei resolver-me!...

D. ANTÓNIA

Hà quanto tempo já cá não vinhas!...

SEBASTIÃO (*ufano*)

¿E veio achar grande diferença à nossa Lisboa, hein?... Quem a viu e quem a vê!...

MICAS

Credo! Nem se fala! Eu não sei como ha gente que se acostuma a andar, sem mêdo, por essas ruas! Tamanha confusão!...

MARIA DO CARMO

Isso parece, à primeira vista! Há-de ir dar um grande passeio comigo! Verá como é fácil!...

D. ANTÓNIA

Hum! Não te aconselho muito! Sò por milagre é que ela não ficou, aínda, debaixo de algum antomóvel! Mete-se ao caminho, sem olhar ao que vem!...

MICAS (*assustada*)

É preciso ter cuidado, filha!...

MARIA DO CARMO (*rindo*)

Não se assuste! Nunca me acontece mal!... Nossa Senhora do Carmo, minha madrinha, está sempre comigo!...

D. ANTÓNIA (*para a criada*)

Ó Gertrudes, deixe ver a máquina do café! (*Gertrudes põe a máquina em cima da mesa e sai, voltando pouco depois*)

MARIA DO CARMO

Já veio o jornal, Gertrudes?...

GERTRUDES

Ainda não, menina! É muito cedo!...

SEBASTIÃO (*interessado*)

Vem hoje algum artigo de Paulo?...

MARIA DO CARMO

Não sei! Parece-me que sim!...

D. ANTÓNIA (*preparando o café*)

Bem podia arranjar melhor ocupação o tal senhor Paulo!

MARIA DO CARMO (*muito calma*)

Ora essa! Cada um para o que nasceu!...

SEBASTIÃO

E tem habilidade, o rapaz!...

D. ANTÓNIA (*desdenhosa*)

Muita, não ha dúvida! A maior parte das vezes, chega-se ao fim, não se percebe nada do que se leu!

SEBASTIÃO (*com calor*)

Não, isso não!... E demais, está ainda em começos! Não admira! Tem às vezes muita poesía, talvez excessiva, não digo que não... mas...

D. ANTÓNIA (*servindo-o*)

Patetices, sem pés nem cabeça!... Pega lá!...

SEBASTIÃO

Não admira que se perca em fantasias! É novo!... (*lírico*) Na primavera da vida, só não faz versos...

D. ANTÓNIA (*muito secamente*)

Quem tem mais e melhor que fazer!...

MARIA DO CARMO (*um ar travesso*)

Esqueceu-se de mim, tia?

D. ANTÓNIA (*servindo-a*)

Pega lá! Pega lá!...

MICAS (*levantando-se*)

Ora, agora, se me dão licença!... Muito bom proveito!

MARIA DO CARMO

Vá até à varanda, prima! Corre lá um belo fresco!...

MICAS

Ah, isso vou! Fingir que mato saudades! (*numa recordação*) Eu não sei!... Eu estou muito bem, não me falta nada! Mas, chegando a esta hora, não tenho mão em mim que não me lembre da minha casa, das minhas galinhas para recolher, dos meus pombos a voltarem! Não sei! Estou habituada àquilo!...

MARIA DO CARMO (*levantando-se*)

Vamos então! Cá em baixo ha tantos pombos!

MICAS

E tão bem tratados! Aquela D. Conceição muito amiga é dos animaizinhos!...

D. ANTÓNIA

Chega a ser scisma tanta bicharada! (*começa a levantar a mesa. Maria do Carmo e Micas saem para a varanda*) Ó Gertrudes, venha buscar isto, para levar lá para dentro! (*exasperada, a meia voz*) Janela te valha, os outros que trabalhem! Bela vida!...

SEBASTIÃO

Deixa estar isso! A rapariga arranja!...

D. ANTÓNIA (*afadigada*)

Pois é! A rapariga é elástica, arranja tudo!...

GERTRUDES (*entrando*)

Já veio o jornal! (*acercando-se da varanda*) Menina Maria do Carmo, já cá está o jornal!...

D. ANTÓNIA (*impaciente*)

Ora deixe isso, agora, mulher!... Leve isto!...

SEBASTIÃO

Deixe ver!...

(*Gertrudes dá-lhe o jornal e sai. Maria do Carmo aparece logo*)

D. ANTÓNIA

Não sei, tambem, para que serão precisos tantos jornais cá em casa! Só para isso é uma renda!...

MARIA DO CARMO (*vivamente*)

Tio, empresta-me uma folha?...

SEBASTIÃO

Qual?

MARIA DO CARMO (*firme*)

A do meio! (*pega-lhe, percorre-a rapidamente e senta-se depois a lê-la, interessadíssima*)

(*Ouve-se retinir a campainha da porta*)

D. ANTÓNIA (*esperançosa*)

É capaz de ser o Manuel!

D. CONCEIÇÃO (*de fora*)

Dá-me licença, sr.ª D. Antónia?

D. ANTÓNIA

Ora essa! Faz favor de entrar!... (*entre dentes*) Temos, agora, visitas tôdas as noites!...

D. CONCEIÇÃO

Eu vou mesmo para aí! (*entrando*) Por amor de Deus, não façam cerimónia! (*cumprimentos a todos*)

D. ANTÓNIA

Então como tem passado?...

D. CONCEIÇÃO

Menos mal, graças a Deus! Por cá, tudo bem, não é verdade?...

D. ANTÓNIA (*severamente*)

Maria do Carmo, a sr.ª D. Conceição!...

D. CONCEIÇÃO (*acercando-se*)

Deixe-se estar, minha filha!... Deixe-se estar! (*o pedido é favoravelmente atendido*)

MICAS *(acorrendo)*

Ora viva a D. Conceição !... (*troca de beijos e aperto efusivo de mãos*) Sabe uma coisa? Talvez não acredite, mas eu estava encantada a ver os seus pombos! Que lindos! E tão mansinhos! Deixavam-se agarrar!...

D. CONCEIÇÃO

È a hora do recolher! Agora então veem, ainda, mais depressa! O Paulo — eu admiro a paciência daquele rapaz! — todas as tardes, é a sua distracção logo depois do jantar: vai para a varanda, chama-os, dá-lhes de comer, brinca com êles! E sempre tem um geito!... (*outro tom*) Mas eu vim cá mostrar-lhes um amorzinho! (*desachega de si o casaco e faz surgir um cãozito*) Agora é que êle está engraçado! (*levantando ao ar o animal entorpecido e beijando-o, de quando em quando*) Coitadinho do meu menino! Estava a dormir? Sentia-se bem? Pst! que é isso? Olhe para a gente!...

MICAS (*entusiasmada*)

Mas que perfeição! Já viu, prima? Que engraçado!...

D. ANTÓNIA (*indiferente*)

É bonito, é!...

D. CONCEIÇÃO (*pondo-o no chão*)

Já viu, Maria do Carmo?...

MARIA DO CARMO

Vou já ver!... *(depois de concluir a leitura, muito contente, batendo as mãos)* Ai, que pequenino!...

D. CONCEIÇÃO

Tem três meses! Mas é de raça, pouco mais cresce!

MARIA DO CARMO

Que focinhito engraçado! *(afagando-o)* Parece uma bola! Tão manso!...

D. CONCEIÇÃO *(oferecendo-lhe)*

Quere-o para si?...

MARIA DO CARMO *(encantada)*

Para mim? *(irresistível)* Pode ser, tia?

D. ANTÓNIA

É um brinquedo!...

MARIA DO CARMO *(ainda)*

Pode?...

D. ANTÓNIA *(sorrindo)*

Se tratas dêle! Não vás, depois, pô-lo a um canto!

MARIA DO CARMO

Não hei-de tratar! Ha-de ser muito bem ensinadinho!... (*para D. Conceição*) Como se chama êle?...

D. CONCEIÇAO

Agora, dá-lhe o nome que quiser!...

MARIA DO CARMO

Ainda não tinha?

D. CONCEIÇÃO

O Paulo já lhe chamava... nem sei o quê! Um nome qualquer, muito extravagante!...

MARIA DO CARMO (*decidida*)

Pois hei-de preguntar-lho! Não vale a pena mudar e assim mesmo é que eu gosto! Um que nenhum outro tenha!

D. ANTÓNIA (*friamente*)

Dá-te volta à cabeça, o animalzinho!...

MARIA DO CARMO

Hei-de pedir ao Manuel para lhe tirar o retrato! Oxalá êle venha cá hoje!...

D. ANTÓNIA

Há-de vir, certamente!...

SEBASTIÃO (*a cabecear*)

Já podia cá estar! Sempre jogavamos um bocadito! Ó Maria do Carmo, deixa-me ver as cartas, fazes favor! Vou fazendo uma paciência, emquanto êle não chega! (*levanta-se e abre a mesa de jogo junto da janela, de maneira a ficar iluminada e visível. Depois de Maria do Carmo lhe dar as cartas começa, resignadamente, a preparar uma paciência*)

MARIA DO CARMO (*pegando no cão*)

Que nome será?... Não sou capaz de adivinhar! (*depois, já menos absorvida pelos seus encantos*) Vou pô-lo a dormir, coitadinho!...

D. CONCEIÇÃO

Deixe-mo ver, filha. Êle está tão acostumado ao meu colo!...

SEBASTIÃO (*aborrecido*)

Sr.ª D. Conceição, o Paulo está lá em baixo?

D. CONCEIÇÃO

Está, com certeza!... Depois de jantar, quási nunca saí! (*com muita admiração*) Eu nunca vi rapaz

mais sossegado! De dia, lá vai para o seu trabalho! Mas de noite, ninguêm o arranca de casa! Vêem até, às vezes, os amigos buscá-lo, mas êle desculpa-se, e fica! Estou muito satisfeita! Não podia ter arranjado melhor! Muito amável, todo cheio de atenções!...

SEBASTIÃO (*com muita símpatia*)

É daquelas pessoas que não enganam, que se tratam logo como se as conhecêssemos ha muito tempo!

MICAS (*também*)

E depois, conversador e alegre! Nem parece de Lisboa!...

D. ANTONIA (*mais reservada*)

Donde é êle?

D. CONCEIÇÃO

Do Minho! Está cá ha pouco tempo!...

D. ANTÓNIA (*pensativa*)

È síngular! Aquela cara não me é estranha! Conheço-a, não sei donde!

SEBASTIÃO

Se êle não se aborrecesse e não tivesse que fazer, mandava-lhe pedir para vir cá um bocado!

D. ANTÓNIA (*descontente*)

Depois vem o Manuel!...

SEBASTIÃO

E que tem? Jogamos os três, sempre distrai mais!... (*obstinado*) Se êle quisesse vir!...

D. CONCEIÇÃO (*logo*)

Com certeza! Êle simpatiza tanto com o senhor! Está sempre a falar-me em si! E muitas vezes me tem dito! Não vem cá mais a miúde e com mais demora, porque tem mêdo de importunar! (*saíndo para a varanda*) Verá que, por convite, vem num instante!... Eu digo-lhe mesmo daquí. (*fora chama*) Paulo, Paulo!...

(*A campaínha retine de novo*)

D. ANTÓNIA (*pouco satisfeita*)

Ora aquí tens! Aí vem o Manuel! Não sei que precisão havia de...

MARIA DO CARMO (*logo*)

O Manuel até ha-de gostar!...

GERTRUDES (*entrando*)

É o sr. Paulo, cá de baixo!... Mandei-o entrar para a sala!...

SEBASTIÃO *(impaciente)*

Ora, valha-a Deus, mulher!... Tanta cerimónia! Mande vir para aqui!...

GERTRUDES *(saindo)*

Está muito bem!...

D. ANTÓNIA *(perspicaz)*

Eu sempre vejo coisas!... *(muito irónica, para D. Conceição que continua chamando)* Não se canse, D. Conceição! Não é preciso!...

PAULO *(entrando)*

Dão-me licença? Muito boa noite!...

SEBASTIAO *(radiante)*

Olá, caro Paulo! Que grande ausência!... Está zangado conôsco?...

PAULO

Que idéa!... Não! Tenho tido muito que fazer!... *(para D. Antónia)* Minha senhora, venho apresentar-lhe os meus cumprimentos de despedida!...

MARIA DO CARMO *(breve)*

Para onde vai?

D. ANTÓNIA *(exultante)*

Vai de novo para a sua terra?

(*Nos olhos de Maria do Carmo, uma ansiedade enorme transparece*)

PAULO (*sorrindo*)

Não, minha senhora! Eu volto! É questão de dias, oito, o máximo!... (*para D. Conceição que aparece com um «Ah! já cá está?»*) Sr.ª D. Conceição, recebi, ha pouco, instruções para partir mais cedo do que esperava! Vou já amanhã para Coimbra!...

MICAS

Para Coimbra? Conheço muito bem!... São duas horas, em automóvel, da minha terra!...

PAULO (*complacente*)

Se quiser de lá alguma coisa!...

MICAS

Não, obrigada. É só por falar!...

PAULO (*para D. Antónia*)

Estou às ordens, para tudo o que quiserem ...

D. ANTÓNIA (*friamente*)

Muito agradecidas, mas não precisamos de nada, nem queremos maçar!...

PAULO

A Maria do Carmo também não quere nada?...

MARIA DO CARMO (*sorrindo*)

Que hei-de eu querer ?...

PAULO (*insistindo*)

Nem de lá, nem para lá ?...

MARIA DO CARMO

O que eu queria, não pode ser !...

PAULO

Porquê ? Diga sempre !...

MARIA DO CARMO

Apetecia-me que me levasse também !... Já vê !...

D. ANTÓNIA (*furibunda*)

Tu, francamente, tens coisas, menina !...

MARIA DO CARMO

Gostava tanto de ver Coimbra ! Nunca lá fui e têm-me falado tanto nela!... Tambem, não asseguro que não tivesse uma desilusão ! Só tenho ouvido gabar-lhe as perfeições ! È o Mondego, é o Choupal, é Santa Clara, são os estudantes, é isto, é aquilo ! Hum ! Parece-me que é caso para desconfiar !...

MICAS (*entusiástica*)

Olhe que não é! Eu nunca vi terra mais linda! Isto aqui é maior, já se vê! Muito maior, mesmo! Mas, não sei, Coimbra sempre é outra coisa!... ¿E caras lindas, que por lá há!?... Raparigas do campo, mesmo!...

MARIA DO CARMO (*vivamente*)

Isso... em toda a parte!..,

MICAS (*sustentando*)

Olhe que têm fama e são bastante faladas as tricanas de Coimbra!...

MARIA DO CARMO (*resignadamente*)

É verdade!...

SEBASTIÃO (*rindo*)

Inspirações não lhe vão faltar!...

PAULO

Tenho essa esperança!... (*sincero*) Vou encantado com a minha viagem!...

MARIA DO CARMO (*quási amuada*)

Também nunca pára! Anda sempre num corropio, de um lado para o outro!...

SEBASTIÃO

Faz muito bem! Aproveite emquanto é novo e livre! Se se casa!...

D. ANTÓNIA (*logo*)

As mulheres não são nenhuns empecilhos!... Ora aí está! Imaginam que casam, para as terem sempre encafuadas em casa, e andarem, então, por onde muito bem lhes apetece!...

SEBASTIÃO

Ô filha, não é isso!... Mas a verdade é que uma pessoa casa-se... é muito bom, muito bom, mas perde logo a sua liberdade!...

PAULO

Ainda quando o sacrifício vale a pena!...

MARIA DO CARMO

Não ha nada que pague um sacrifício!...

PAULO (*sorrindo-lhe*)

Se não êle próprio quando deixa de o ser!... (*alegremente*) Mas decididamente, Maria do Carmo! Não me dê êsse desgôsto! Diga-me o que prefere...

MARIA DO CARMO

Que hei-de eu querer? Havia, mesmo, de servir de muito!... Naquela agradável barafunda, no meio de tan-

tas maravilhas, havía de se lembrar muito dos meus pedidos!...

PAULO

Garanto-lhe que...

MARIA DO CARMO

Não sei! Sei lá o que há-de ser!...

MICAS (*num alvitre*)

Umas arrufadinhas, menina! É a especialidade da terra!...

PAULO (*para Micas*)

Vê? A dizer que não queria nada! (*puxando de um livrinho e anotando*) Arrufadinhas para a sr.ª D. Micas...

MICAS (*rindo*)

Ora! ora! do que se havia de lembrar!... Eu não lhe disse isso para...

D. CONCEIÇÃO

Deixe! Eu por mim já lhe fiz as minhas encomendas! Êle fica todo satisfeito!...

PAULO

Satisfeitíssimo, é claro!... (*para D. Antónia*) Sr.ª D. Antónia, faça favor, sem cerimónia! Bem, não diz? Fica à minha conta! Eu saberei arranjar qualquer coisa que lhe agrade! (*para Sebastião*) E o meu caro senhor?...

SEBASTIÃO (*prontamente*)

Eu não me faço rogado! Uma colecção de bilhetes postais, com fotografias da cidade e dos seus monumentos! Faço de conta, depois, que também lá estive!...

PAULO (*escrevendo*)

Muito bem! (*para Maria do Carmo, e, desta vez, muito sincero*) Só falta, agora, a Maria do Carmo!...

MARIA DO CARMO (*um tanto triste*)

A Maria do Carmo não quere nada!... Quere apenas, que se dê muito bem por lá e que dê um grande passo na sua carreira!... (*depois, rindo*) Olhe, sabe o que eu quero? Mas ha-de prometer-me que será muito sincero, que não pregará mentiras!... Quero ler no jornal, todos os dias se puder ser, as suas impressões àcerca de Coimbra!... Bem vê, é uma maneira de ficar fazendo dela um juizo mais equilibrado!...

PAULO (*rindo*)

Eu prometo-lhe ser muito sincero. Mas não lhe posso garantir que seja verdadeiro! Ha sempre, em nós, uma fantasia, maior ou menor, que deturpa a realidade. Os olhos, com que eu admiro, não serão, talvez, equivalentes aos seus!...

MARIA DO CARMO

Não importa!... Eu tenho uma certa curiosidade de

conhecer a sua opinião àcerca do Mondego, do Choupal, dos estudantes, das tricanas ... (*rapidamente*) muito especialmente das tricanas!...

D. ANTÓNIA (*sacudida*)

Não sei porquê, essa esquisitice !...

MARIA DO CARMO

É sôbre as tricanas que divergem mais as opiniões ! (*para Paulo*) Se fizer o que lhe peço, de certo não se arrependerá !... Satisfazendo um caprichozito inocente, consegue alguns capítulos, sem grande trabalho!...

PAULO (*rindo*)

E é quási um livro que lhe ficarei devendo ! (*intencional, malicioso*) Da primeira à última página !...

MARIA DO CARMO (*rindo tambem*)

É verdade ! Tem de acabar por mo dedicar ! (*mas reparando no semblante nada satisfeito de D. Antónia*) Ó tio, então não queria jogar ?... Paulo, o tio queria jogar, não se importa de ser seu parceiro ?...

PAULO

Com todo o gôsto ! O que eu souber ! Á bisca ?...

SEBASTIÃO

Não ha mais parceiros!... Tu não queres jogar, pois não, Maria do Carmo?

D. ANTÓNIA (*logo*)

Vais agora aborrecer a pequena!...

SEBASTIÃO (*sem insistir*)

Pronto! Não se fala mais nisso!... (*sentam-se, depois de puxar a mesa mais para o terraço, quási de maneira a que só Paulo fique visível*) Aqui está-se melhor! Dê lá, então, para a bisca!... (*baralham, partem, dão as cartas e começam a jogar, pouco animadamente*).

(*Paulo distrai-se com freqüência, o que lhe vale amigáveis censuras do parceiro.*)

MICAS (*para D. Antónia*)

Se a prima não se importasse, íamos um bocadinho para a varanda. Não estou habituada a esta luz tão forte, começa a doer-me a vista!...

D. ANTÓNIA

Vamos!... Vou buscar um abafo para pôr pelos ombros! Queres que te traga algum?...

MICAS

Não, obrigada! Ao ar fresco estou eu afeita... (*sai para a varanda, com D. Conceição*)

D. ANTÓNIA *(para Maria do Carmo)*

Tu ficas?

MARIA DO CARMO

Por emquanto ... Quero coser um bocado, acabar o meu lencito! *(dispõe uma cadeira junto da mesa)*

D. ANTÓNIA *(saindo)*

Tanta pressa!...

SEBASTIÃO *(para Paulo)*

Hein, seu jogador? A primeira já cá está!...

MARIA DO CARMO

Quem ganhou?...

PAULO

Foi seu tio!...

SEBASTIÃO *(radiante)*

Pudera! E olhe que não foi a sorte que me ajudou! Mas você é um distraído! Vamos, dê là, para ver se consegue a desforra!...

MARIA DO CARMO *(no momento exacto em que D. Antónia vem a entrar)*

Vêja lá, Paulo, se quere levar um capote!...

D. ANTÓNIA (*da porta*)

Maria do Carmo !...

MARIA DO CARMO (*aproximando-se*)

Minha tia !?...

D. ANTÓNIA (*vivamente*)

Has-de fazer-me o favor de acabar, depressa e de uma vez para sempre, com essa sem-cerimónia de tratamento ! (*indignada*) Paulo, assim, sem mais nem menos !... Por êsse andar, não tardaria muito que estivessem no tu cá, tu lá ...

MARIA DO CARMO (*travêssa*)

Era muito mais prático ! A senhoria é tão aborrecida, tão complicada !...

D. ANTÓNIA (*sacudida*)

Seja ou não seja ! Farás o favôr de a empregares e de a fazeres empregar, pelo menos na minha presença ! (*desconfiadíssima*) Segundo julgo e quero crer, estão nêste caso tôdas as vossas conversas !...

MARIA DO CARMO (*muito firme*)

Pode estar absolutamente certa disso !...

D. ANTÓNIA

Pois fica assim decidido ! Lembra-te, mesmo, de que o Manuel não havia de ficar muito satisfeito se...

MARIA DO CARMO (*vivamente*)

Que tem êle com isso?...

D. ANTÓNIA

Que tem êle com isso? Ora esta!... Tu já te esqueceste da nossa conversa, daquilo que prometeste?

MARIA DO CARMO

Sei lá o que prometi!... Mas, com certeza, nada que lhe desse direitos a fechar-me a boca! E de mais, tia, é melhor arrumarmos êste assunto!... Por mais que eu procure, por mais que pense, não consigo encarar o Manuel senão como o amigo que êle é hoje!...

D. ANTÓNIA (*exasperada*)

Não digas tolices! Não digas tolices! Tempo de sobra já tens tido para pensar!... ¿Sabes o mal que êle faz? É ser sincero, é não se fazer desejado, é gostar de ti a valer! Se levasse o caso de brincadeira e de sorrisos, só palavriado e mais nada, outro galo cantaria, então!... Mas isto não fica assim!... ¿Tu cuidas que me fazes ninho atraz da orelha?...

MARIA DO CARMO (*estupefacta*)

Eu?...

D. ANTÓNIA

Estás muito enganada!... (*indicando Paulo*) Eu te garanto! Aquele bonifrate é a última vez que põe cá os

pés! Hei-de ensiná-lo, bem ensinadinho, a escolher sítios melhores para endoidar a cabeça das raparigas sossegadas!... Oh! isso, hei-de! Tão certo como eu ser Antónia! (*triunfante*) ¿Pois tu pensavas que eu não tinha olhos para ver?...

MARIA DO CARMO (*recobrando ânimo*)

Mas para ver o quê?...

D. ANTÓNIA (*sarcástica*)

O teu tio com a ingenuidade de supor que é pelos seus bonitos olhos, que o príncipe nos não larga a porta!...

MARIA DO CARMO (*astuciosa*)

Pois pelos meus é que não é!... Nem tinha de quê!...

D. ANTÓNIA

Seja como fôr. Mas para evitar mal-entendidos!

MARIA DO CARMO

Êle agora vai-se embora!... Amanhã já cá não vem!...

D. ANTÓNIA

Melhor! Poupa-me o desagradável trabalho de ser menos delicada!... (*ameaçadora*) Mas vê lá como procedes!... (*encaminhando-se para a varanda*) Não vens?...

MARIA DO CARMO (*indicando-lhe o lenço*)

Tenho isto para acabar! *(e senta-se, sem mais explicações, mas quási de costas para Paulo que, mal sente D. Antónia desaparecer, traduz num olhar mais demorado a sua surprêsa por esta posição).*

SEBASTIÃO (*pouco entusíasmado*)

Não ha que ver! Você hoje não faz nada!...

PAULO (*ainda menos*)

É verdade! Não ha maneira!...

SEBASTIAO

Veja lá... O melhor é acabarmos com isto! Se ha-de estar aborrecido por...

PAULO

Como quiser! Mas, por mim...

SEBASTIÃO

Eu tambem não estou, hoje, com muita paciência!...

PAULO

Estranha o parceiro! (*e, depois de um olhar mais suspiroso para Maria do Carmo, cogita na maneira de poder falar-lhe*)

SEBASTIÃO (*protestando*)

Não, isso não! Mas, para mais, você hoje precisa descansar cedo, para amanhã acordar bem disposto!

PAULO (*vivamente*)

É um engano! Quanto menos durmo, mais esperto acordo! Não posso deitar-me cedo! Tenho insônias, e é preciso então recorrer a um livro, para não morrer de aborrecimento!...

SEBASTIÃO

Agora por livros!... É capaz de me emprestar alguns, para eu ir lendo emquanto você cá não está?...

PAULO (*levantando-se*)

Ora essa! Estão todos às suas ordens!... (*vai-se aproximando de Maria do Carmo*)

SEBASTIÃO (*levantando-se tambem*)

Não são precisos muitos! Só para um bocadinho à noite! (*sai para voltar pouco depois*)

PAULO

Maria do Carmo, não posso vê-la assim tão sisuda!...

MARIA DO CARMO

Estou de castigo! Emquanto coso não falo!...

PAULO

Não fala, não olha !... Francamente, venho eu, aqui, quási unicamente para lhe falar e, a final, ponho-me a jogar as cartas, sem sequer lhe ouvir a voz !

MARIA DO CARMO (*rindo*)

Dê graças a Deus por não a ter ouvido !... Nem a minha nem a de mais alguêm !...

PAULO

Porquê ?... Diga lá !... Eu quero saber !...

MARIA DO CARMO

Cale-se !... (*malíciosa*) Olhe o meu tio que está à espera da sua interessante palestra !...

PAULO (*impaciente*)

O tio ! Ora o tio !... ¿ Êle não tem nada que fazer ?...

MARIA DO CARMO (*positiva*)

Nada !...

PAULO

Veja se se lembra de alguma coisa ! Eu puxava a conversa para o assunto e talvez êle se resolvesse a prescindir, voluntariamente, da minha eloqüência !...

MARIA DO CARMO (*implacável*)

É escusado!... A noite é destinada ao descanso.

PAULO (*contrariado*)

Maria do Carmo, eu preciso falar-lhe!...

MARIA DO CARMO

¿ Não é o que está fazendo? (*num susto quási real*) Valha-me Deus!... Se a minha tia aparece por aqui!...

PAULO (*decidido, risonho*)

Seja como fôr!... Mas garanto-lhe que hei-de fazer com que o seu tio nos deixe em paz!...

MARIA DO CARMO

Coitadinho! ¿ Que mal nos fêz êle?

PAULO (*para Sebastião*)

Meu caro senhor, vou buscar-lhe os seus livros! Não me vá esquecer, à última hora!...

SEBASTIÃO

Deixe, não se vá maçar! Tem muito tempo! Se se esquecesse, era o mesmo! Não havia guerra por isso!

PAULO (*rápido, saíndo*)

De maneira nenhuma! Tanto mais que tenho o pres-

sentimento de que vai gostar muito dêles! Trago-lhe alguns romances, um livro de viagem e dois de versos!...

SEBASTIAO

Está muito bem! Eu sou doido por versos! *(numa saudade)* Quando era novo, cheguei mesmo a fazer alguns! Depois... *(e a frase acaba-se por um gesto vago)* *(Paulo tem já desaparecido)*

SEBASTIAO

Êste rapaz é o cúmulo da amabilidade!

MARIA DO CARMO *(exultando)*

Não custa muito descer dois lanços de escada!...

SEBASTIÃO *(sentando-se)*

O Manuel é que não sei o que tem! Não aparece!

MARIA DO CARMO *(numa vaga pena)*

Não tem podido, talvez!... *(depois, pensativa)* ¿Porque será, meu tio, que nem todos são felizes?...

SEBASTIÃO

Sei lá, filha! Destinos de cada um!...

MARIA DO CARMO

E não haver maneira de os transformar!...

SEBASTIÃO

Cada um nasce com a sua sorte! E já é uma grande felicidade não se desesperar, e ter a fé a acompanhar-nos!... Sempre se arranja um bocadinho de tempo para imaginar as coisas como nós quereríamos que elas fôssem, mas que, a maior parte das vezes, nunca são!...

MARIA DO CARMO (*aterrada*)

Nunca?...

SEBASTIÃO (*serenamente*)

É raro!... Pensa-se uma coisa e, vai-se a ver, sai-nos outra!...

MARIA DO CARMO

Pior?...

SEBASTIÃO

Quási sempre!...

MARIA DO CARMO

E quanto isso ha-de custar! (*para si, penalizada*) Se eu pudesse! (*com muito custo*) Eu posso!... Podia!... (*numa sinceridade mais forte. quási violenta*) Mas, não! Não posso! Não tenho coragem!...

PAULO (*entrando*)

Aqui estão! (*depondo, junto de Sebastião, uma pilha de livros*) Tem muito por onde escolher!...

SEBASTIAO *(rindo)*

Tudo isso?

PAULO (*rapidamente*)

São todos muito bons. ¿ Quere ver?...

SEBASTIÃO

Deixe estar, eu depois vejo !...

PAULO (*teimoso)*

Tenho a certeza de que vai gostar ! (*metendo-lhe um livro nas mãos*) Êste é novo, foi posto à venda, ha muito pouco tempo !... É de um rapaz cheio de talento !...

SEBASTIÃO (*amável, sincero*)

Como um outro que eu conheço !...

PAULO *(inamovível)*

Tem sonetos que são maravilhas ! (*indicaudo um, ao acaso*) Aqui está êste, por exemplo !...

SEBASTIÃO (*atalhando*)

Ai, não leia alto ! (*vegando no livro, rendido*) Gosto muito mais de os ir saboreando com os meus olhos !...

PAULO

Depois me dirá se eu não tinha razão !...

SEBASTIÃO (*pondo os óculos*)

Vamos, então, a ver! (*absorve-se na leitura*)

PAULO (*vitorioso, aproximando-se de Maria do Carmo, e pegando na caixa de costura*)

Diz-me, agora, alguma palavra, faz favor!...

MARIA DO CARMO

Que ha-de ter a amabilidade de deixar em paz as minhas linhas! Embaraça-mas tôdas!...

PAULO

Embaraçadas estão elas! (*sentando-se*) Ha-de dar-me licença! Vou arrumar-lhe a sua caixa de costura (*esvasiando-a, para cima da mesa*) ¿Não tem segredos, não?...

MARIA DO CARMO

Se eu os tivesse, não andavam por aí¡...

PAULO (*enrolando as linhas*)

Ha-de concordar que tenho um certo geito!...

MARIA DO CARMO (*rindo*)

Muito! (*olhando-o, o trabalho paralizado*) Desta vez é que a minha caixa fica um primor!

PAULO (*picando-se*)

Ai! Isto é que não tem graça!... as suas agulhas são pouco amáveis!...

MARIA DO CARMO

Picou-se?...

PAULO

Por sua causa!...

MARIA DO CARMO (*inquieta*)

Deixe ver!...

PAULO

Foi um arranhão!...

MARIA DO CARMO

Esprema!...

PAULO (*obedecendo-lhe*)

Não deita sangue!...

MARIA DO CARMO

Antes deitasse! Assim, pode infectar!...

PAULO

Não me diga isso! Logo na mão direita!... ¿Como havia eu de escrever? (*sorrindo*) Pobres tricanas!... Lá ficavam sem o meu panegírico apaixonado!

MARIA DO CARMO (*levantando-se*)

Eu não quero que elas sofram êsse desaire! Vou desinfectar-lhe isso. (*sai*)

PAULO (*rindo*)

Maria do Carmo, isto não vale nada! (*para Sebastião*) Então, tem gostado?

SEBASTIÃO

Imenso! (*numa desculpa, em que ha uma certa cumplicidade*) Não lhe tenho dado atenção, mas você é que teve a culpa! (*sorrindo*) Meteu-me o vício nas mãos!

PAULO

Não vê? Estou a trabalhar, a arrumar a caixa de costura de sua sobrinha!...

SEBASTIÃO (*rindo*)

Há!... Há! Deve ficar bem arrumada!...

PAULO

Deixe-me, depois lhe mostrarei como ela fica!

MARIA DO CARMO (*aproximando-se*)

Doi-lhe ainda muito? (*põe em cima da mesa uma tijelinha e um pouco de algodão em rama*) Vá! Ponha!...

PAULO (*estendendo-lhe a mão*)

Tenha paciência e caridade! . . . Para isso é que eu não tenho habilidade nenhuma!...

MARIA DO CARMO (*pegando-lhe no dedo*)

Foi aqui?

PAULO

Parece-me que sim!...

MARIA DO CARMO (*lavando-o*)

È tão grande que nem dá pelo mal!...

PAULO

Uff!... Está quente!...

MARIA DO CARMO

Para ficar bem curado... e de vez!...

PAULO

Por que preço!...

MARIA DO CARMO

Vejam a coragem!... (*enxugando*) Pronto!...

PAULO (*consternadíssimo*)

Acabou-se?...

MARIA DO CARMO

Tem pena? (*indo pôr tudo em cima do trinchante*) Não tenha, agora, o capricho de recomeçar!

PAULO

Não quero dar-lhe mais trabalho! (*examinando o conteùdo da caixa*) Hum! Não haverá por aqui segredos, mas ha, talvez, recordações!...

MARIA DO CARMO (*acorrendo*)

Que diz?...

PAULO (*sorrindo*)

O que penso!... (*erguendo, triunfante, uma violeta murcha).* Uma violeta já sequinha! Não creio que seja para enfeitar algum vestido!...

MARIA DO CARMO *(confusa*)

Sabe lá!...

PAULO (*radiante*)

Ha quanto tempo a tem aqui? Qererá dizer-me?...

MARIA DO CARMO

Curioso! tudo quere saber!...

PAULO

Diga!...

MARIA DO CARMO *(numa indiferença visivelmente simulada)*

Nem sei! Ha já algumas semanas, certamente!...

PAULO *(insistindo)*

Ha quantas?...

MARIA DO CARMO

Não sei! Não tomei conta...

PAULO *(malicioso)*

E se eu adivinhar?

MARIA DO CARMO *(rindo)*

Presunçoso!...

PAULO

Sem razões?...

MARIA DO CARMO

Quem lhas deu?...

(O sussurro de vozes muito próximas corta a resposta de Paulo)

D. CONCEIÇÃO *(entrando com D. Antónia)*

Não, muitíssimo obrigada!... Eu vou para baixo, tratar de alguma coisa que o Paulo precíse!...

D. ANTÓNIA

Eu tenho muita pena, mas assim!... (*num movimento de desagradável surpresa, interrompe-se, ao ver o grupo formado por Maria do Carmo e Paulo*)

MICAS (*um pouco maliciosa*)

Êle nem se lembra de que tem de partir!...

D. CONCEIÇÃO (*sorrindo*)

Mocidade!... Mocidade!... (*para Sebastião que se levanta, açodado, a despedír-se*) Faz-me o favor de se deixar estar!...

SEBASTIÃO

Ó minha senhora!... (*vai sentando-se*)

MARIA DO CARMO (*levantando-se*)

Vai-se já embora? (*e fica perplexa, um tanto receosa com o gélido aspecto da tia*)

D. CONCEIÇÃO

São horas, minha filha!... Até já, Paulo. Olhe não se esqueça da hora do comboio!...

PAULO

Eu não me demoro! Vou já.
(*Saem D. Antónia, Micas e D. Conceição*)

PAULO (*rápido*)

Maria do Carmo, eu presumo, tenho a certeza de que é este um dos últimos momentos, em que poderemos falar a sós. Diga-me... ¿ Que sou eu para si ?...

MARIA DO CARMO (*enleada*)

Mas... uma pessoa muito simpática !...

PAULO (*impaciente*)

... Com quem se gosta de conversar, por passatempo, talvez porque é alegre, pouco rabujento !... Tá...tá...rá ! Tudo isso eu já sei !... ¿ Mas... nada mais ?...

MARIA DO CARMO

Mais ?...

PAULO (*exasperado*)

Pronto ! Aí vem a sua tia ! Só por castigo, francamente ! Até me despedir, fico pregado numa cadeira, de boca fechada e olhos imóveis !...

MARIA DO CARMO (*rindo*)

Gostava de ver se era capaz de o conseguir !...

D. ANTÓNIA (*entrando com Manuel*)

Julguei que já não vínhas !...

MANUEL

Não pude vir mais cedo!...

D. ANTÓNIA

Maria do Carmo, está aqui o Manuel!...

MARIA DO CARMO

Olá, Manuel! (*vivamente, numa precaução*). Tão tarde?... Não é costume!

MANUEL (*logo, vendo Paulo*)

E com muito pouca demora!...

MARIA DO CARMO

Vem, assim, com tanta pressa?

D. ANTÓNIA

Senta-te um bocado, tomas chá comnôsco!

MANUEL (*firme*)

Não posso, madrinha. Estou mal disposto, vou para casa. Como passei por aqui, vim só saber como estavam. (*para Paulo, despedindo-se*) Meu caro senhor!...

PAULO (*sisudo*)

As suas melhoras!...

MARIA DO CARMO *(rindo)*

Deixe-se estar, tia! Já deve estar cansada de tanto andar o corredor!... Eu vou acompanhar o Manuel!...

D. ANTÓNIA *(logo)*

Pois vai tu, vai!...

MANUEL

Não é preciso! Deixe-se estar!...

MARIA DO CARMO

Eu vou!... (*sai com Sebastião e Manuel*).

D. ANTÓNIA (*imediatamente)*

Podes e deves mais do que eu!...

MICAS (*numa dúvida*)

¿Ó prima, será verdade que êles...

D. ANTÓNIA (*vivamente*)

Que êles se casarão?... (*afectando uma confiança que está muito longe de sentir*) Certamente!... E não ha-de faltar muito!... Já agora, vamos para fora e depois, à volta, se pensa então no casamento!...

PAULO *(atónito)*

¿Vai-se casar a Maria... a menina Maria do Carmo?...

D. ANTÓNIA *(reprimindo um sorriso de triunfo)*

¿Não sabia?...

PAULO *(brusco)*

Não! ¿ Com quem?...

D. ANTÓNIA *(melíflua)*

Ora, é facil de ver! Com o meu afilhado Manuel!... É um excelente rapaz, solidamente estabelecido, com uma fortuna razoável!... Gostam muito um do outro e é um belo futuro para ela!... *(acentuando, lígeiramente)* Como não poderia encontrar outro!... *(para Maria do Carmo que vem a entrar, e fitando-a, inquisitorial)* Maria do Carmo, que cabeça a tua! Ainda nem te lembraste de participar a êste senhor o teu casamento?...

MARIA DO CARMO *(rindo)*

O meu casamento?...

D. ANTÓNIA

Sim! Embora não esteja ainda a data fixada, é escusado guardar segrêdo!...

MARIA DO CARMO

É claro!... *(sorridente, para Paulo, exasperado)* Pois não sabia que eu ia casar-me?... É verdade!... Estou perdida de amores pelo meu futuro noivo, a pesar dêle ter muito mau génio, de quando em quando!...

D. ANTÓNIA (*secamente*)

Isso... todos têm!...

MARIA DO CARMO

Certo! Mas, vá lá! Como julgo que tem qualidades e aptidões para contrabalançar os defeitos, espero que nos havemos de dar muito bem, que seremos muito felizes!...

D. ANTÓNIA

Quando não o fôsses com o Manuel, não sei com quem o poderias ser!...

PAULO (*despedindo-se*)

Sou eu o primeiro a desejar-lhe muitas felicidades!...

MARIA DO CARMO (*sorrindo, retendo-lhe a mão*)

Ninguem o diria!... Com essa cara!...

PAULO (*desprendendo-se*)

Tenho a infelicidade de não ter outra!...

SEBASTIÃO

Veja lá se lhe farão falta os livros!...

PAULO

Ficam à sua inteira disposição!...

SEBASTIÃO

Obrigado! (*apertando-lhe, efusivamente, as mãos*) E muito boa viagem!

PAULO *(para D. Antónia)*

Minha senhora!...

D. ANTÓNIA *(com o mais amável dos sorrisos)*

Eu acompanho-o!... Eu acompanho-o!... (*terminante, para Maria do Carmo que tenta segui-la*) Não, menina, não é nada conveniente! A prima fica sozinha! (*Sai com Paulo e Sebastião*)

MARIA DO CARMO (*quedando-se, numa grande decepção*)

Esta agora!... (*depois, numa alegre reviravolta, cheia de confiança)* Há-de ganhar muito com isso, deixe estar!... (*perto da mesa, olhando a caixa*) Que bem arrumada ficou a caixa!... *(pegando na violeta*) Minha pobre violeta, ainda conservas o teu perfume, a pesar de fechada ha tanto tempo!... (*risonha*) Tambem eu tenho vida bastante para lutar!... Escusam de me enclausurar, escusam de me tapar a boca, porque eu hei-de dizer o que sinto e gostar de quem eu quiser!... (*para Micas, imobilizada, com o cãozito ao colo*) Dê-me o cãozito, Micas!... Está aí sem se mexer para não o acordar!...

MICAS (*consternada*)

Não, filha, deixe estar! Êle não me faz mal!... Sabe? Sempre tenho pena do pobre rapaz!...

MARIA DO CARMO

Do Manuel? Tambem eu!... Palavra que tenho. ¿Mas que hei-de fazer-lhe?...

MICAS (*sem compreender*)

Do Manuel? Mas... para êsse, a maior das felicidades é, justamente, casar consigo!...

MARIA DO CARMO (*rindo, serena*)

Casar comigo? ¿A Micas julgou, acreditou que isso era verdade?...

MICAS

Eu julguei, sim, filha! ¿Pois não é?...

MARIA DO CARMO

Casar-me com o Manuel?!... (*bruscamente*) Olhe, Micas, eu vou dizer-lhe tudo! Não posso mais com o meu segrêdo! Pesa-me, sufoca-me!... Eu gosto, gosto perdidamente mas não é do Manuel. E' do Paulo!...

MICAS (*interessada*)

Do Paulo? Mas, então?...

MARIA DO CARMO

Sim, do Paulo !... Conheço-o ha tão pouco tempo, e parece-me que sempre o encontrei junto de mim, ao lado dos meus pensamentos, a par das minhas intenções! Gosto de o ver, de o ouvir falar, de o olhar, mesmo quando não me diz nada! Sinto-mo bem perto dêle, esqueço tudo, esqueço todos !... Estou louca !... Não penso, não raciocino, não olho a nada, não escuto ninguêm ! . . . Só sinto que lhe quero muito, que a minha felicidade depende dêle e que a dêle depende de mim ! (*Abraçando Micas, fazendo-a piruetar*) Ai, Micas, como eu sou feliz ! Vejo tudo côr de rosa, tanto que me apetece rir, cantar, gritar bem alto a minha alegria e o meu entusiasmo !... Tão grande, tão seguro da sua fôrça, que a própria tia Antónia ha-de acabar por se convencer!...

MICAS *(rindo)*

Com certeza !... (*mais séria*) Mas olhe que, parece-me, quem precisava primeiro convencido era êle !...

MARIA DO CARMO *(incrédula)*

O Paulo ? Não !... A pesar de nunca lho ter dito, sabe tudo isto tão bem como eu !...

MICAS *(insistindo)*

A menina está tão cega com o entusiasmo que nem vê as coisas como elas se passam ! Se não, havia de ver que êle não ía nada, mesmo nada, satisfeito !...

MARIA DO CARMO

Era com a tía !... E tinha uma certa razão !...

MICAS

Olhe que não era só com a tia ! A maneira como se despediu de si !...

MARIA DO CARMO (*já inquieta*)

Podia lá ser !... Êle conhece-me bem !...

D. ANTÓNIA (*de fora*)

Micas, podes cá chegar ?...

MICAS

Lá vou ! (*para Maria do Carmo*) Em tão pouco tempo, o conhecimento não pode ser grande! Não digo que não se convença ! Ainda que êles... às vezes, em lhes dando para a teimosia ! . . . (*rindo, para animar o aspecto desolado de Maria do Carmo*) Mas não se ponha agora triste, dessa maneira ! Verá que tudo se ha-de arranjar pelo melhor ! (*Sai*)

MARIA DO CARMO (*sem a ouvir, imóvel, num assombro*)

Será possível ?... (*estarrecida, a sua bela confiança abalada, como se sofrêsse já o choque de tôdas as suas ilusões em derrocada*) Êle ?!... Êle seria capaz de acreditar ?!...

FIM DO 2.º ACTO

TERCEIRO ACTO

O quintal de uma casa de campo, simples, de dois andares, de que se vê à esquerda, uma das fachadas laterais. No rés do chão, duas janelas e uma porta pequena que dá para a cozinha.

Ao Fundo e à Direita, um muro pouco alto.

Junto à casa, a formar alpendre, uma parreira ainda escassa de folhas, a deixar passar o sol, aqui e ali.

Ao canto, uma grande árvore a profectar sombra mais compacta.

Ao correr do muro, estreitos canteiros de flores.

Um domingo, pelo princípio da tarde.

D. Antónia e Micas estão confortavelmente sentadas à sombra da árvore; cada uma lê o seu jornal.

Maria do Carmo, estendida numa cadeira de lona, sob o alpendre, tem um livro no regaço e o pensamento

muito longe. Por fim, decide-se a continuar a leitura, sem qualquer entusiasmo.

Um profundo silêncio, por instantes.

D. ANTÓNIA *(abanando-se)*

Sempre te digo, Micas, que êste calor não é ainda para êste tempo!...

MICAS *(entendida)*

Pois não!... Isto... as trovoadas que não vieram em Maio, hão-de vir, por fôrça, em Junho!...

D. ANTÓNIA

Quem mas dera, para ver se refresca! Não se pode!...

MICAS

E alguma chuva bem precisa está sendo! Se não, que vai ser dêsses campos?!...

D. ANTÓNIA

Está tudo tão fraquinho! O milho, então!...

MICAS (*olhando a parreira*)

As vinhas quási não têm folhas, para o que deviam! (*outro tom*) A Maria do Carmo está aí a apanhar sol!...

D. ANTÓNIA (*solícita*)

Pois está!... ¿Porque não vens para aqui, menina?...

MARIA DO CARMO (*indiferente*)

Estou aqui muito bem!...

D. ANTÓNIA

Não estás nada! Ao sol, podes apanhar um doença!...

MARIA DO CARMO (*sem drama*)

Pouco se perdia!...

D. ANTÓNIA (*assustada*)

Ora deixa-te de tolices!...

MARIA DO CARMO (*levantando-se*)

Está bem! Não vale a pena morrer ainda!...

D. ANTÓNIA

Vai ver se a Gertrudes tem a merenda pronta para o Manuel!...

MARIA DO CARMO

¿Êle não janta cá?...

D. ANTÓNIA

Não! Diz que tem que fazer em Lisboa!... *(Maria do Carmo deixa o livro na cadeira e entra na cozinha)*

MICAS (*seguindo-a com o olhar*)

Como a Maria do Carmo mudou em pouco tempo! Em Lisboa tinha uma vida, uma alegria! Agora!...

D. ANTÓNIA (*impaciente*)

Uma grande teimozinha é o que ela é!... Meteu-se-lhe na cabeça que gostava daquele rapaz e não quere dar o braço a torcer!... (*sarcástica*) Coitada! Julgava que êle estava a morrer de amores!... Agora, como não tem outro remédio, já se vai desiludindo!... E não tarda que volte à mesma, verás!...

MICAS (*com certa pena*)

Realmente, eu julguei que êle gostasse mais dela!... Até parecia que os olhos se lhe riam quando lhe falava!...

D. ANTÓNIA

Ora! São uns valdevinos! Tão depressa veem uma, logo se esquecem das outras!...

MICAS (*ainda*)

Talvez se não tivessem vindo logo para fora!...

D. ANTÓNIA (*exultando*)

Se o amor fôsse de raiz!... Eu quis vir logo para fora porque previ isto mesmo! Soube que êle se demorava quinze dias! Se chegasse a Lisboa e nós já lá não estivessemos. a paixão passava-lhe depressa! Ela precisava descansar!... O meu marido anda lá com a mania dos bichos de seda que — ainda estou na minha! — só ha-de servir para gastar tempo e dinheiro! Assim, aproveitava-se tudo! E vê se não tive razão!... Já lá vai

um mês e nada de novas! (*prudente, desconfiada*) Pelo menos, de que eu tenha dado fé !...

MICAS

Se houvesse, ela andava com outra cara !...

D. ANTÓNIA (*nervosa*)

Eu não a quero obrigar, nem tenho, mesmo, poderes para isso! Mas se não é uma dor de alma ver que, por uma patetice, ela dá, assim, um pontapé na sorte, desprezando um rapaz como não é facil encontrar outro!...

MICAS

Lá diz o rifão !... «O casamento e a mortalha ...

D. ANTÓNIA

Emfim! Eu lavo daí as minhas mãos! Faça o que entender mas não se queixe depois!... Tenho pena, porque sou muito amiga de ambos!... Mas se ela não tem juizo, não lhe posso dar à fôrça !...

MARIA DO CARMO (*entrando*)

Tia, a Gertrudes não sabe o que ha-de arranjar!...

D. ANTÓNIA (*levantando-se*)

¿Então eu não lhe disse? (*vendo aproximarem-se Sebastião e Manuel*) Êle aí vem! É capaz de se querer ir embora, sem tomar nada! (*entra em casa, rapidamente*)

SEBASTIÃO *(para Manuel)*

Vês? Está tudo mais ou menos planeado! Agora, é só deitar mãos à obra!...

MANUEL *(sorrindo)*

Com êsse entusiasmo, ainda é capaz de ficar por aqui!

SEBASTIAO

Mais tarde, é possível! Estou a dois passos de Lisboa, e sempre estou melhor! Para a Maria do Carmo é que era muita maçada. Portanto, nem pensar nisso, emquanto ela estiver connosco!...

MICAS

¿Primo, diga lá, que tal foi o passeio, com esta soalheira?!...

SEBASTIAO

Optimo! Fomos andando devagarinho, até a Bica, onde conseguimos apanhar um pouco de fresco!...

MICAS

Aqui tambem não se está mal! *(mas levanta-se, para entrar em casa)*

SEBASTIAO

Então, deixe-se estar!...

MICAS (*saindo*)

Vou ter com a prima, pode precisar de mim !...

SEBASTIÃO (*para Manuel*)

¿Tu ficas por aqui ? Eu vou mudar de casaco !...

MARIA DO CARMO (*vivamente*)

Se quere, vou buscar-lho !...

SEBASTIÃO

Não, filha, não é preciso ! (*entra em casa*)

MARIA DO CARMO (*hesitante*)

Vou dar-lho, então ! (*e decide-se a segui-lo*)

MANUEL *(muito calmo)*

Maria do Carmo ?!...

MARIA DO CARMO (*sobressaltada*)

Chamou ?...

MANUEL

Para lhe pedir que não se fôsse embora !... Queria dizer-lhe ...

MARIA DO CARMO (*veemente*)

Ai, não me diga nada !...

MANUEL (*sorrindo*)

Não se assuste! Não tem razões para isso!...

MARIA DO CARMO

¿Que vai dizer-me?... (*suplicante*) Por amor de Deus, não me ponha ainda mais triste do que estou!...

MANUEL

Descanse!... É só para lhe pedir desculpa!...

MARIA DO CARMO (*num protesto muito sentido*)

Ó Manuel!...

MANUEL (*prosseguindo*)

Pedir-lhe desculpa do mal que, involuntariamente, lhe tenho causado!...

MARIA DO CARMO

Mas...

MANUEL (*firme, sereno*)

Eu sou muito seu amigo, Maria do Carmo! Por nada lhe causaria uma contrariedade passageira, quanto mais um desgôsto para tôda a vida!... E êsse que a punge agora, é por mim que o sofre!...

MARIA DO CARMO (*muito triste*)

Não é...! É a fatalidade!...

MANUEL

Um projecto que outros formaram a seu respeito é o que impede a realização dos seus! (*sorrindo, carinhoso, protector*) Pobre Maria do Carmo, julgou alguma vez que eu queria mais do que a sua felicidade? Olha-me com uns olhos, fala-me com um modo!...

MARIA DO CARMO (*frouxamente*)

Não, Manuel! Engana-se! Apesar de tudo, eu nunca deixei de ser sua amiga!...

MANUEL

Deixou, sim! Era inevitável! Mas, agora, parece-me que vai tornar a sê-lo, e isso me basta! Eu não fico zangado! Sou o primeiro a dizer-lhe: Não faça caso do que lhe dizem, escute apenas a voz do seu coração!...

MARIA DO CARMO (*magoada*)

O meu coração!... Parece-me que falou alto e depressa demais, que terei de acabar por o fazer calar!...

MANUEL

Não desespere! È muito cedo ainda!...

MARIA DO CARMO

Já lá vai um mês! Um mês a esperar o que nunca chega, o que nem sequer prometeu vir!...

MANUEL

Tudo ha-de terminar bem !...

MARIA DO CARMO

Custa tanto uma desilusão destas !...

MANUEL (*sorrindo*)

Se êle fôr, em tudo, digno de si, verá que não tarda a dar-lhe notícias ! Ha-de aparecer mesmo, em último caso, trazido por mim !...

MARIA DO CARMO (*assombrada*)

¿ Que diz ?...

MANUEL

Não é o que é preciso para a fazer rir, de novo ? (*um silêncio*)

MARIA DO CARMO (*penitente*)

Ai, Manuel, Manuel, como a vida, às vezes, nos faz maus !

MANUEL

Que diz ?... Pregunto eu, agora!...

MARIA DO CARMO

Como eu fui, como eu sou má para si !...

MANUEL

Não diga isso !...

MARIA DO CARMO

Agora é que eu sei! Antigamente — ha tão pouco tempo ainda!... — eu julgava que a vida era um brinquedo, que tudo era possível mudar, esquecer!... Eu não o lastímo, Manuel, — creia que não é caso para isso — mas como tenho pena de que, não fôsse mais do que um rápido instante, tivesse pensado em mim para companheira do seu futuro, tivesse ligado à sua a minha felicidade!...

MANUEL (*sorrindo*)

Tudo isso passou!... Hoje, posso dizer-lhe, contar-lhe como se conta uma história. Houve um tempo em que a adorei, em que a Maria do Carmo foi, para mim, quási que a única razão de ser, a única alegria de viver! Comecei a pensar de mais em si, e, ao ver que os meus sonhos eram tão bem acolhidos por sua tia, quási lhes antevi uma realização, num engano que durou pouco. Eu próprio, não sei porquê, num pressentimento que não tardou em verificar-se, não lhes dava muito crédito, nunca tive coragem para lhe falar nêles!... Mesmo quando a tinha perto de mim, Maria do Carmo, quando lhe falava, eu sentia-a muito longe, tão distante que jamais a encontraria!...

MARIA DO CARMO

Tem razão! Eu não o mereço! Sou má, egoista!...

MANUEL

Não diga isso! A culpa de que o meu sonho não

passasse de uma quimera não foi sua ... nem, mesmo, do Paulo!... Não foi êle que ma roubou ... Foi o Destino, fui eu próprio! Eu, que não a atraía, e que, desde que a conquistasse, não saberia, talvez nunca mais, apreciá-la e compreendê-la!...

MARIA DO CARMO

O mesmo aconteceria comigo!... Juro-lhe que tenho muita pena de que tudo isto se passasse, que tivesse sido eu a causa, a causa voluntária embora irresponsável dessa desilusão! Mas é preciso que vejamos as cousas como elas são, na realidade! Nós não somos um para o outro! E eu reconheço a minha inferioridade! Sou uma criança, disparatada, caprichosa, não valho nada, nunca saberia apreciá-lo com inteira justiça! Passaria tôda a vida junto de si, sem o conhecer, sem nos conhecermos! (*Convencida, insensivelmente animada*) A pesar de tudo, é muito melhor que os acontecimentos se tenham desenrolado assim!.. O Manuel ha-de encontrar uma rapariga que o mereça muito mais de que eu, ha-de ser muito feliz ... e eu ...

MANUEL

¿A Maria do Carmo?...

MARIA DO CARMO (*num sorriso, onde desponta já o bom tempo*)

Eu?... ¿Quere que lhe confesse, com tôda a franque-

za?... A pesar de tudo, ainda não desesperei de o vir a ser tambem!...

MANUEL

Faz muito bem!... (*outro tom*) Mas, não se compreende que êle não tenha ainda procurado vê-la, escrever-lhe, ao menos!...

MARIA DO CARMO

Naturalmente, nem sabe onde estou!... Viemos logo para aqui e, dizia a tia, que por poucos dias!... Depois, eu tenho pensado muito nisto! Êle tem razão para estar zangado e sabe Deus quanto tempo durará o amúo!... (*pensativa*) Até é muito capaz de esperar que eu volte, para me pedir explicações e, pelo tempo que isso ha-de levar, possívelmente se esquecerá de que precisou delas alguma vez! (*mortificada*) Veja lá se isto não pode muito bom acontecer!?... ¿Quem sabe mesmo?!... Olhe, Manuel, eu reconheço que sou uma tonta, uma teimosa, em me apegar assim a esta confiança, em julgar os outros por mim! ¿Pois não será mais natural, mais verosímil, que êle já nem pense em mim? ¿Que razões, mesmo, tenho eu para admitir que alguma vez pensasse?... Nunca mo disse!... Mostrava, é verdade, uma certa alegria em me ver, em me falar! Naquela noite — a última que nos vimos! — eu estava tão contente! Parecia que os seus olhos falavam, diziam que me queriam! ¿Porque não o ouvi eu então, porque deixei passar êsse minuto de encantamento, porque fiquei nesta incerteza? Ah! Se fôsse hoje!... (*muito esperançosa*) Se eu o tor-

nar a ver, se lhe tornar a falar!... Êle preguntou-me, nessa noite, com ansiedade que não mentia, tenho a certeza!: «Maria do Carmo, que sou eu para si?» Não lhe respondi, brinquei, iludi a pregunta!... Ah! Se eu tornasse a ouvir! «¿Maria do Carmo, que sou eu para si?...»

MANUEL (*sorrindo*)

Que lhe responderia?...

MARIA DO CARMO

Nem sei! Tudo: o meu futuro, a minha alegria, a minha vida!...

MANUEL

Apaixonada, a Maria do Carmo!...

MARIA DO CARMO (*enleada*)

Ah, Manuel, não ficou zangado por me ouvir estas tolices tôdas?...

MANUEL (*rindo*)

Sem lhes dar êsse nome, até lhas agradeço!... Mostram-me que tem confiança em mim!... Doravante, Maria do Carmo, se mo permitir, eu serei para si um irmão, um irmão mais velho que lhe quererá muito e que estará, sempre, ao seu dispor! Permite?...

MARIA DO CARMO (*radiante*)

Mas é exactamente disso que eu preciso!... (*rindo*)

Os meus irmãozinhos são ainda tão pequenos!... Só gostam que eu lhes conte histórias, mas histórias mais complicadas! Se lhes fôsse contar a minha, adormeciam a meio, não me responderiam!... E eu não posso calá-la, encerrá-la em mim!... ¿Vê a prova? Tenho andado mal disposta, sorumbática! Pode crer que não era bem o desgôsto! Era, sobretudo, a imposição de o calar!... Agora que falei, que já disse alguma coisa, que encontrei quem se interessasse por mim, quem tivesse indulgência para as minhas loucuras, já pareço outra, a mesma doutros tempos, alegre... sem saber porquê, confiante... até nos impossíveis!...

(Neste instante, a espreitar por cima do muro, aparece Paulo, que de ouvido à escuta e desagradavelmente impressionado, procura, sem ser visto, não perder palavra do diálogo)

MANUEL

E é assim mesmo que eu quero vê-la, sempre!...

MARIA DO CARMO *(com efusão)*

Quanto lhe agradeço, Manuel, o que é para mim!... Mas para que eu fique satisfeita de todo, e não tenha nada a ofuscar a minha felicidade, ha-de conceder-me, ainda, o regosijo de o ver muito feliz! Sim?...

MANUEL

É êsse tambem o meu desejo! *(despedindo-se)* E agora, Maria do Carmo, são horas do comboio!...

MARIA DO CARMO (*mimalha*)

Não se vá embora! Não me deixe só!..:

MANUEL

Tenha paciência! Tenho a certeza de que não precisa de mim e eu tenho de estar cedo em Lisboa.

MARIA DO CARMO (*cedendo*)

Não tenho então o direito de ser mais exigente!...

MANUEL

Se pudesse, com muito prazer acederia ao seu pedido!...

D. ANTÓNIA (*aparecendo, encantada)*

Manuel, esqueceste-te de que eu estava à tua espera?...

MANUEL

Já lá ia, Madrinha!

(*Paulo que, durante a última parte do diálogo entre María do Carmo e Manuel, escutara àvidamente, quási sem preocupações de que o vissem, não ousa, agora, aparecer senão de quando em quando, receoso de que D. Antónia o descubra).*

D. ANTÓNIA

Daqui a pouco, começam as pressas e não comes nada!...

MANUEL (*rindo*)

Mas de certo ! Pois se ainda agora almoçàmos !....

D. ANTÓNIA

Há quanto tempo ! Não, sem comer é que tu não vais!...

MARIA DO CARMO

Um pouco de fruta ou dôce, ao menos !...

MANUEL (*rindo*)

Seja !... Para festejar a nossa reconciliação !...

D. ANTÓNIA (*radiante*)

Vocês estavam zangados ?...

MARIA DO CARMO

Um poucochinho amuados !... Mas, agora, estamos melhor do que nunca !...

D. ANTÓNIA

Ainda bem ! Ainda bem ! Tinha de ser !...

MANUEL (*interrompendo*)

Mas, vamos, então !... Depois, é que nem isso posso!... (*entram os três em casa*)

PAULO (*surgindo, desesperado*)

Sim, senhores, valeu bem a pena um mês de insónia e de arrelia!... Se ela soubesse, ria-se ainda por cima! (*sarcástico*) É um, é outro, vamos a ver quem fica mais pelo beicinho!... (*decidido*) Mas daqui é que eu não saio, sem lhe falar, sem lhe pedir explicações do seu lindo procedimento! (*reflecte uns instantes na maneira de o conseguir, e chama, depois, a criada que vem da cozinha*) Pst!...

GERTRUDES (*surpreendida*)

Quem chama?...

PAULO (*acendendo um cigarro*)

Sou eu! Olhe para cá!...

GERTRUDES (*estupefacta*)

O senhor?...

PAULO (*muito rápido*)

Admira-se?... Tambem eu!...

GERTRUDES

Aí nesse sítio ... Veja lá! É capaz de cair!...

PAULO

Não lhe dê cuidado ... mas não faça barulho!...

GERTRUDES

Estão todos lá para dentro!

PAULO *(de muito mau humor)*

De certo, mais bem instalados do que eu!

GERTRUDES (*rindo*)

Coisas!... (*escutando*) Com sua licença, estão a chamar-me!... Volto já. É um instante! (*sai*)

PAULO (*sentando-se no muro*)

A vida sempre é muito divertida!... Acha ela, e é verdade! Vale a pena uma pessoa ralar-se! Para isto!...

GERTRUDFS (*reaparecendo*)

Pronto! Já cá estou!...

PAULO

Andou depressa!...

GERTRUDES

Não precisam de mim!... A menina é que os serve!...

PAULO *(desesperado)*

É para se ir habituando! (*depois*) ¿ Então quando é êsse casamento?...

GERTRUDES (*admirada*)

Qual casamento?...

PAULO

O meu é que não é!... Nem agora nem por êstes tem-

pos mais chegados, tambem lhe garanto!... ¿Mas, o de cá de casa?...

GERTRUDES

De quem?...

PAULO

De quem?... (*impaciente*) Diga, criatura, é escusado fazer caixinha!...

GERTRUDES (*despeitada*)

Ora essa! ¿Que tem o senhor com isso?...

PAULO (*dominando-se*)

Isto é só preguntar!... É claro que eu não tenho nada com isso!...

GERTRUDES (*apaziguada*)

Se eu ainda não ouvi falar em similhante coisa!...

PAULO

É impossível! Com certeza não fazem segrêdo!...

GERTRUDES (*segura*)

Isso, não!... Mesmo são coisas que logo se sabem!...

PAULO (*paciente*)

Pois, por isso!...

GERTRUDES

Mas o que quere saber? Vamos, diga lá depressa!... Se não, daqui a nada vem por ai a senhora e se me vê a conversar!...

PAULO (*rindo*)

E comigo!... (*depois, sério, ansioso, quási incrédulo*) ¿Quando se casa ... a menina Maria do Carmo?...

GERTRUDES (*num escarcéu*)

Pschiu! Eu logo vi que havia aí interêsse demais!... He! Eu logo vi!...

PAULO (*impaciente*)

Não faça tanto barulho! Diga lá!...

GERTRUDES (*a meia voz*)

¿Quando se casa a menina Maria do Carmo? (*malicisa, aproximando-se*) Eu não sei, ao certo. Mas parece-me que, só quando o senhor quiser...

PAULO (*radiante*)

Que diz?...

GERTRUDES

É cá o meu parecer!...

PAULO (*debruçadíssimo*)

¿Então aquele senhor... não é...

GERTRUDES

O noivo?... Hum!... Vontade a alguêm não faltaria!.. Mas a menina, por modos, é que não está nada pelos ajustes!...

PAULO

Tem a certeza ?...

GERTRUDES

Pelo menos, até agora !...

PAULO (*desiludido*)

Ah, sim ! Até agora !...

GERTRUDES (*admirada*)

Que é isso ? Voltaram-lhe as tristezas ? (*Paulo, pensativo, não responde*) Se eu esperava uma coisa assim !...

PAULO (*serenamente*)

Olhe, Gertrudes, é capaz de fazer com que eu fale à menina ?...

GERTRUDES (*alarmada*)

Eu sei lá, senhor, como isso poderá ser !...

PAULO

De qualquer maneira !...

GERTRUDES (*procurando*)

Só se ela viesse para aqui !...

PAULO

Mas sem mais ninguêm !...

GERTRUDES

Talvez emquanto estivessem lá por dentro!...

PAULO (*impacientíssimo*)

Vá lá chamá-la!...

GERTRUDES (*sem coragem*)

Já?...

D. ANTÓNIA (*de dentro*)

Ó Gertrudes, Gertrudes!...

PAULO (*num desespêro*)

Bonito!...

GERTRUDES (*aflita*)

Saia daí depressa!... Se a senhora o vê!... (*Paulo desaparece*)

D. ANTÓNIA (*entrando, severa*)

¿Ó Gertrudes, com quem estava vossemecê a conversar?...

GERTRUDES (*um ar ingénuo*)

Eu, minha senhora?... Estava aqui a olhar para estas flores, que tão lindas estão!...

D. ANTÓNIA (*descontente*)

Ha que tempos a chamar!...

GERTRUDES

Desculpe, não ouvi!... (*radiante, para Maria do Car-*

mo que entra com Mícas, Sebastião e Manuel) ¿A menina já viu que lindas estão estas flores ?...

D. ANTÓNIA

Já viu ! Olhe mas é o jantar não se vá queimar !

GERTRUDES

Não, senhora ! *(confidencial, ao passar por Maria do Carmo*) Menina, veja se apressa as despedidas e se fica, por aqui, sòzinha ! *(sai*)

(*Maria do Carmo fica-se a pensar, sem compreender)*

MANUEL (*despedindo-se*)

Adeus, Maria do Carmo ...

MARIA DO CARMO

Nós vamos acompanhá-lo até à estrada, sim, tio ? . . .

SEBASTIÃO

Pois, sim !

MANUEL

Então, Madrinha !...

D. ANTÓNIA

Vamos até à porta ...

MICAS (*adeantando-se*)

Pois claro !... (*saem*)

(*Gertrudes reaparece*)

PAULO (*surgindo logo*)

Então ?...

GERTRUDES (*pouco segura*)

Tenha cuidado! A senhora é muito desconfiada!... Depois é que... nada!...

PAULO

Entretenha-a um bocadinho!...

GERTRUDES

Vamos a vêr! Mas não apareça por emquanto!...

PAULO

Está bem! *(e muito docilmente se retira)*

D. ANTÓNIA *(reaparecendo com Micas)*

¿ Viste, Micas, como a pequena já tem outra cara ?...

MICAS

É verdade! Raparigas! Os desgostos não matam!...

D. ANTÓNIA

Então, daqueles!...

MARIA DO CARMO (*entrando*)

Já lá vai!...

D. ANTÓNIA

O tio ?...

MARIA DO CARMO

Foi para a quinta!... (*senta-se de novo na cadeira e pega no livro*)

D. ANTÓNIA (*para Micas*)

Queres vir?... Passando a hora do calor já não posso estar sem fazer nada!... (*sai*)

MICAS (*seguindo-a*)

Vou! Tenho que escrever para a minha gente! (*sai*)

(*Maria do Carmo, recostada na cadeira, pensa em tudo menos no livro. Paulo surge de novo, e, para Gertrudes que, assomando à porta, se preparava para dar a Maria do Carmo a novidade, faz um sinal expressivo a recomendar silêncio. Gertrudes retira-se. Maria do Carmo, o olhar vago, meditativo, continua na mesma posição. Paulo, num primeiro movimento, parece abrir os lábios para a chamar com severidade, mas logo, insensivelmente, olha-a, sorrindo, esquecido de todos os agravos e fica-se a contemplá-la, enlevadamente.*)

MARIA DO CARMO (*a meia voz*)

Que será?... (*juntando as mãos, num pressentimento que não ousa expandir-se*) Ah! Se fôsse!...

PAULO (*quási a mêdo*)

Maria do Carmo!...

MARIA DO CARMO *(olhando)*

Sonhei ?... (*vendo-o, e levantando-se, impulsivamente, numa inequívoca manifestação de alegria*) Oh ! Paulo!... Mas que surprêsa !...

PAULO *(radiante)*

Desejada ?...

MARIA DO CARMO

Ha tanto tempo !... *(depois, rindo)* ¿Mas que fazaí ?...

PAULO

Vejo-a e falo-lhe — a minha grande ambição !..

MARIA DO CARMO (*aproximando-se*)

Mas, assim, não tem geito !... (*hesitante*) Entre !...

PAULO (*tambem)*

Se vem por aí a sua tia !...

MARIA DO CARMO *(decidida)*

Que tem isso ?... Vamos, depressa, dê a volta ! Eu vou abrir-lhe a porta !...

PAULO (*saltando*)

Nêsse caso, por aqui é muito mais perto !...

MARIA DO CARMO (*assustada*)

Se se maguasse!...

PAULO *(pegando-lhe nas mãos)*

Ah, Maria do Carmo, que saudades eu tinha suas!...

MARIA DO CARMO

Certo ?... *(fingindo um amúo)* Pois não parece!...

PAULO

Está zangada ?...

MARIA DO CARMO

Com milhares de razões!...

PAULO

Nenhumas! Nenhumas!... Eu é que as tinha!... E ainda as tenho!... *(rindo)* É verdade que tenho!... Já nem me lembrava!... Só de a ver esqueci tudo!...

MARIA DO CARMO

¿Mesmo que esteve um interminável mês sem me aparecer, nem dar notícias ?...

PAULO

A culpa foi sua! ¿ Para que teve aquela brincadeira, aquela horrível brincadeira de tão mau gôsto ? (*numa censura*) Fazer-se noiva de outro!

MARIA DO CARMO (*protestando*)

Perdão! Eu não tenho culpa de que disvirtuem o sentido das minhas palavras! Eu não disse com quem ia casar-me! Disse aquilo tudo, nem sei porquê, talvez por causa da minha tia que estava muitíssimo disposta, — imagine! — a não querer vê-lo mais lá em casa!...

PAULO (*malicioso*)

Mas porquê?...

MARIA DO CARMO (*sorrindo*)

Sei lá!... Adivinhe!...

PAULO

Porque a sua tia, logo que me conheceu, viu os seus planos por terra, sem possibilidade de se levantarem! Surpreendeu o nosso segrêdo, na linguagem expressiva das nossas atitudes que não sabiam ou não queriam mentir!... Adivinhou que eu lhe queria muito, Maria do Carmo, e que o seu coração me pertencia! E por tudo isto, que ha tanto sabemos e só hoje confessamos, teve a ingenuidade de supor que, afastando-a de mim por uns tempos, nos separaria para sempre!...

MARIA DO CARMO

Tive tanto mêdo de que isso acontecesse!...

PAULO

Minha cabecita desesperada!... ¿Pois chegou a admitir essa hipótese?...

MARIA DO CARMO

Ás vezes!... Já nem sabia o que pensar!...

PAULO

Estive, fora, quinze dias! E tôda a minha culpa, confesso, foi ter levado outros tantos a resolver-me definitiva e irrevogavelmente a dar este passo!...

MARIA DO CARMO

Já vê que...

PAULO

Podia lá ser!... O nosso amor foi, de parte a parte, tão espontâneo, tão sincero, tão confiante! Desde o nosso primeiro encontro, — ¿lembra-se, aquele encontro fortuito, inesperado, dir-se-ia providencial? — desde êsse instante, as nossas vidas, até aí separadas, correram irresistivelmente uma para a outra, sem saber como nem preguntar porquê!... Fômos dois Destinos que se procuravam e se encontraram no minuto preciso para se quererem! ¿Quem poderia desunir-nos? ¿Quem teria forças para isso?...

MARIA DO CARMO

¿Se pensava assim, para que tardou tanto e porque duvidou de mim?...

PAULO

É verdade que, naquela noite, eu não tive a con-

fiança bastante para apreender nas suas palavras a intenção que as ditava!... Mas é preciso perdoar-me, Maria do Carmo! ¿Quem ha que não duvide, quem, de vez em quando, não se sinta impelido a julgar os outros severamente? Nós conheciamo-nos ha tão pouco tempo!... Por muito alto que o sentimento falasse, não havia lógica, não havia raciocínio que pudesse convencer-me de que a Maria do Carmo era, realmente, o que a minha imaginação tinha fantasiado, a concretização perfeita do meu ideal a esvoaçar!...

MARIA DO CARMO

Mas ha-de confessar que foi muito injusto!...

PAULO

Confesso! Muito contrito, o confesso!...

MARIA DO CARMO

Eu tambem não o conhecia melhor, e, no entanto, a pesar de todos os pensamentos maus que me assaltavam, eu quási nunca duvidei de si!... Tinha uma confiança!... *(sorrindo)* Nem imagina a confiança que eu tinha!...

PAULO

Não a deixe fugir, nunca. Maria do Carmo!... Será sempre o melhor esteio da sua felicidade!...

MARIA DO CARMO

¿Porque a perdeu, então?...

PAULO

Porque tenho recebido, mais a miúde, a visita de alguns desenganos!... E, por isso, não caminho com essa segurança, com essa inconsciência, que por vezes é fôrça, de não errar, de não sofrer!... È certo que, ainda hoje, se me deixo levar, se me ponho a sonhar, não ha nada que eu não veja côr de rosa, doirado, tentador! Quantas vezes tenho o coração a transbordar de entusiasmo e de bôa fé, a cabeça cheia de ilusões! — ¿Que seria de mim, que seria de nós todos, sem elas?... — Mas o mundo não tem deixado de me arrancar algumas, e, naquele momento, julguei que era mais uma, a que maiores saudades me deixaria!... (*rindo*) Quando cheguei a casa, porém, já mil vezes me tinha arrependido do meu arrebatamento! No dia seguinte, fui para Coimbra!...

MARIA DO CARMO

¿È verdade, gostou de lá estar?...

PAULO

Imenso! ¿Não o viu pelas minhas crónicas?...

MARIA DO CARMO (*consternada*)

Não as li!... Daí a dois dias viemos para aqui, e a tia nunca mais quís o jornal! Eu podia mandar comprá-lo, mas tinha medo, nunca tive coragem!...

PAULO

E assim caíu, por terra, a minha vingança!...

MARIA DO CARMO

Como ?...

PAULO

Eu tinha jurado fazê-la sofrer, com o meu desprendimento por si, com a exuberância da minha alegria, e o meu entusiasmo pelas tricanas ! Uma vingança de criança, bem vê !... Há-de lê-las !... Dir-se-ia que, logo ao apear-me do comboio, uma paixão furiosa por tudo que a Coimbra pertencesse me tinha dominado completamente ! (*rindo*) Confesse que, nessa altura, se as lêsse, não havia de ficar muito satisfeita !...

MARIA DO CARMO

E concorde que tinha razões !...

PAULO

Tanto mais não sabendo que tudo aquilo eram variações do mesmo tema, inspirado sempre numa certa Maria do Carmo, tricaninha adorada do meu Choupal!...

MARIA DO CARMO (*radiante*)

Jura ?...

PAULO (*rindo, sincero*)

Por tudo o que quiser !...

MARIA DO CARMO (*sorrindo*)

¿Porque será que eu acredito em tudo que me diz?...

PAULO

Porque eu não minto... e porque lhe digo a verdade que mais deseja!...

MARIA DO CARMO

É possível!...

PAULO

É a certeza!... E agora, Maria do Carmo, diga-me o que tem feito! ¿Como se têm passado êstes longos, êstes abomináveis dias?...

MARIA DO CARMO

Bem aborrecidos!...

PAULO

¿Tinha saudades minhas?...

MARIA DO CARMO

Parece-me que sím!...

PAULO

Muitas?...

MARIA DO CARMO

Tantas, tantas... que não têm conto!...

PAULO (*mais sério*)

Pois, à primeira vista, não me deu essa impressão!...

MARIA DO CARMO

Porquê ?... Estava tão sossegada naquela cadeira !...

PAULO (*quási severo*)

Eu já a tinha visto ha mais tempo, quando falava, muito entusiasmada, com aquêle senhor Manuel ! Francamente, Maria do Carmo, ainda agora não posso compreender como tenha ânimo para sorrir tanto, a quem é a principal orígem das nossas desditas !...

MARIA DO CARMO (*vivamente*)

Não julgue mal do Manuel !... De resto, se ouviu a nossa conversa, não tem razões algumas para isso !...

PAULO

Eu só sei, e isto me basta, que, por causa dêle é que a sua tia me faz tanta guerra !...

MARIA DO CARMO

Mas êle não tem culpa !... Se soubesse, se pudesse supor, quanto êle é meu amigo!...

PAULO

Não me diga isso !...

MARIA DO CARMO

Ora... não é dessa maneira !... È verdade que, ha

algum tempo, parece-me... Emfim!... Tudo isso passou!... Agora, só o que me disse foi que apenas me queria ver muito feliz, que para isso faria tudo, até, se preciso fôsse, ir buscá-lo, a si, para o trazer cá !...

PAULO (*meio convencido*)

Obrigado... eu sei andar por meu pé !...

MARIA DO CARMO

Estou certa de que, quando o conhecer melhor, se dará muito bem com êle !...

PAULO

É possível !... (*num novo acesso de entusiasmo*) Mas, por agora, deixêmo-lo em paz !... Falemos de nós, do nosso amor !... É o que importa !... O resto... o resto não vale nada !...

MICAS (*entrando, distraida*)

Maria do Carmo !... (*deparando com Paulo*) Será possível ? O senhor aqui ?...

MARIA DO CARMO *(radiante)*

É verdade, Micas, apareceu emfim !

PAULO (*sorrindo)*

¿Não acha que fiz bem ?...

MICAS (*ainda fora de si*)

Fez muito bem, fez !... (*exultante*) Cá me parecia a mim que isto não estava acabado !... Mas... (*para Maria do Carmo*) ¿Os tios já sabem ?...

MARIA DO CARMO

Ainda não !...

MICAS

¿ Ó filha, então que dirá a tia ?...

PAULO

É verdade ! Eu nem faço idea do que ha de ser !...

MARIA DO CARMO (*confiante*)

Ora, a tia é muito minha amiga !... De mais, prometeu-me, uma vez, que nunca me contrariaria !...

PAULO

Em todo o caso, hão-de ser muito cordeais os primeiros momentos do nosso encontro !...

MICAS (*pensando*)

Só se eu a fôsse prevenindo !... Emfim, dizer-lhe o que se passa !... Sempre ficava mais preparada !...

PAULO (*concordando*)

Talvez fôsse o melhor!...

MARIA DO CARMO

Tantos receios!...

MICAS (*aconselhando*)

Deixe, menina, olhe que sempre é bom!...

MARIA DO CARMO

Pois sim!... Vá, então, tenha paciência!... *(Micas entra em casa)* ¿Vê, como todos são bons para nós?...

PAULO

Para si, Maria do Carmo! *(D. Antónia surge do jardim, a caminhar naturalmente, e estaca de chofre, ao deparar com a scena)* Ninguêm tem fôrças para resistir a um pedido seu!...

D. ANTÓNIA (*avançando*)

¿Mas que desafôro vem a ser êste?... (*exaltadíssima*) ¿Que faz o senhor aqui?... ¿Como veio cá parar?...

PAULO (*surpreendido*)

Eu... eu... minha senhora...

D. ANTÓNIA *(para Maria do Carmo)*

Sim, senhora! ¿Está bonita a hipocrisia, hein?...

MARIA DO CARMO (*balbuciante*)

Hipocrisia?...

D. ANTÓNIA

Não querem ver ao que a gente chegou? ¿Assim se faz tudo quanto se quere, às escondidas, sem uma satisfação... sem...

MARIA DO CARMO

Mas... eu... tia...

PAULO (*recobrando ânimo*)

Minha senhora, creia que não é justo julgar-nos assim tão severamente, sem ao menos nos dar tempo para uma justificação!...

D. ANTÓNIA

Eu não quero saber das suas justificações para coisa nenhuma!... Só o que sei é que o senhor tem procedido muitíssimo mal!... (*veemente, a sufocar o esbôço de um protesto*) ¿Acha, talvez, que é muito recomendável fazer andar à roda a cabeça de uma rapariga sossegada?... (*severa*) Sim, porque é preciso saber-se com quem se trata! É preciso que saiba que antes do senhor ter a triste lembrança de aparecer, ela nem sequer pensava em namoricos, nem nessa trapalhada tôda! Andava alegre, sem preocupações, ia para o seu trabalho, vinha, estava muito bem, muito feliz connosco, e não pensava em mais nada! Aparece o senhor, e aqui temos êstes lindos resultados!...

PAULO (*serenamente*)

Para mim, pelo menos, não poderiam ter sido melhores !...

D. ANTÓNIA

Sim, para si ! Conseguiu os seus fins !...

PAULO (*firme*)

Ainda não...

D. ANTÓNIA (*irónica*)

Quere mais ?...

PAULO

Queremos mais !... Quando duas pessoas, como sua sobrinha e como eu, se deixam levar, sem qualquer resistência, a êste ponto, o caminho indicado e a seguir é apenas um !... Peço-lhe que me faça a justiça de supor, pelo menos até real convencimento do contrário, que eu não sou um egoista consumado, um incombustível incendiário de paixões ! Sabendo que quero muito à Maria do Carmo, de certo não lhe causará estranheza que eu tenha a legítima ambição de construir com ela o meu futuro !...

D. ANTÓNIA (*exasperada*)

Mas, nunca, com a minha aprovação !...

MARIA DO CARMO (*suplicante*)

O' tia !...

D. ANTÓNIA

Pobre pequena!... Como te deixaste prender!...

MARIA DO CARMO

¿È algum mal gostarmos um do outro?...

D. ANTÓNIA

Será um bem... mas eu é que não o encontro!... (*para Paulo*) ¿Querem casar não é assim? Pois bem!... ¿Já pensou na enorme responsabilidade dêsse passo?... ¿Que futuro pode o senhor garantir-lhe?...

MARIA DO CARMO (*vivamente*)

Seja qual fôr!... Assim mesmo o quero!...

D. ANTÓNIA (*mais calma*)

Sabes lá o que queres! (*para Paulo, pensativo*) Em nossa casa, nunca ninguêm lhe negou o que ela desejasse! ¿Está certo de que, casando, continua na mesma? ¿Garante-lhe uma vida, já não quero melhor mas igual, à que ela tem hoje, habituada a não lhe faltar nada?...

PAULO (*quási sucumbido*)

Somos duas crianças, Maria do Carmo!...

MARIA DO CARMO (*angustiada*)

Hein?...

PAULO

Sua tia tem razão... deve ter razão! Eu não tenho o direito de ser leviano! Não se trata agora apenas de mim! É preciso pensar em si!... Eu não devo transformar o seu viver, cônscio de que talvez seja para pior!...

MARIA DO CARMO (*protestando*)

O' Paulo!...

D. ANTÓNIA (*atalhando*)

Aí está!... Êle vê as coisa muito mais claras do que tu! Não tem tantas teias de aranha!...

(Um silêncio. Maria do Carmo, tristonha, abre muito os olhos, procura compreender).

PAULO (*sorrindo, incrédulo*)

¿Mas seria possível a felicidade na renúncia, no desabamento cobarde, inglório dêste sonho imenso que procura tôda a nossa vida? (*alegremente, convencido*) Não, Maria do Carmo, exactamente porque somos duas crianças, temos diante de nós horizontes muito largos por onde espraiar a vista e procurar a vitória!... Esperaremos!... Com o pensamento em si, com o seu amor a iluminar-me, a recompensar-me, trabalharei muito melhor, sem tréguas nem desfalecimentos, até conseguir um lugar definitivo onde nada perca ao entrar!... Entretanto, sejamos apenas, como até aqui, guerreiros namorados do mesmo ideal, caminhemos com muita fé, sem tropeçar, ao encontro da sua realização!... ¿Não quere assim?...

MARIA DO CARMO *(entusiasmada)*

Quero tudo o que quiser!...

D. ANTÓNIA (*assombrada*)

Perderam o tino, não tem que ver!... (*hesitante, procura o que dizer, sem fôrças para protestar*)

MICAS (*aparecendo)*

Não ha forma de encontrar a prima!... (*vendo-a*) Ah! estava aqui! (*e em atitude de perscrutar os ânimos, não acrescenta mais nada*)

D. ANTÓNIA

Estava!... É costume, agora, receber as visitas no quintal, sem se participar nada a ninguêm!...

MARIA DO CARMO (*muito meiga)*

O' tia, não esteja assim zangada!...

D. ANTÓNIA *(num desprendimento pouco sentido)*

Zangada, eu?... Porquê?.. Não tenho nada com isso! Olha, os teus Pais querem cá vir agora!... Vou escrever-lhes para virem mais depressa e depois que decidam todos como quiserem!... Era só o que me faltava!... Importar-me com as tolices que os outros fazem!...

MARIA DO CARMO (*convencida*)

Mas se não é tolíce nenhuma!... Verá que não é!... (*firme, persuasiva*) A tia está assim porque julga que o Manuel vai ter um grande desgôsto com êste acontecimento!... Pois pode estar certa de que se engana!... Êle próprio me aconselhou ainda ha bocado! Pediu-me desculpa do mal que imaginava ter-me causado, e garantiu-me que achava muito bem que eu procurasse seguir apenas a voz do meu coração!...

D. ANTÓNIA (*obstinada*)

Mas se eu não tenho nada com isso! Nem com um, nem com outro!... Arranjem-se como quiserem mas deixem-me sossegada!...

MARIA DO CARMO (*tristonha*)

De-certo o tio não vai ficar tão zangado!...

D. ANTÓNIA (*ciumenta*)

Pois não!... O tio é lá capaz de se zangar!... (*vendo aparecer Sebastião que, ao ver Paulo, tem um breve movimento de regosijo*) Êle aí vem! Com certeza até vai ficar muito satisfeito com a visita e com tudo que se passa!...

SEBASTIÃO (*naturalmente*)

É possível?! Você por cá?... Não o vi entrar!...

PAULO (*confuso*)

É que eu... Isto foi uma brincadeira, uma criancice! Mas como tinha subido a um monte de pedras junto do muro, quando a Maria do Carmo me convidou a entrar, saltei...

D. ANTÓNIA (*colérica*)

Saltou o muro? Ainda mais esta!... ¿Olhem se alguem visse?!...

PAULO (*contrito*)

É verdade que não pensei nisso!... Mas creio que ninguem viu!...

SEBASTIÃO (*numa ténue censura*)

Seria muito melhor ter entrado pela porta, como tôda a gente que nos visita!...

(*Paulo não responde. Maria do Carmo olha o tio ansiosamente, a pedir-lhe benevolência, protecção*)

SEBASTIÃO (*sorrindo*)

¿Ou tinha mêdo de que não lha abrissem?...

PAULO (*embaraçado*)

Confesso que...

SEBASTIÃO

Pensou muito mal!... (*consultando D. Antónia fazendo dela a sua opinião*) ¿Não é verdade, Antónia? A porta da nossa casa está sempre aberta para todos que sejam dignos de a transpor!...

PAULO (*exultante*)

¿ E considera-me incluido nêsse número ?...

SEBASTIÃO

¿Porque não ?... Não deixei nunca de o considerar!...

PAULO (*rapidamente*)

¿ Mesmo que eu pretenda...

SEBASTIÃO (*animador*)

¿ O quê ?...

PAULO (*resoluto*)

¿ Roubar-lhe alguem a quem muito quere ?...

SEBASTIAO

Parece-me que mesmo assim...

PAULO

¿ Não desmereço no seu conceito ?...

SEBASTIÃO

Não descobri ainda razões para isso !... Logo que o conheci e lhe falei, eu simpatisei consigo, com o seu talento, com a sua mocidade ! (*afagando Maria do Carmo, radiante, suspensa das suas palavras*) Imaginei-o com belas qualidades, digno desta criança muito querida, que tão fortemente se deixou prender ! (*sorrindo*) E, por-

tanto, quando adivinhei que desejava da nossa casa mais alguma coisa do que a minha palestra e a minha companhia, não me entristeci! Indaguei para evitar possíveis desilusões que nos magoariam muito, o que diziam a seu respeito aqueles que o conheciam mais de perto! E, francamente, o que ouvi não foi de molde a obrigá-lo a entrar pelo muro!... (*para D. Antónia, pasmada*) ¿Não te parece, Antónia?... Já que nos conquistou a sobrinha, alcançou tambem o direito de encontrar sempre livre a porta da nossa casa!...

D. ANTÓNIA (*atónita*)

¿Mas tu achas que isto tem algum geito, algum senso, algum...

SEBASTIÃO (*alegremente*)

¿Pois então não tem?... ¿Não terá geito e senso ver duas pessoas muito contentes e felizes?...

D. ANTÓNIA

Francamente, parece que estás na lua!... Estás tão doido como êles!...

SEBASTIÃO (*acercando-se*)

É possível!... E, talvez, porque tudo isto me recorda o que já fui, o que já fomos! (*animado*) ¿Não te lembras, ha tantos anos, o nosso entusiasmo, a nossa alegria?!... Eramos tambem novos, sonhadores como êles! Lembro-me, perfeitamente! No dia em que o nosso fu-

turo se decidiu, estava um tempo muito feio, chovia, creio mesmo que trovejava!... Tinhamos tido tambem as nossas contrariedades, as pessoas mais velhas profetizavam-nos muitas outras e, no entanto, nós nada ouvíamos, em nada de mau queríamos acreditar! Estavamos contentes! Havia em nós sol bastante para afugentar todos os nevoeiros!... ¿Ainda não esqueceste êsse dia, pois não?...

D. ANTÓNIA (*sorrindo*)

Como tudo isso já vai longe!...

SEBASTIÃO (*gravemente*)

Para nós!... Para êles, começa agora!... (*rindo*) E tambem me lembro, muito bem, de que estavamos sempre desejosos de que não se metessem muito nas nossas conversas!...

D. ANTÓNIA (*bem disposta*)

¿Queres dizer que não o devemos esquecer agora?...

MICAS (*maravilhada*)

De-certo!... Vamos-nos embora, que temos mais que fazer!... (*apanhando umas flôres*) Eu já vou apanhando as flôres para a mesa! Noivado sem flôres, não tem graça nenhuma!...

SEBASTIÃO (*saindo*)

E sem um cálice de Porto velho, do que melhor houver na minha garrafeira!...

D. ANTÓNIA *(rendida)*

¿Bem, está então decidido?... *(para Maria do Carmo e Paulo, sem reserva alguma)* ¿Temos mais uma pessoa a jantar?...

MARIA DO CARMO *(radiante)*

Oh! minha tia!...

D. ANTÓNIA *(saindo)*

Já agora!... Emfim... contanto que tenham juízo!...

MICAS *(com um braçado de flôres)*

¿Chegarão, Maria do Carmo?... São tôdas as mais bonitas!...

MARIA DO CARMO

Chegam!... Deixe-mas ver, vou-as arranjando!...

MICAS *(deixando-lhas)*

Pegue!... Vá fazendo tambem alguma coisa! *(radiante)* Sempre lhes digo que tiveram uma sorte!... Eu nunca esperei que a tia se resolvesse tão depressa!... *(sai a cantarolar uma quadra alusiva)*

Maria do Carmo e Paulo olham-se, sorridentes, silenciosamente, um tanto surpreendidos).

PAULO (*logo, alegremente, numa expansão de triunfo e felicidade*)

¿ Maria do Carmo, que pensa de tudo isto?...

MARIA DO CARMO (*numa voz de sonho, risonha, infantil, aérea*)

Nem sei!... Não estou em mim!... Sabe?... Parece-me que vou entre nuvens, a olhar cá para baixo muito admirada... sem ousar crer na minha pousada de maravilha!...

Lisboa.
Julho-Setembro, 1926.

QUE PENA SER SÓ LADRÃO!

TRÊS PEÇAS EM 1 ACTO

JOÃO DO RIO
Da Academia Brasileira
e da Academia das Sciências de Lisboa

QUE PENA SER SÓ LADRÃO!

ENCONTRO
UM CHÁ DAS CINCO

(TRÊS PEÇAS)

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

Reservados todos os direitos de reprodução em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português;* no Brasil, nos termos do convénio de 9 de Setembro de 1889 e lei n.º 2.577, de 17 de Janeiro de 1912; nos países convencionados, em harmonia com a convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de Março de 1911. A propriedade desta obra pertence à Sociedade Editora Portugal-Brasil L.da.

Imprensa PORTUGAL-BRASIL, Rua da Alegria, 100 — Lisboa

A CRISTIANO DE SOUZA

Que pena ser só ladrão!

(Sainete sôbre a lembrança de um conto de Paul Giaffari)

PERSONAGENS { O GENTLEMAN
ADRIANA

ACÇÃO: ONTEM

Representado pela 1.ª vez a 4 de Setembro de 1915
no Teatro Trianon, do Rio de Janeiro,
por Cristiano de Souza e Ema de Souza

O quarto de Adriana.—Mobiliário habitual nas pensões denominadas no Brasil—«d'artistas». É uma pensão meio têrmo, de um chic *de terceira ordem. Um meio divan. Um meio garda-vestidos. Um penteador. O leito. Ornamentos de mau gosto, como de costume. O quarto está em desordem. O relógio bate duas horas, na ocasião em que se descerra o pano, para mostrar ao público, (se houver público), quadro tão simples.—Um homem elegantíssimo, (casaca, peitilho, chapéu-claque, mac-farland), ocupa-se nesse quadro simples a revistar os móveis. Pelo ar correcto é senhor de maneiras finas. —Para não dizer cavalheiro, (o que não seria elegante), é um gentleman.—Semi-penumbra.*

O GENTLEMAN

Perfeitamente singular. A rapariga dava mostras de ter dinheiro e de ser um tanto avoada. Mas estou a ver que perco o meu tempo. Não há nada. Teria pôsto o dinheiro no banco como os capitalistas? Que desilusão, a *cocotte!* Tentemos a *coiffeuse.* Quem sabe? *(Tira um molho de chaves falsas. Acende o briquet para ver melhor).*

Sempre custa abrir a gaveta de uma *coiffeuse!* É preferível ler pela manhã os artigos do Leopoldo de Bulhões contra a emissão. Tenho

de forçar esta imprudente gaveta... *(Neste momento, rumor fora. O gentleman dá um pulo).*

Hein? Gente! Se é ela! Se vem acompanhada está o "serviço„ estragado! *(Olha para todos os lados).*

É impossível fugir... Só um grande topete... *(Movimento da porta, na qual metem por fora a chave. O gentleman precipita-se, agarra a maçaneta).*

É ela mesmo. Coragem! Ganhemos tempo. *(A porta é sacudida).*

ADRIANA, *fora*

Diabo! A porta não abre. Era só o que me faltava!

O GENTLEMAN

Virá só? Virá acompanhada?

ADRIANA, *fora*

Diabo! Diabo! Diabo! Isso é coisa da Adelina... Espera aí, Adelina! Adelina!

O GENTLEMAN

Arrisquemos! *(à porta, carinhoso)* Não é Adelina não, meu bem, sou eu...

ADRIANA, *fora*

Quem?

O GENTLEMAN

Adivinha! O teu coração... Vens só?

ADRIANA

Não conheço a voz.

O GENTLEMAN

Pudera! *(alto)* Ingrata! Estás só?

ADRIANA

Estou. Abre de uma vez!

O GENTLEMAN

Ó sorte!

ADRIANA

Abre, ou eu grito!

O GENTLEMAN

Entra, meu amor... *(Larga a maçaneta.*

Recua. A porta abre-se violentamente. Adriana entra no escuro...)

ADRIANA

Que brincadeira estúpida, José! Uf! Mas que idea de ficar no escuro... Não disseste que não vinhas hoje? José... José. Basta de pilhérias... *(Corre a electricidade. Luz. Ela olha, recua. Grito abafado).*

Ah!... Mas não é o José... Quem é o senhor?

O GENTLEMAN

Quem sou eu?

ADRIANA

Não o conheço!

O GENTLEMAN

Também não é possível conhecer todo o mundo.

ADRIANA

Que quer o senhor?

O GENTLEMAN

Que quero eu?

ADRIANA

Mas fale, responda! Que quer? Como entrou cá? Fale!

O GENTLEMAN

Você pregunta tanta coisa!

ADRIANA, *olhando o aposento*

O quarto desarrumado, os armários abertos... a gaveta! Oh! É um ladrão! *(correndo à porta)* Socorro!

O GENTLEMAN, *fechou a porta, calmo; tapou-lhe a bôca*

Que feio! Uma rapariga inteligente como você a dizer tolices!

ADRIANA, *debatendo-se*

Eu grito! Não feche a porta! Largue-me!

O GENTLEMAN

Patetinha!

ADRIANA

Ladrão! Assassino!

O GENTLEMAN, *larga-a bruscamente. Tom autoritário*

Ora bolas! Já disse que não seja tôla! Faça o obséquio de olhar-me. Tenho o aspecto de um malfeitor? Se fôsse um assassino já a tinha pelo menos estrangulado. Ouviu. Idiota!... Vá, grite! Nunca pensei. Mulher sem educação! Olhe bem para mim. Para esta *claque*. Para êste *mac-farlane*. Para estes sapatos. Para este scenário todo. Já viu você malfeitor assim? Vão lá brincar com as raparigas que julgamos educadas! (ADRIANA *olha-o sem compreender bem, atónita).*

O GENTLEMAN, *digníssimo*

Compreendo a sua surprêsa. Você não contava comigo. Mas é preciso compreender que eu também não contava com você. É o que se pode chamar um encontro *fortuito*. Nada mais. Felizmente está tudo acabado entre nós. Chamar-me assassino, eu que lhe não toquei com um dedo sequer! É muito. Nunca fui tão desconsiderado! *(Mete a mão no bôlso trazeiro da calça para tirar a carteira dos cigarros).*

ADRIANA, *recua*

Não! Não! Perdão!

O GENTLEMAN, *furioso*

Mas que estupidez é essa?

ADRIANA

O senhor não está armado?

O GENTLEMAN, *ri, tirando a cigarreira*

Criança! Decididamente não está em seu juízo!

ADRIANA, *menos medrosa*

Mas eu não o conheço!

O GENTLEMAN

Que importa!

ADRIANA

Venho encontrá-lo cá...

O GENTLEMAN

Que tem isso?

ADRIANA

No meu quarto!

O GENTLEMAN

Havia de ser no quarto de outra?

ADRIANA

Mas é de fôrça!

O GENTLEMAN

Você é que está sem espírito. Até pensou que eu estivesse armado!...

ADRIANA

Boa dúvida. Nos tempos que correm, só a gente bem vestida é que usa armas...

O GENTLEMAN

Perdão. Para certos casos. Se eu tivesse vindo de uma festa literária estaria prevenido. Mas eu venho do Lírico, minha filha. Do Lírico! Haveria o receio dos críticos. Êsses, porém, a-pesar-de se descomporem horrívelmente, ou não descarregam as armas ou não teem fôrças para as descarregar. No Rio, ainda é possível ouvir pelo menos música — sem estarmos armados senão de paciência. *(Recosta-se no divan, a fumar).*

ADRIANA, *ainda receosa*

Emfim... Estava bonito?

O GENTLEMAN

Era a *Tosca*. Nem mais nem menos: a história de um bandido, chefe de polícia.

ADRIANA

Naturalmente, perseguidor de mulheres?

O GENTLEMAN

Como todos os chefes de polícia, minha filha. Uma lástima. Se soubesses o que faz o chefe da *Tosca* contra uma pobre mulher, cujo crime único era amar um pintor! Muito pior que os chefes de agora. Para o fim, a rapariga, não podendo mais diante do amante morto, atira-se ao rio...

ADRIANA, *estúpida*

Vem para cá?

O GENTLEMAN, *rindo*

Hein? Não. Atira-se a um rio de verdade; cai na água... Felizmente aliás. Era tempo.

ADRIANA

O senhor não gostou, parece...

O GENTLEMAN

Porque tôda essa história é acompanhada de música e eu embirro com o autor da música.

ADRIANA

Questão de mulheres?

O GENTLEMAN

Questão de asseio. O homem não limpa os dentes, e eu, em coisas de limpeza, sou severíssimo.

ADRIANA

Mas então porque foi?

O GENTLEMAN

Para dizer mal — como tôda a gente... Mas faz-se tarde. Quási quatro horas. Minha menina, muito boa noite. Está no seu quarto, tranqüila. Vai dormir direitinha, sem sustos. Convenceu-se de que eu não era mau? Agora

é esquecer o acaso que nos pôs face a face...

ADRIANA

Que é isso? Então vai embora? Agora?

O GENTLEMAN

Claríssimo.

ADRIANA

Porque continua a brincar?

O GENTLEMAN

Ao contrário...

ADRIANA

Pois então? Entra sem eu estar, remexe as minhas coisas. Não!.. Depois do que conversou, eu não posso pensar senão numa brincadeira...

O GENTLEMAN

Perdão. Ia a esquecer as chaves... *(Vai à «coiffeuse»).*

ADRIANA

Oh! não continue. Que chaves são essas?

O GENTLEMAN

Chaves falsas.

ADRIANA

Oh!

O GENTLEMAN

Isto é: chamam-nas falsas. Eu penso o contrário. As chaves mais verdadeiras devem ser sempre as que abrem mais... Erros de denominação! Não há chaves falsas; há portas, gavetas, algibeiras... Emfim, a vida, as situações falsas da vida! *(Guarda as chaves).*

ADRIANA

Mas que homem!

O GENTLEMAN

Há alguma coisa de extraordinário?

ADRIANA

É que quanto mais o senhor fala, menos eu acredito.

O GENTLEMAN

Em quê?

ADRIANA

Não sei...

O GENTLEMAN

Diga sempre...

ADRIANA, *tomando coragem*

Pois bem, digo. O senhor é mesmo?...

O GENTLEMAN, *vai à porta, abre-a um pouco. Consulta o relógio*

Você não deixa de interessar-me. Vou, pois, perder alguns minutos e confiar no seu coração de mulher. Sente-se aí, mais perto da porta. Vê que me entrego inteiramente, para mostrar que não lhe quero mal. Agora a confissão.

Você preguntou se eu era mesmo... Sim, sou. Só isso. Mas superior, compreendeu? Em tôdas as profissões há categorias. A minha é como o jornalismo, a política, o funcionalismo, o teatro... No jornal, o contínuo pertence ao jornal, o repórter pertence ao jornal, o redactor pertence ao jornal. Mas há o director gerente! Nos bancos há contínuos, pagadores, guarda-livros, caixas. Mas há também o director. Nos teatros, você deve ter reparado, há uma porção de gente. Mas quando você vai, por

exemplo, ver uma companhia portuguesa, o que vai ver você?

ADRIANA

A Palmira Bastos!

O GENTLEMAN

Como a sua mamã...

ADRIANA

Não é de cá a mamã!

O GENTLEMAN

... como a sua vóvó...

ADRIANA

Já morreu.

O GENTLEMAN

Não altera o meu princípio. A questão é de saber que em tudo há classes, tal qual como nos enterros — porque afinal as profissões são os enterros da vida...

ADRIANA

Meu Deus! Quanta coisa...

O GENTLEMAN

Na profissão de gatuno há os contínuos, os amanuenses, os varredores, os coristas, os especialistas medíocres, como o Pula Ventana, os assassinos que são presos. E há também os superiores, os «leaders». Eu sou gatuno. Mas de primeira classe. Gatuno «leader».

ADRIANA

Deixe-se de pilhérias! Se o senhor fôsse mesmo gatuno não dizia.

O GENTLEMAN

Seria um êrro lamentável. Tôdas as profissões são interessantes quando nos destacamos nelas. Depois, minha filha, devo dizer que escolhi a profissão de gatuno admirável, em primeiro lugar porque é a única profissão em que o reclamo foi abolido; em seguida porque no Brasil tôdas as outras profissões estão inteiramente desmoralizadas. Palavra! Os colegas chamam-se mútuamente coisas feias e o público acredita. Nem a Maçonaria escapa! Só há realmente uma classe unida: a dos ladrões. Veja você os jornalistas. Se tomarmos ao pé da letra o que êles dizem uns dos outros, princi-

palmente os estúpidos dos inteligentes — estaríamos mais garantidos no Pinhal da Azambuja. O mesmo acontece com os literatos, os advogados, os políticos...

ADRIANA

Ah! êsses, não resta dúvida...

O GENTLEMAN

Ainda bem. Até você considera os políticos ratoneiros. Ponha-se agora no meu lugar e seja deputado ou ministro para ser tratado, já não digo de ladrão, mas de sem vergonha, dançarino, prostituta...

ADRIANA

Oh!

O GENTLEMAN

Chocou-se com o palavrão? Pois há piores, impressos diáriamente nos jornais.

ADRIANA

Eu não leio jornais, senão quando há crimes.

O GENTLEMAN

Ainda bem. Você perderia muito. Nada mais pernicioso do que a leitura de artigos de fundo. É preferível não os ler. Porque afinal a única profissão que não é insultada nos jornais é a de ladrão. Ao contrário, é considerada o diletantismo de tôdas as outras.

ADRIANA

Metade do que o senhor diz eu não compreendo.

O GENTLEMAN

Nem é preciso.

ADRIANA

Não compreendo e não acredito.

O GENTLEMAN

Isso é que me faz desconfiar de que você seja brasileira. Emfim, minha pequena, a questão é simples. Eu sou ladrão. Mas de primeira classe, como o Maurício de Lacerda na oratória parlamentar, a Palmira Bastos nas companhias portuguesas, o Leon Rousellières na polícia, e outras glórias universais. Escolhi a pro-

fissão de gatuno porque é a única que não atacam. E trabalho só, porque — ó miséria humana! — quando se organiza uma quadrilha é certo que nos traem os outros. Ainda há pouco tivemos um exemplo com o rapto das sabinas.

ADRIANA

Que sabinas?

O GENTLEMAN

As filhas putativas de um homem solteiro que foi ministro. Essas filhas arruïnaram os comerciantes...

ADRIANA

Coitados! nesta época de crise...

O GENTLEMAN

Está convencida agora?

ADRIANA

De quê?

O GENTLEMAN

De que sou gatuno?

ADRIANA, *sorrindo*

Se lhe dá prazer...

O GENTLEMAN

Deixe-me então dizer-lhe que a sua atitude para comigo tem sido de absoluta falta de tacto.

ADRIANA

Ora esta!

O GENTLEMAN

Claríssimo! Qual é a sua profissão?

ADRIANA

Creio que o senhor não me vai ofender?

O GENTLEMAN

Bem. Respeito a discrição feminina. Mas permita que me julgue ofendido.

ADRIANA, *inquieta*

Porquê? Que tem?

O GENTLEMAN

Sem receio. Sou um cavalheiro. E a-pesar-de ser de indústria, há muitos industriais que não são cavalheiros. Eu mantenho a linha. Considere, porém, o nosso caso — e veja como procedeu absurdamente.

ADRIANA

Absurdamente?

O GENTLEMAN

Sim. Que faz a menina, à noite e de dia? Não precisa dizer. Sabemos. Há cidadãos conhecidos de nome ou de vista e alguns nem de nome nem de vista. Êles falam à menina, e a menina, esquecendo que quem vê caras não vê algibeiras, come com êles, vem para casa com êles, dorme descuidosa ao lado dêles. Pensou alguma vez que um dêsses indivíduos podia ser um assassino, um ladrão, um flagelador, um suïcida? Que poderia amanhecer ao lado de um cadáver, ou amanhecer roubada, ou amanhecer assassinada? Nada disso. A menina ri, brinca, está alegre, com esperanças, sem pensar no perigo. Mas como em vez de me encontrar no club ou na rua, a menina en-

controu-me no seu quarto, a menina só por essa pequena alteração, quis gritar, quis prender-me, teve mêdo — esquecida de que se eu tivesse intenções sinistras começaria por fazer exactamente o que tôda a gente com facilidade faz. É ou não absurdo? É sim. A menina só tem uma desculpa: procedeu como a sociedade, cuja estupidez colectiva só se mede pela própria inconsciente depravação... Êsse, porém, foi o primeiro absurdo — porque, logo que me viu bem vestido e falando bem, a menina resolveu achar impossível que eu fôsse gatuno, simplesmente gatuno, ofendendo-me no meu mais sério orgulho: o orgulho profissional. Eu resolvo perdoar-lhe porque ainda neste caso a menina é tão imbecil como a sociedade que só respeita os gatunos com outros nomes e prende os simples sinceros profissionais.

Para compreender bem o que eu digo basta indagar: se em vez dêste seu criado encontrasse o *croupier* do club donde vem, não o receberia? Com prazer! Se fôsse o seu *gigolo*...

ADRIANA

O meu *gigolo* não é ladrão.

O GENTLEMAN

Porquê?

ADRIANA

Porque é rico.

O GENTLEMAN

E é *gigolo?*

ADRIANA

Porque eu quero.

O GENTLEMAN

Eis as mudanças que levam ao êrro.

ADRIANA

Depois, antes era pobre e eu gosto dêle. Foi outro dia que o pai estoirou em Portugal, deixando-lhe duzentos contos.

O GENTLEMAN

Assim uma fortuna do pai para a mão?...

ADRIANA

Palavra!

O GENTLEMAN

Vão lá explicar a sorte. Que diria Spinosa disso?

ADRIANA

Spinosa não tem que meter o nariz aqui. Não admito que se intrometam na minha vida pessoas que eu não conheço.

O GENTLEMAN

Eu faço o contrário. Só me meto com quem não conheço. Veja o exemplo de agora. *(com melancolia)* Se não a tivesse conhecido, teria arranjado a minha vida. *Tu sarai solo, tu sarai tutto tuo* já disse Da Vinci.

ADRIANA

Outro!

O GENTLEMAN

Que outro?

ADRIANA

Que eu não conheço!

O GENTLEMAN

Também você não conhece ninguém!

ADRIANA, *com tristeza*

Ai filho, antes não conhecesse... *(O* GENTLEMAN *olha-a. Silêncio. Ela tira o chapéu, o manteau — profissionalmente. Êle naturalmente fecha de novo a porta. Acende outro cigarro. Hesita. Depois:)*

O GENTLEMAN

Bem. Vou-me embora. Ao que parece, a vida não te sorri muito?

ADRIANA

Assim...

GENTLEMAN

Pareces o presidente da República diante do problema económico.

ADRIANA

É porque êle sabe de certo com que linhas se cose...

GENTLEMAN

Ou não sabe. Ninguém sabe nada. Eu digo como o António Carlos.

ADRIANA

Outro!

GENTLEMAN

Outro?

ADRIANA

Que também não conheço.

GENTLEMAN, *rindo*

Há muitos outros ainda. O mundo é pequeno, mas tem muita gente. Principalmente nas cidades. Olha aqui. Só o bairro de Botafogo...

ADRIANA

Conhece lá muita gente?

GENTLEMAN

De vista. Moro lá.

ADRIANA

Ah!

GENTLEMAN

É exacto. Há dôze anos. Apenas lá sou um

homem socialmente honesto. Do cais da Glória para cima ninguém me pega a trabalhar. Em geral o resto dos moradores faz o mesmo.

ADRIANA

Hein?

GENTLEMAN

Vem trabalhar para o centro...

ADRIANA, *rindo*

O senhor sempre me saíu muito pândego!

GENTLEMAN

A la bonne heure. Não há como a verdade para parecer mentira. Também a mentira vinga-se: parece sempre a verdade... Bem. Vou-me embora. Toque nestes ossos. Adeus!

ADRIANA, *retendo-o*

Sério?

GENTLEMAN

Pequena imprudente!

ADRIANA

Ora não me aborreça mais com êsses finjimentos. Eu confesso que a princípio tive mêdo. Mas compreendi logo. Agora não caio. O senhor é um extravagante que quis assustar-me para gozar o meu susto. Olhe. Há piores e que não falam tão bem. Gente de cocaina, de alfinetes, de porcarias...

GENTLEMAN

Conheço muito alguns...

ADRIANA

E não são só velhos. Rapazes com cada idea... O senhor é pelo menos original. Mas eu sou esperta e percebi. Nem morta acredito que seja gatuno! Deixe-se de mais histórias. Venha dormir.

GENTLEMAN

E o gigolo?

ADRIANA

Não vem hoje.

GENTLEMAN

Está a divertir-se com o dinheiro do pai?

ADRIANA

Ainda não recebeu. O pae morreu há um mês.

GENTLEMAN

Por isso a menina está triste.

ADRIANA

Não; não é por isso... Sabe o senhor que estou a simpatizar com a sua cara?

GENTLEMAN

Mesmo sendo eu gatuno?

ADRIANA

Ora!

GENTLEMAN, *tomando-lhe a bôlsa*

E se eu ficasse com esta bôlsa?

ADRIANA

Não tem muito, meu filho. Apenas 122 mil réis.

GENTLEMAN

Nestes tempos não é mau, para um simples particular. Olha, o Irineu Machado não renuncia a uma das cadeiras da Câmara só para poupar ao Tesouro 2:400$000 réis por mês... 122 mil réis é uma soma.

ADRIANA

Não brinque...

GENTLEMAN

Emfim, minha filha, a culpa é sua. Não tem que se queixar. Você vai dar licença: eu roubo-lhe os 122 mil réis.

ADRIANA

Você vai roubar os meus 122 mil réis?

GENTLEMAN, *abriu a bôlsa, tirou o dinheiro calmo*

Eu já tive o desprazer de roubar-lhe os 122 mil réis. E é inútil você gritar, chamar a polícia — porque entre mim e você ninguém deixará de não acreditar em você. Está a ouvir?

ADRIANA, *no auge da raiva*

Ladrão!

GENTLEMAN

Exactamente. Mas experimente dizê-lo alto. Meto-a na cadeia, como alguns colegas meus — de respeito. Adeus! *(Abre a porta).*

ADRIANA

Eu grito!

GENTLEMAN

Sabe bem que ninguém acreditará. Sim ou não? Grite você! Eu espero! *(Senta-se).* Pobre pateta que não compreende a sua miserável posição na sociedade!

ADRIANA, *rompendo em chôro*

Sómente... sómente... não é gentil! Depois de ter conversado tão bem... Depois de mostrar tantos conhecimentos.

GENTLEMAN

Mas que quer que eu faça, se sou ladrão?

ADRIANA

Sómente... sabe Deus quanto me custou para arranjar êsses 122 mil réis... Estou atrazada na pensão... Tão atrazada... e não tenho mais nenhum, nenhum...

GENTLEMAN

Mas que hei de fazer se sou ladrão?

ADRIANA

Sómente... sómente... eu não sou inteligente... mas preferia que... sim... era melhor que tivesse roubado logo sem me falar... porque quando um homem fala com uma mulher duas horas... e depois leva-lhe todo o dinheiro... 122 mil réis! contra a vontade dela... não é ladrão, não!... é... um... um canalha...

GENTLEMAN, *ergue-se pálido*

Hein!

ADRIANA

Sómente... sómente... eu sou uma pobre... que qualquer pode enxovalhar... rou-

bar... matar, uma pobre em que ninguém acredita... mas acho muito feio... muito feio... tão feio!... E dou-lhe... sabe? prefiro dar-lhe os meu 122 mil réis... Pode levar... pode ir embora... Deus me ajudará... pode ir... eu não faço nada. Leve... leve... ande... *(Soluço).*

GENTLEMAN

Obrigado. *(Caminha para a porta. Ela cai numa cadeira chorando baixinho. O Gentleman volta).* Permita entretanto que, retribuindo a sua gentileza, eu ofereça à menina *(e abre a carteira)* a quantia de 122 mil réis, produto líquido do meu trabalho desta noite. *(Põe o dinheiro na coiffeuse).* E mais uma pequena soma, resto dos meus trabalhos doutros dias. Vai fazer-me uma terrível falta. Eu não negociei com as sabinas. Eu não sou amigo dos ministros. Tenho, porém, o maior prazer... E até mais ver.

ADRIANA, *pula, grita*

Logo vi que não eras ladrão.

GENTLEMAN

Por quem me toma a senhora? Sou sério.

E por ser ladrão e respeitar a minha profissão, que não acanalho, é que a compreendi. Adeus.

ADRIANA

Mas... mas... mas é mesmo? Não fica?

GENTLEMAN

Deus me livre! Sou casado e nunca durmo fora de casa.

ADRIANA

Mas é impossível!

GENTLEMAN

Como tôdas as coisas certas. Adeus. Não quero ir, porém, sem lhe beijar a mão. Salvou-me de ser igual aos outros. Decididamente não há como a gente ser moral para ensinar a decência à gente séria. Adeus.

ADRIANA, *olha o dinheiro, olha o* GENTLEMAN, *que se vai*

Não vá! não vá!...

GENTLEMAN, *à porta*

E tenha cuidado, filha. Feche bem a porta.

Esta polícia só faz asneiras! Os ladrões andam por aí a assaltar a própria autoridade. Cuidado. Adeus. Seja feliz. Obrigado. Durma bem... *(Desaparece).*

ADRIANA

Ah! *(Corre a fechar a porta, respira, senta-se, ergue-se).* Mas parece impossível! Tão elegante! Tão simpático! Tão sério! Tão diferente!... Que pena não ser como nós, meu Deus! Que pena ser só ladrão!

Cai o pano.

Encontro

1 acto sôbre uma triste saüdade...

PERSONAGENS { ADÉLIA DA PINTA
CARLOS
ANICA

ACÇÃO: EM PAÇOS DE CALDAS, OUTRO DIA

ENCONTRO

A pequena sala da frente de uma casa de porta e janela numa rua perdida da estação termal de Poços de Caldas. — Na pequena sala há um leito grande com colcha de chita; há um oratório com flores de papel e crochets, *algumas cadeiras, um console, um cabide de centro. — São talvez duas horas da tarde, ou como se diz modernamente: — quatorze horas. Vê-se pela janela aberta a paizagem da estrada, com sol, céu azul, casas distantes. — Quando descerram o pano, está sentada a uma das janelas, fazendo* crochet *e cantarolando tristemente, uma mulher. Saia, bata, cabelo arranjado, sinal na face. Chamam-na a Adélia da Pinta. — Pouco depois passa com um balaio uma outra tipa. Tem o nome de Anica ou Micas. E tôda a conversa que tem é de fora, da rua, sem entrar na sala.*

ANICA

Boa tarde, Adélia...

ADÉLIA

Oh! Viva... Boa tarde! Como vais?

ANICA

Assim, rolando sem ser pipa. As coisas estão

mesmo azaradas. Não me lembro de ver em Poços uma estação tão sem gente.

ADÉLIA

É impressão tua. Olha: entra, descansa...

ANICA

Não posso. Tenho lá em casa o homem a roncar que parece um porco.

ADÉLIA

Cruzes!

ANICA

Nem todos teem sorte como tu!

ADÉLIA

Eu, sorte?

ANICA

Pois! P'ra ti, não está má a estação...

ADÉLIA

Ah! o coronel...

ANICA

Achas pouco? Nesta quadra quando os banhistas ficam no hotel ou vão todos para a casa do Pimenta deixarem-se explorar pelas espanholas? Qual o infeliz que se aventura a procurar uma pobre de Cristo como eu? Tu tens o coronel, ao menos!

ADÉLIA

Ao menos...

ANICA

Passas bem, comes bem. Eu tenho de agüentar aquele animal a sêco...

ADÉLIA

Mas também porque te metes com homens sem recursos?

ANICA

O coração, minha filha. Faz a gente quebrar a cabeça!

ADÉLIA

Porque te queixas então?

ANICA

Ai, filha, nem sei... a necessidade! Não tens por aí algum cobre que faça arranjo?

ADÉLIA, *procurando no cesto*

Ai! meu Deus! Tenho só duas pratinhas. Queres uma?

ANICA

Deixa cá ver, ricaça...

ADÉLIA

Antes fôsse...

ANICA

Deus te favoreça nos teus desejos...

ADÉLIA

Amen...

ANICA, *preparando-se para partir*

O coronel já esteve aí hoje?

ADÉLIA

Só vem de tardinha...

ANICA

É que eu soube na venda do seu Agapito que êle perdeu ontem na roleta do dr. Horácio para mais de conto.

ADÉLIA

Ah!

ANICA

A modos que não te causa mossa?

ADÉLIA

O coronel é tão rico!

ANICA

Pois que coma numa tijela! O diabo é ter tanto dinheiro, gostar de ti e não te tirar disso...

ADÉLIA

Já cuida de mim; é muito. Olha, quantas queriam, hein, Micas?

ANICA

Menos eu. Não atrapalho o beco. Mas vou indo. Bom, adeusinho...

ADÉLIA

Adeus...

ANICA, *vai embora*

ADÉLIA

Desavergonhada! Recebeu o favor, mordendo... *(Continua a cantarolar).*

Passa distraídamente pela rua, CARLOS GUIMARÃES. *Puxa levemente da perna. Veio a Poços afastar uma sciática impertinente. Deve ter quarenta anos muito vividos. É elegante, muito elegante, com o ar estrangeiro. Anda distraídamente, aborrecido e triste.* ADELIA *trabalha e canta.—Talvez o canto chame a atenção de* CARLOS GUIMARÃES. *Pára. Olha.—Parece ter um espanto.—Sorri. Faz um gesto como se achasse absurda a sua lembrança. Continua.—Mas volta.—Olha com atenção.—* ADÉLIA *levanta os olhos.*

ADÉLIA

Que homem! Parece que come a gente com os olhos... E tão bem vestido... *(Gesto de coqueteria, sorriso. Carlos desaparece)* É dos do Rio, das pensões chics... Só deve freqüentar as espanholas do Pimenta. *(Continua a cantarolar. Carlos reaparece como for-*

çado por uma vontade superior. Decidido, de fora):

CARLOS

Bom dia, rapariga.

ADÉLIA, *sorri*

Bom dia.

CARLOS

Diga-me cá. Você é de Poços?

ADÉLIA

Não, senhor. Desejava alguma informação?

CARLOS

Eu? Não. Isto é...

ADÉLIA

O senhor é banhista novo?

CARLOS

Cheguei ontem realmente. Estou a ver a cidade...

ADÉLIA

E lá no Hotel deram de-certo notícia ao senhor da casa do Pimenta?

CARLOS

Que Pimenta, mulher?

ADÉLIA

O das espanholas...

CARLOS

Qual! Não trato disso, minha filha... *(Pausa).* Diga: como se chama você?

ADÉLIA

Preguntador! para que quer saber?

CARLOS

Para nada...

ADÉLIA

Então não digo.

CARLOS, *encostado à janela*

Diga, não seja má...

ADÉLIA

Eu chamo-me Adélia...

CARLOS

Bem bonita que você é...

ADÉLIA

Não esteja a fazer pouco...

CARLOS

E êsse sinal aí na face...

ADÉLIA

Parêce de nascença, não?

CARLOS

Pois não é?

ADÉLIA, *satisfeita*

Não, senhor! É pintado. Todos juram que é

verdadeiro. Foi pintado por uns chineses do circo de cavalinhos. Ficou tão bonito que só me chamam "Adélia da Pinta"...

CARLOS, *sempre observando, a sorrir*

Mas se o sinal não é de nascença, então é o diabo.

ADÉLIA

Porquê?

CARLOS

Fica você mais parecida ainda com uma pessoa que eu conheço.

ADÉLIA

Ah!

CARLOS

Isto é: que conheci...

ADÉLIA

Era bonita?

CARLOS

Tão bonita que nunca mais a esqueci. Isto é: era bonita para mim.

ADÉLIA

Paixão?

CARLOS

Não; foi há tanto tempo!

ADÉLIA

Morreu?

CARLOS

Não, perdemo-nos de vista. Você parece-se muito com ela. Bom: obrigado. Não se zangue com a minha curiosidade. Engraçado! Cheguei, e ficámos logo a conversar como camaradas. É a sua parecença... Mas não olhe assim, rapariga, não olhe. Que tem? Mas é o olhar, o mesmo olhar da Argemira...

ADÉLIA, *que o fitava muito, tem um tremor*

Hein? Como diz o senhor?

CARLOS

Digo que tem o olhar de Argemira...

ADÉLIA, *de repente, fazendo esfôrço enorme como para se recordar*

Eu? Eu? Entre, homem...

CARLOS

Mas para quê?

ADÉLIA, *abrindo a rótula, quási autoritária*

Entre, ande...

CARLOS

Mas não quero nada: tenho até pressa...

ADÉLIA

Entre. Faça favor. Um minutinho só. Quero preguntar-lhe uma coisa... É sério.

CARLOS, *entrando*

Creio que não a ofendi...

ADÉLIA, *fecha a rótula, fecha a janela. Vem para êle. Olha-o. Olha-o.*

CARLOS

Que é isso? Dar-se há o caso que também me conheça? *(Rindo, sem vontade)* Pareço-me também com alguém seu conhecido?

ADÉLIA, *fita-o ainda. Depois senta-se numa cadeira, muito encolhida e rompe num chôro grande, profundo,*

CARLOS

Mas que é isso? Não chore. Sou bom homem. Já lhe disse. Não tive tenção de a magoar. Que mal há em tomá-la por outra. Mas não chore. *(Aflito)* Olhe, ouça. Eu já sou quási velho. Tenho quarenta anos. Está a ouvir? E nunca magoei uma pobre mulher. Não. Eu sei. Coitadinha! Olhe, rapariga. Não tem nada de mal. Essa Argemira foi o meu primeiro namôro. Há 23 anos! Eu era criança, ela também. Tudo muito decente, muito puro. Tanto que não esqueci... Olhe, nada tem com você... Vá, levante-se, limpe êsses olhos... não chore mais... Pobresinha... Diga que não está zangada!

ADÉLIA

Ao contrário... ao contrário. *(Baixo, simples, com imensa ternura)* Como está mudado, Carlos!... *(Pausa)*.

CARLOS

Não me enganei... então... tu és mesmo Argemira!

ADÉLIA

Estou velha, hein?

CARLOS

Não. Francamente... estás... uma senhora apenas.

ADÉLIA

Uma mulher, Carlos...

CARLOS

Argemira... minha pobre Argemira!

ADÉLIA, *insensívelmente intima*

Não contavas?

CARLOS, *tristíssimo*

Mas fiquei tão contente, estou tão contente!...

ADÉLIA

E eu? Só ver que não me esqueceste! Êste é o dia mais feliz. Pobresinha de mim. Há tanto tempo!

CARLOS

A vida! Foi há vinte e três anos. *(Sem convicção)* E parece que foi ontem,

ADÉLIA

Ou que foi há muito mais tempo. É recordação... Mas que choque. Estou com o coração batendo, batendo... E envergonhada...

CARLOS

De quê?

ADÉLIA

Não sei... de já ser outra, estar assim...

CARLOS

Ora... é que não te lembravas mais...

ADÉLIA

Não digas! Seria lá possível! Lembro até o dia em que nos vimos pela primeira vez.

CARLOS

Foi no Passeio Público.

ADÉLIA

E tu nos acompanhaste a Santa Teresa.

CARLOS

Quanta maluqueira depois!

ADÉLIA

Tempo bom!... Quando eu soube que eras estudante, filho de um senador, e que gostavas de mim, uma pobre rapariga, filha de um trabalhador qualquer!

CARLOS

Tu eras tão bonita!

ADÉLIA

O que eu fazia para poder sair à noite e encontrar-me contigo na ladeira do Curvelo!

CARLOS, *recordando*

Como me lembro! Vinhas cheirosa, cheirosa. Parecias uma rosa!

ADÉLIA

Era éter floral que me dava a Julinha...,

CARLOS, *animado*

Era a tua pele, era a tua bôca, eram os teus cabelos...

ADÉLIA

E as corridas, para nos vermos livres da Julinha?

CARLOS

De vez em quando paravas para me dares um beijo.

ADÉLIA

Nem era beijo, era respiração...

CARLOS, *de repente*

Era o que quiseres. Era tudo!

ADÉLIA

Tudo... Tudo!

CARLOS

Que felicidade!...

ADÉLIA

E quando o pai desconfiou por causa do João?

CARLOS

Foi o melhor. Abrias a janela de madrugada.

ADÉLIA

E tu me beijavas tôda... Como era mesmo? Espera. Era nas mãos e dizias: — essas mãos são minhas.

CARLOS

Que pateta!

ADÉLIA

Era nos braços e murmuravas: «Dêstes braços ninguém me tira.»

CARLOS

Disso não me lembro. Lembro o cabelo, isso sim...

ADÉLIA

Escondias a cara nos cabelos e choravas: «Estou perdido na floresta! Quem me acode!»

CARLOS

Que maluco!

ADÉLIA

E quando chegava a bôca...

CARLOS

Não dizia nada... Mas depois teu pai apareceu com um bengalão... Ah! minha filha, ainda não te contei. Depois das bengaladas, corri como um doido morro abaixo. Êles no meu encalço atirando pedras. Vim parar à rua de D. Luisa sem saber como. Nunca expliquei a raiva de teu pai.

ADÉLIA

Papai dizia que o filho de um senador não casa com uma pobre rapariga.

CARLOS

Eu não casei... E nunca mais esqueci aquele tempo, a-pesar-de não ser isso causa para não casar.

ADÉLIA

Exquisito! Também nunca esqueci e preguntava sempre: porque não voltará êle mais?

CARLOS

E eu não te posso explicar até agora por-

quê. Após a sova de teu pai, não voltei a *perseguir-te,* como dizia a Julinha. Entretanto lembrava-te sempre. Eras tão boa, tão bonita, tão séria...

ADÉLIA

É verdade.

CARLOS

Antes não tivesses sido...

ADÉLIA

A gente nunca sabe o que faz.

CARLOS

Hoje, estou convencido que se tivesses consentido, teria sido para tôda a vida. Mas nunca. Negaste sempre. Cheguei a fazer uma promessa a N. S. da Penha, que era a tua santa.

ADÉLIA

De-veras?

CARLOS

E N. S. da Penha correu-me a pau, não quis!

ADÉLIA

Também agora tenho outra Nossa Senhora.

CARLOS

Qual?

ADÉLIA

Nossa Senhora das Dôres.

CARLOS

Minha pobre Argemira... Mas como foi isso?

ADÉLIA

Desgraças da vida, Carlinhos. Sabes que casei? Não? Pois casei, dois anos depois. Um rapaz que abusou.

CARLOS

Oh! Argemira...

ADÉLIA

Eu não gostava dêle. Papai obrigou a casar. Deves conhecê-lo. É um tal António Antunes, sócio da casa de ferragens Antunes e Pacheco. Foi com êle. Mamãi disse que era praga. Era

destino... Da companhia de Antunes fugi três vezes. Êle, com rogos e ameaças, fazia-me voltar. Afinal cansou. E eu, que estava com um tocador de rabeca nos teatros — um gordo, chamado Pereira — caí na perdição para não morrer de fome.

Tenho rolado, Carlos! Tenho sofrido tanto... Há dois anos, vim para Caldas, com companheiras. Mas estava tão enjoada do Rio e de S. Paulo, que fui ficando. (Há aí um coronel que me visita. É um velho casado). Eu lido na casa e canto baixinho. Quem canta seu mal espanta... Que hei de fazer?

CARLOS

Devias ter tido muitos amores.

ADÉLIA

Não, nenhum.

CARLOS

Ora!

ADÉLIA

Para que mentir? Já agora era inútil. Eu fui rolando de homem para homem, só. Caía num para escapar de outro. Como uma pedra, sa-

bes. Conheço-os todos. Há bons, há maus, há os que não são nem bons nem maus. Estão tão longe da gente quando estão perto... E a gente faz-lhes também tanto mal sem querer... Emfim... cansa. Quando não entra o coração, é como se carregássemos um pêso. Mas tu... tu é que devias ter tido amantes. Quantas vezes, depois da saída, eu pensava em ti, no gôsto da tua bôca...

CARLOS

De-veras?

ADÉLIA

Por esta luz. Parece que estava sempre esperando, sem esperança. Como deves ter pintado, Carlos!

CARLOS

Tenho envelhecido. Formei-me, sabes?

ADÉLIA

Já estavas no segundo ano...

CARLOS

Não me adiantou nada. Até agora tenho feito apenas envelhecer.

ADÉLIA

Muitas mulheres?

CARLOS

Assim...

ADÉLIA

Paixões?

CARLOS

Aborrecimentos. Sabes que não sou de paixões.

ADÉLIA

E eu?

CARLOS

Tu foste outra coisa. Nós éramos crianças... É tão sério ser criança...

ADÉLIA

Tanto?

CARLOS

Sim — porque pagamos tôda a vida a sorte de ter sido criança uma só vez. É um grande

suplício. Olha. Se me dissessem: sofrerás redobradamente aquilo que sofreste, gemerás com reumatismo, sentirás a estupidez e má vontade duplamente, viverás mais quarenta anos arrastando a sciática em Caldas, mas em troca poderás ter um dia inteiro dos teus dezasete anos — eu aceitaria.

ADÉLIA

És tão bom, Carlos!

CARLOS

Ou tão mau...

ADÉLIA

Deves ter sofrido.

CARLOS

Ao contrário. Os que sofrem, não teem tempo para pensar.

ADÉLIA

Como eu!

CARLOS

Tolinha!

ADÉLIA

Não vês dentro do meu coração.

CARLOS

E o que está dentro dêsse coração?

ADÉLIA

Tu — há vinte e três anos...

CARLOS

Lisongeira. Nem me reconheceste...

ADÉLIA

Mudamos tanto por fora...

CARLOS

Mas é curioso. Parece que recobras a voz de outrora.

ADÉLIA

É ilusão tua.

CARLOS

E o brilho do olhar?

ADÉLIA

Já não é possível!

CARLOS

E os cabelos...

ADÉLIA

Caíram. Nem imaginas como teem caído...

CARLOS

Mas nem uma branca...

ADÉLIA

Ah! isso não...

CARLOS

Pinta-los?

ADÉLIA

Oh! Carlos, eu ainda não tenho quarenta anos...

CARLOS

É verdade. Eu sou mais velho. Ainda assim,

solta-os para ver se não há por aí alguma neve...

ADÉLIA

Não!

CARLOS

Porque não?

ADÉLIA

Queres que solte para brincar?

CARLOS

Começas tu!

ADÉLIA

Oh! Carlos!

CARLOS

A primeira coisa que te peço, recusas! Depois dizes que nunca me esqueceste!

ADÉLIA

É verdade.

CARLOS

E fazes pior do que quando éramos crian-

ças. Emfim, o Antunes, o rabequista gordo, os outros...

ADÉLIA

Mas que idea!... Todos, meu filho. Há tanto tempo!... Mas olha. Muita vez pensava em ti para aturar os outros...

CARLOS

Muito obrigado!

ADÉLIA

Podes desprezar. Que importa? Não esqueci para to dizer. Não esqueci porque a gente não esquece o que foi muito bom...

CARLOS

Então solta os cabelos.

ADÉLIA

Mas não será a mesma coisa.

CARLOS

Solta. É uma vontade.

ADÉLIA

E uma teima.

CARLOS

Mas solta...

ADÉLIA

Queres?

CARLOS

Quero, sim.

ADÉLIA

Tem pena de mim.

CARLOS

Teimosa! *(Um pouco nervoso põe as mãos na cabeleira de Adélia. Ela treme. Os cabelos desfazem-se. Êle olha, insensívelmente nêles mergulhando as mãos).* Mas é mesmo. Nem uma branca. E tem o mesmo cheiro... Mira, como era em Santa Teresa?

ADÉLIA, *num gemido*

Não recordar...

CARLOS, *toma-lhe as mãos, aperta-as, beija-as*

Estas mãos são minhas...

ADÉLIA

Eu já não sou a mesma, Carlos. Não sejas cruel...

CARLOS, *beija-lhe os braços*

Dêstes braços ninguém me tira!

ADÉLIA

Carlos... Carlos, não lembres...

CARLOS, *envôlta a face nos cabelos dela*

Eu tenho mêdo da floresta! a floresta...

ADÉLIA, *prêsa de arrepios*

Carlinhos! Carlinhos! Por Nossa Senhora da Penha não me mates! Meu Deus! meu Deus!

CARLOS

Má, má... há tanto tempo! E não quiseste nunca!... Dá-me a bôca *(enlaça-a)*.

ADÉLIA

Não!

CARLOS, *dominando-a*

Hás de ser minha! *(Beijo prolongado).*

ADÉLIA

(Êxtase).

Meu amor, meu único amor, meu primeiro amor...

CARLOS, *no desejo, arrastando-a*

Anda, vem...

ADÉLIA, *recua aterrada*

Não! isso não!

CARLOS

Porquê?

ADÉLIA

Porque não!

CARLOS

Deixa-te de tolices!

ADÉLIA

Não é tolice!

CARLOS

Não queres?

ADÉLIA

Carlos!

CARLOS

Então?

ADÉLIA

(Pranto).

Carlos... Não é por nada... Mas não! nunca! Não posso... É só por mim. Nem posso explicar. Tudo o que quiseres, menos isso.

CARLOS

Mas porquê?

ADÉLIA

Não! Não!

CARLOS

Basta de brincadeira. Não somos mais crianças.

ADÉLIA

Por isso mesmo.

CARLOS

Em menina não quiseste.

ADÉLIA

Eu te amava...

CARLOS

E deste ao Antunes o que não deste a mim...

ADÉLIA

Carlos, perdôa, sê bom, vai embora...

CARLOS

Mas hoje, minha filha, quando eu te encontro neste estado, à janela, depois de pensar tôda a minha vida em ti — parece de mais o embuste. Que pensas afinal? Que eu te namorarei?

ADÉLIA

Oh!

CARLOS

Que eu ficarei enredado?

ADÉLIA

Ainda não te pedi nada...

CARLOS

Abusas por saber que me deixaste na pele o desejo da tua pele!

ADÉLIA

Vai embora... Vai embora...

CARLOS

Mas é pensar que eu sou um pateta!

ADÉLIA

Porque vieste? Porque me falaste? Vai-te...

CARLOS

Homem, é melhor... Se em menino eu não te agradava, muito menos agora, com quarenta anos... Não vale a pena. Eu exaltei-me. Desculpa. Até outra vez...

ADÉLIA, *agarra-o*

Carlos! Porque não compreender? Carlos, escuta, ouve e olha. Que pena eu não poder dizer direito! Olha. É coração. Isso que tu queres é de todos, pobre de mim! Mas se eu for para ti o que sou para todos, por quem hei de esperar, em quem hei de pensar? Carlos, tudo o que quiseres, ouviste. Tudo. Compreende! Mas sê bom para uma desgraçada. Tem pena! Para eu sonhar comtigo sempre da mesma maneira, para lembrar a única boa coisa da existência, para poder fechar os olhos e pensar no melhor momento da minha desgraçada vida, quando era menina... Eu me entregarei a quem ordenares, eu farei o que mandares, eu te amo sempre, sempre... a tua bôca tem o mesmo gôsto, o teu cabelo é tão macio como outrora, tu és o meu Carlinhos do coração. Só eu envelheci e passei. Mas Nossa Senhora deu-me a tua visita para recordar que não esquece os mais desgraçados. Carlos, meu bem, meu amor... Ninguém tem mais vontade do que eu. Mas seria a morte, o fim da minha alma. Carlos, como em Santa Teresa só. Como outro dia, quando papai se zangou... Faze isso por mim, por ti, pela nossa recordação, sim, sim... Carlos! *(E beija-o chorando... Mas batem á porta...)*

CARLOS

Espera. Bateram.

ADÉLIA

É o coronel!..

CARLOS

Aquele que esperavas?

ADÉLIA

Não, o que vem todos os dias. Por ti é que eu espero... *(Batem de novo)*

CARLOS, *pega no chapéu*

Emfim..., é exquisito. Não te quero aborrecer. O diabo é êsse homem. Não me vás apresentar a êle! Como há de ser?

ADÉLIA

Sais pela porta dos fundos...

CARLOS

Fujo como há vinte e três anos...

ADÉLIA

Como ontem, com o meu pobre coração...

CARLOS

E queres que te venha ver?...

ADÉLIA, *num supremo esfôrço*

Como quiseres... *(Batem com mais fôrça).*

CARLOS

O coronel impacienta-se...

ADÉLIA

Pensará que estou a dormir. E que me importa o coronel?... Mas não olhes assim para mim. Não duvides! Não duvides! Escuta. Tu sempre foste inteligente. É intolerável êsse teu olhar. Escuta. Mede bem o que te digo... Se queres, não abro ao coronel, sacrifico tudo, sou para ti o que sou agora. Se queres, toma... aqui me tens... Mas se o teu coração se lembrava de mim — vê bem, vê bem...

CARLOS, *vai para segurá-la*

Não! Tens razão, minha pobre Argemira. Era matar a saüdade.

ADÉLIA

O desejo do que foi.

CARLOS

Tão bonito!

ADÉLIA

E que é bonito! mais bonito! Meu Carlinhos do coração...

CARLOS

Sim, eu sinto como naquele tempo. Não chores... não chores... O nosso encontro fica um sonho. Eu compreendo. Deixa ver as mãos... Estas mãos são minhas... *(Beija-as)*.

ADÉLIA

Carlinhos!

CARLOS

Dêstes braços ninguém me tira. *(Beija-os).*

ADÉLIA

Meu bem...

CARLOS, *entre os cabelos dela*

Na floresta! Na floresta...

ADÉLIA

A bôca, a tua bôca... *(Beijo longo. Desprende-se).* Vai. Foge...

CARLOS

Adeus,..

ADÉLIA

Adeus, meu sonho... adeus... adeus.

CARLOS

Vou como há vinte três anos...

ADÉLIA

Eu não mudei... eu não mudei...

CARLOS

O nosso encontro foi o encontro da mocidade...

ADÉLIA

Que Deus te dê em felicidade o bem que me deste. *(Agarra-o, beija-o vorazmente, louca).* Adeus! Adeus! Adeus! Vai-te. *(Empurra-o. Êle sai. Ela fecha a porta atónita. Olha para todos os lados. Olha as mãos).* Êle beijou as minhas mãos *(beija-as).* Tão bom... Tão bomsinho... Como sou feliz! Como sou feliz! Nunca pensei... Foi como um sonho. Menina, menina, o pai, os beijos, êle... o meu amor, a Argemira, a Argemira que já morreu... Que bom que foi! *(Cerra os olhos, tempo).* E eu que não me lembrava mais do coronel! Adélia da Pinta, olha a vida... *(Vai á rotula, abre-a. Ninguêm).* Gente! Não esperou... Com certeza pensou que eu estivesse a dormir... Hoje fico todo tempo só — para lembrar... *(Paga no cesto, cantarola triste. E de repente aos soluços).* Mi-

nha Senhora das Dôres! Foi mentira ... dize que foi mentira. Eu vi a minha vida, eu vi! Tem pena da desgraçadinha. Nossa Senhora das Dôres! era melhor não ter visto, era melhor, era melhor!... *(E os seus soluços continuam emquanto o pano desce).*

UM CHÁ DAS CINCO

Salão que comunica à direita com outro salão, onde há rumor. Ao fundo, terraço sôbre o jardim. Mobiliário um tanto «disparate», pôsto que sumário. Ao levantar o pano, já está cantando o fatal romance italiano uma voz qualquer. D. Maria e Pedro estão à porta do outro salão. O romance termina. Êles descem.

SCENA I

D. MARIA E PEDRO

D. MARIA

Não me faça rir, Pedro!

PEDRO

É tudo quanto há de mais sério.

D. MARIA

Foi de repente?

PEDRO

Como tôdas as paixões. Via a Irene diáriamente. Não tinha o menor sentimento. Achava-a apenas um pouco distante. De repente, uma noite — a chama! E exquisita! Não penso senão nela com um infinito mêdo de dizer que a amo. Se ela recusar? Se disser que não? Até agora sei que não tem outro. Mas logo mais? Ela é tão sensível, tão radiosamente princesa....

D. MARIA

Felizmente há para as mulheres um momento em que vocês lhes fazem justiça.

PEDRO

Qual?

D. MARIA

Antes do casamento. Também depois, nunca mais.

PEDRO

O facto é que êste momento compensa em ânsia, em sofrimento, em mêdo...

D. MARIA *(interrompe)*

Creio que V. não me vai repetir o que dizem todos os namorados, desde Adão?

PEDRO

Perdão. Desde Adão, não! Adão não disse nada. Pelo menos não consta.

D. MARIA

Com certeza, porque não tinha a quem.

PEDRO

Ou porque não tivesse tempo. Eu, entretanto, tenho mêdo do tempo enorme. Foi por isso que lhe pedi para a consultar.

D. MARIA

Bonito papel me reservou você!

PEDRO

D. Maria, eu fico tão sem coragem, eu sou tão tímido...

D. MARIA

Como todo o homem superior.

PEDRO

Não diga brincando.

D. MARIA

Repito o que V. me disse ontem. E isso mesmo disse a Irene.

PEDRO

E que respondeu ela?

D. MARIA

Ela também é tímida. E, graças a Deus, mulher. Ficou muito séria.

PEDRO

É bom sinal?

D. MARIA

Sei lá! O certo é que respondeu: «Eu mesma responderei ao sr. Pedro, àmanhã no chá.»

PEDRO

Responderá, sim?

D. MARIA

Ignoro. Afinal V., no século do tango e da batalha de Verdun, é espantoso. Mandar pedir licença para declarar uma paixão! Ou uma ingenuidade que eu não lhe conheço...

PEDRO

Obrigado!

D. MARIA

Não há de quê! Ou uma grande lábia — a

batalha de trincheira. *(Rindo)* Vai-se dar o combate. Ela não tarda. Talvez demore um pouco por estratégia. O terreno é o meu chá...

PEDRO

O seu chá é a muralha da China do meu amor!

D. MARIA

Muralha de fumaça perfumada. Olhe, divirta-se esperando. Tome chá.

PEDRO

Não posso. O amor transforma. Desde que amo, acho todos êsses chás horriveis.

D. MARIA

Você? Francamente! Pois ouça aqueles que o chá conserva.

PEDRO

As fúteis figuras de chá...

D. MARIA

Que são a vida quando não há amor...,

SCENA II

OS MESMOS, ALBERTINA E MARGARIDA

ALBERTINA

Boa tarde.

MARGARIDA

Good evening!

D. MARIA

Sabem que o Pedro está atacando os five-ó--clocks?

ALBERTINA

O Pedro há tempo que não sabe o que diz.

PEDRO

Merci!

MARGARIDA

That's all right.

PEDRO

That's all right o quê?

MARGARIDA

Yes. It's impossible. Encontra-se você em todos os chás,

PEDRO

Por motivo superior...

ALBERTINA

O super-homem aborrecido!

D. MARIA

Sub, sub-homem. Trata-se do amor.

PEDRO

Não me traia, D. Maria.

MARGARIDA

Poeta!

PEDRO

Como pilhéria não acho graça.

SCENA III

OS MESMOS, CÉSAR E FLORA *(que veem de dentro)*

ALBERTINA

O verdadeiro amor, eil-o!

FLORA

É connosco isso? Mas que mania!

CÉSAR

Não há meio de se conformarem com a nossa camaradagem.

MARGARIDA

É camaradagem para o futuro.

D. MARIA

Acaba em casamento. Camaradagem para o aumento da população.

CÉSAR *(a Flora, scéptico)*

Que se há de fazer?

FLORA

Eu já lhes disse uma porção de vezes que tomei o César para meu par porque com êle estou tranqüila, certa de não ouvir tolices.

CÉSAR

Apoiado.

ALBERTINA

Porquê?

FLORA

Porque é um *sportsman*, um homem forte. Antigamente tinha mêdo dos rapazes que jo-

gam o *foot-ball*, o *tennis*, a malha, o remo, a natação. Que brutamontes!

CÉSAR

Estava errada.

FLORA

Estava, sim. Uma vez, a bordo jogavam a malha várias pessoas. Havia um dêsses rapazes fortes, grande, que usava o relojinho no pulso. Era de tarde. De repente vi que estava só com êle. Olhei-o, tive um susto exquisito: pensei que êle vinha agarrar-me, a cabeça andou à roda. Caí desmaiada.

MARGARIDA

Coitada!

FLORA

Quando vim a mim, entretanto, êle dava-me a cheirar um frasco de sais, com todo o respeito. Depois cumprimentou e afastou-se. Desde então prefiro o género forte. Porque eu não quero casar-me e quero divertir-me.

ALBERTINA *(assustada)*

Mudemos de assunto! Vem aí a terrível M.me Bastos!

SCENA IV

OS MESMOS E M.me BASTOS

M.me BASTOS *(efusiva)*

Boa tarde! Meu bem, como vai? Grande ingrato! Não se incomodem!

TODOS *(exagêro amável e prudente)*

M.me Bastos! D. Rosinha!

M.me BASTOS

Não podia faltar ao seu chá. Você tem tanto gôsto, recebe pessoas tão distintas! *(Senta-se no silêncio expectante)* Pois eu venho da casa dos Fonsecas. Também muito boa gente. A velha Fonseca — sim, porque ela é velha!

PEDRO

Claro! Velhíssima...

M.me BASTOS

A velha Fonseca é que é um pouco arrevesada quando está com enxaqueca.

CÉSAR

E ela está sempre com enxaqueca.

M.me BASTOS

Ainda bem que V. a conhece! Tirando isso, distintíssima.

D. MARIA

Pois não!

M.me BASTOS

O que eu acho graça é a Rosália a falar de tôda a gente, sem lembrar o tio.

PEDRO

Um homem sério, digno...

M.me BASTOS

Que infelizmente, coitado! esteve muito complicado nos negócios do Banco... Emfim, estava lá D. Zulmira Guedes. Vai casar uma das filhas, participou-me. É a Clara. Deu-se até um equívoco.

PEDRO

Com a Clara?

M.me BASTOS

Não, comigo. Eu pensei que era um rapaz baixo, gordo, do inverno passado. E não era. É um alto, magro, do Ministério do Exterior. O gordo baixo casa com a Rosália. Emfim, casamento e mortalha...

CÉSAR

Esta senhora é insuportável!

FLORA

Não nos afastemos. Ela falaria de nós.

SCENA V

OS MESMOS E O MINISTRO TROMISKROFF

O ministro tem o sutaque carregado. Anda aos saltinhos, trata todos por você. Pedro vai até à janela. A cantora começa a cantar dentro.

TROMISKROFF

Senhora D. Maria de Guimarães, como vai você? *(Beija a mão e corre as pessoas presentes com o mesmo gesto, dizendo alto:)* Você? Você? Você? Você?

MARGARIDA

So, so. And you?

TROMISKROFF

Very wel! Thanks. E você? E você?

M.ME BASTOS

Que confiança a dêste homem!

D. MARIA

É a diplomacia cordeal.

TROMISKROFF

Está um dia muito bonito. Belo cantor! Bonita música! muito bonita música!

FLORA

É verdade; estão cantando.

ALBERTINA

O canto aqui é acompanhamento.

MARGARIDA

Ninguém ouve.

TROMISKROFF

Perdão. Eu ouço. Gosto muito de música, mas sem canto. Música foi feita p'ra dansar.

D. MARIA

Mas é um trecho lírico!

TROMISKROFF

Agora todos os trechos líricos são dansados. Bela música! Belo cantor! Tudo muito bonito! Não aparecerá o fotógrafo?

MARGARIDA

Que fotógrafo, ministro?

TROMISKROFF

O que vem tirar grupos para os jornais. Eu saio sempre de olhos arregalados...

M.ME BASTOS

Olho arregalado só mesmo em fotografia...

TROMISKROFF

Tudo muito bonito! Senhora D. Maria parece cada vez mais perfeita.

D. MARIA

Obrigada, Tromiskroff.

TROMISKROFF

Eu estou velho. Fico triste. Somos quási da mesma idade. Que idade tem mesmo?

FLORA

Oh!

M.ME BASTOS

Não pregunte, ministro. Tôdas nós somos mais velhas...

TROMISKROFF

Não duvido quanto a M.me Bastos!

MARGARIDA

Gaffeur!

ALBERTINA

Toma!

M.ME BASTOS, *querendo ser fina*

Eu sou como a educação.

TROMISKROFF, *sem ouvir*

Também muito conservada...

M.ME BASTOS, *furiosa*

Se me desse um refrêsco, Pedro?

PEDRO

Minha senhora!

TROMISKROFF

Muita honra em conduzi-la ao *buffet*. Também estou com muita sêde!

M.ME BASTOS

O senhor é a gentileza em pessoa!

TROMISKROFF

Não duvido. M.me Bastos muito venerável. *(E como o cantor continua, saindo os dois)* Belo cantor. Cada vez há mais cantores!

D. MARIA

Coitada de M.me Bastos!

FLORA, *a César*

Vamos vê-los?

CÉSAR

M.me Bastos morre hoje... *(Saem os dois.)*

ALBERTINA

Bem feito! É para pagar o que ela fala dos outros.

MARGARIDA

Nem por isso ela falará menos...

PEDRO, *voltando do terraço*

D. Maria, se ela não vier?

D. MARIA

Talvez não venha.

PEDRO

Não me diga isso.

D. MARIA

Você não é gentil. Até parece que não aprecia o meu chá.

PEDRO

O melhor do seu chá seria Irene:..

D. MARIA

Literalmente pateta!

SCENA VI

OS MESMOS E CLODOMIRO D'ALBA

(Literato de salão. Bem vestido. Exagêro. Sempre agitado, como quem tem pressa.)

CLODOMIRO

Deposito aos pés de V. Ex.ª as flores do meu respeito... Minhas senhoras. *(Vendo Pedro longe, diz-lhe adeus com dois dedos de longe)* Pedro!

PEDRO

Pedante!

D. MARIA

Mau. Pensei que não vinha...

CLODOMIRO

Tudo, menos perder um chá de V. Ex.ª. O seu salão é o último salão onde se conversa...

ALBERTINA

O último ou o primeiro?

CLODOMIRO

O último porque o primeiro. Mas V. Ex.ª não

poderá imaginar o que me custou para chegar a êste instante precioso. Com licença! *(Vai até o terraço, espia)* Estou à espera do automóvel que me prometeu o ministro do Japão, para assistir a um chá à moda de Tokio. Será o quinto chá desta tarde...

PEDRO

Deve ter bebido chá, você!

CLODOMIRO

Desde pequeno. Também não me sobra o tempo para outra coisa. Hoje, por exemplo, *five-ó-clock*, às quatro horas, na casa das Mota. Fui, saüdei, fugi... Ás quatro e meia chá *chez* M.elles Pereira. Fui, saüdei, fugi. Ás quatro e três quartos, chá do Proença.

MARGARIDA

Foi saüdou, fugiu.

CLODOMIRO

Exactamente. Ás 5 horas chá na casa do Gomide, que se lembrou de morar no Ipanema. Croyez-vous? O Deserto!

ALBERTINA

Foi, saüdou...

CLODOMIRO

Como não havia ninguém, M.me Gomide prendeu-me dez minutos.

PEDRO

Á espera que o chá ficasse pronto?

CLODOMIRO

Á espera dos outros. Foi trabalho conseguir vir até aqui para estar sem falta... Que horas são?

D. MARIA

Quási seis horas!

CLODOMIRO

Ás cinco em ponto no chá do Japão! Com licença... *(Vai até ao terraço)* A ver se vejo o automóvel...

D. MARIA

É uma vida penosa a de mundano jornalista.

CLODOMIRO

¿Que se há de fazer, se são raros os jornalistas mundanos? Precisamos animar as tentativas da civilização! Está com um lindo vestido, Albertina. É de *gabardine?* Ainda não compreendi a *gabardine.*

D. MARIA

Pedro, o dr. Clodomiro é que deve queixar-se dos chás.

PEDRO

Pois sim!

CLODOMIRO

Ao contrário. O chá é a craveira da nossa vida. É a entrada da Inglaterra nos nossos costumes, que aliás foram sempre adoráveis. Antigamente, vossências de certo não eram nascidas...

MARGARIDA

Êste é gentil.

ALBERTINA

M.me Bastos gostaria de ouvi-lo...

CLODOMIRO

Antigamente o chá servia-se à noite com

torradas. Patriarcal. Dormitivo. Chá burguês, chá incrivel, chá... chá...!

PEDRO

Intragável!

CLODOMIRO

Mas tempo depois tivemos o chá ao almôço, digestivo, depois dos ovos. Influência positiva da Inglaterra através da Índia. Chá governador, chá higiénico, chá de garfo, chá...

MARGARIDA

Chá *tee!*

CLODOMIRO

Perfeitamente. Chá *tee!* Por fim, agora, apoteose: chá pretexto para a reünião, elegância, Londres através de Paris — chá obrigação mundana. Não faz dormir.

PEDRO

Antes pelo contrário.

CLODOMIRO

Não ajuda a digestão.

ALBERTINA

Não se toma.

CLODOMIRO

Não é chá chá, não é chá *tee* — é chá *thé*.

MARGARIDA

Tango!

D. MARIA

Pelo amor de Deus, não lembrem o tango!

CLODOMIRO

Diz muito bem: *Thé* tango! O chá polvilhado da melhor prata, a Argentina...

PEDRO

Eu prefiro a prata da casa.

CLODOMIRO

O maxixe?

D. MARIA

Que pandemónio!

SCENA VII

OS MESMOS, M.ME DE ROCHA,
PAULO, A JOVEN POETISA ADRIANA DA GAMA,
LUZ DE LUCAS, DA LEGAÇÃO DE NICARÁGUA.
CLODOMIRO FOI AO TERRAÇO

PEDRO

Esta imensa futilidade! Como o amor transforma! Estou aqui como num deserto à espera da estrêla.

D. MARIA

Rei Mago! *(Precipita-se)* Minha querida.

M.ME DE ROCHA

Ma très-chère! *(A Margarida)* Marguett!

MARGUETT, *efusão*

Sweet love *(Beijando-a)* Well! Well! Well!

PEDRO

Por que diabo fala inglês a Margarida?

ALBERTINA

Ela fala sempre inglês quando está comovida. Você sabe muito bem...

M.ME DE ROCHA

Darling! Bonjour, Pedrô.

PEDRO

Boa tarde.

ALBERTINA *(a Adriana)*

A linda Musa como vai?

LUZ

Con estos poetas hay siempre mucha melancolia...

CLODOMIRO *(voltando do terraço)*

E o maldito do automóvel que não vem... Oh! M.me de Rocha... Mais quel éblouissement! Encantadora! Luz!

LUZ

Clodomiro, mira que estás mucho francés.

CLODOMIRO *(superior)*

¿Que se há de fazer, dona Luz? Todos nós temos que falar francês. É o protocolo.

LUZ

Ya lo creo, hombre. Pero és un costumbre

que me fatiga. En mi tierra el protocolo és independiente!

D. MARIA

Cada um fala a língua que pode. Não acha, Paulo?

PAULO

A êste propósito lembra-me o caso de um matuto pernóstico com um coronel que sabia falar.

PEDRO

Temos anedota!

PAULO

O matuto descrevia uma caçada. Chega a um ponto e disse: "Nisso passou de corrida um *largato*". "Lagarto!" interrompeu o coronel. O matuto coçou a cabeça, humilhado. Mas não querendo confessar o êrro, tornou com a voz suave: "Nisso passou de corrida um *largato* que...." "Lagarto!" berrou o coronel furioso. O matuto coçou-se de novo sem coragem, mas murmurou: "Nisso passou de corrida um bicho, tão depressinha que eu até agora não sei bem se foi lagarto ou *largato!*" *(Todos riem)*. Por mais que façamos havemos de dar dois nomes para cada bicho, um em português e outro na língua da moda.

M.me DE ROCHA

Você não tem graça nenhuma.

PAULO

Nem quero.

CLODOMIRO *(invencível)*

Como eu dizia ainda há pouco: o salão de D. Maria *c'est le dernier salon où l'on cause*... Que espirito esparso no ar! Que sensualidade espiritual!

MARGARIDA

Why?

PEDRO

E nesta linguagem tricolor que significa a língua da Marguett?

D. MARIA

O inglês que poucos falam.

PAULO

Positivamente a libra esterlina!

M.me DE ROCHA

Êste *largato* está hoje impossível!

CLODOMIRO

O espírito de M.me de Rocha! Ainda outro dia eu dizia no meu jornal que nem Rivarol tinha o *à propos* das suas *reparties!*

LUZ

Muy bien.

PEDRO

E dizer que eu já gozei nesta frivolidade, Amor, transformador!...

PAULO

A propósito de *reparties* sei uma anedota.

ALBERTINA

Não, chega!

LUZ

Pára con las anedotas.

TODOS

Basta! Basta!

M.me DE ROCHA

Certamente vocês ignoram, vendo a Adriana tão quieta, a transformação que ela ousou nos recitativos.

CLODOMIRO

Como? Uma transformação! E eu que não sabia!

TODOS

Qual é? Adriana! Responda!

ADRIANA *(descendo a scena)*

Meu pobre Clodomiro! É verdade. Nada mais simples, entretanto. Estou agora a compor alguns poemas em prosa. Apenas. E recito-os com acompanhamento de instrumentos de corda. Êsses acompanhamentos são como o scenário espiritual onde o poema, isto é, a alma arqueja, debate-se, sôfregamente. Como os heliotropos, o venábulo solar!

PEDRO

Que pedante! E dizer que eu já tomei a sério tudo isto. Como a paixão transforma!

CLODOMIRO

Divino!

ALBERTINA

Deve ser curioso!

ADRIANA

Estas prosas cantam o desejo que a todos iguala.

D. MARIA

Mas poderíamos ouvi-la!

TODOS

Sim! Sim!

ADRIANA

Oh! não!

CLODOMIRO

Em nome da arte!

ADRIANA

Mas preciso de acompanhamento.

M.me DE ROCHA

Il y a les tziganes!

LUZ

No te le dê cuidao los musicos.

ADRIANA

Seja! Que a orquestra toque uma triste modinha em surdina.

D. MARIA

Mas já! *(Sai um instante).*

ALBERTINA

Que idea, hein?

PAULO

Tudo quanto há de mais nacional. Reentramos no sabiá.

M.me DE ROCHA

Oh! ce n'est pas du tout du sabia!

PAULO

O sabiá *ne chante pas ici comme là-bas?*

(Ouve-se em violões dos tziganos a surdina da modinha. As senhoras e os cavalheiros sentam-se. Paulo junto de Margarida. Luz só. Pedro no outro extremo, junto a D. Maria. Adriana toma atitude).

ADRIANA

Serenata. *(Recita com um ar extremamente Musa contemporânea).* Serenata! Gorros de veludo, plumas em ponta, escadas de sêda sob as gelosias sombrias. Palácios escuros, ruas estreitas em cuja escuridão reluzem os floretes como perdidos raios do luar do alto. Romeu, Verona, susto, receio. Florença, Bocacio, afoite-

za, sorriso. Sons de corda que são diapasão de almas, sons que ligam o coração escondido e o coração que se arrisca. Voz que junta no ar o beijo dos lábios distantes. Serenata, sensualidade... indisível vibração de amor.

Serenata! Chapeu mole, lenço ao pescoço, gargantas cheias d'ais.

Casas humildes, ruas sombrias, em cuja penumbra riscam navalhas o suspiro dos raios. Pobres vagabundos, tímidos namorados, assassinos, miseráveis, coitados... Escada de oiro dos infelizes, pira de incenso dos desgraçados, bordões feitos de lua. Voz mágica que exprime o ideal dos sem ideal. Aracné do desejo tramando em arpejos as teias da volúpia. Som de âmbar pedindo gôzo, iman de duas bôcas, eflúvio embriagador. Serenata, sensualidade — amor... — *(Murmúrio de aplauso).*

PEDRO

Como comove ouvir falar d'amor — quando se ama...

D. MARIA

Psio!

PAULO *(a Margarida)*

A propósito de serenatas...

MARGARIDA *(irritada)*

I can't concentrate my attention in your anedotes.

PAULO

Yes! Não compreendi uma sílaba.

MARGARIDA

I don't hear any thing!

PAULO *(sem compreender)*

Yess!... Yess!...

ADRIANA *(recitativo)*

Serenata! Amavio de rouxinóis que cada um tem n'alma; suspiro da noite retardando a aurora, berço de sons em que se embala o coração. Transformador dos maus. Mefistófeles escarlate tornando ao luar roxo de saudade. Inocência dos homens, perdição das mulheres, ângulo de arminho da tristeza da vida. Werther com esperança; D. João enternecido. Serenata! Parsifal aéreo ondulando o *graal* dos sentidos...

Serenata! Metamorfose da vermina humana, óleo sagrado dos miseráveis, caça de amor na floresta das ruas, uivo do instinto que se faz

arrulho, bem dos desgraçados. Nevrose, espasmo, êxtase. Ariel de amor, delicadeza sonora, pólen invisível do desejo. Serenata, cantárida da volúpia! — *(Murmúrio).*

LUZ

Caramba! Que non hay lo que se poner!

M.me DE ROCHA

Épatant!

CLODOMIRO

Maravilhoso!

PEDRO

Esta menina diz extravagâncias e eu cada vez estou mais comovido. O amor, como transforma!

ADRIANA *(recitativo final)*

Serenata! Quando te ouço, ó música do luar! minh'alma canta a rapsódia dos desejos como um cristal reflecte as luzes que dêle se apossam e varam e queimam e iluminam, na noite ardente. Quando te ouço, é como se me esmagassem e no ar me librasse. Turbilhões de estrêlas e trevas imensas cegam-me o olhar. Nastros de rosas prendem-me como carícias. Todos

os perfumes, suspiros do oceano e gemidos da terra, asfixiam-me. Eu quero viver, eu quero morrer. Serenata, espêlho das almas, pantera alàda. Luxúria! Quando te ouço, eu tenho mêdo, eu tremo, eu escuto, eu anseio, arrepio, desvario do teu desvario! Serenata, som do mundo amoroso, polvo-beijo do amor infinito... *(Grandes aplausos. Adriana cai numa cadeira, exausta. Correm a ela).*

MARGARIDA

Sweet heart! Sweet heart!

CLODOMIRO

Por Nossa Senhora, que tem?

ADRIANA

Nada, meu pobre Clodomiro. Eu sinto de mais.

M.me DE ROCHA *(a Paulo)*

Ela sente de mais.

PAULO *(a Albertina)*

Ela sente de mais...

ALBERTINA *(a Luz)*

Ela sente de mais!

D. MARIA *(a Pedro)*

Ela sente de mais...

LUZ *(a D. Maria)*

Ela siente de más!...

PEDRO

Boa dúvida. Com essas coisas não se brinca. Oh! D. Maria, a Adriana, a serenata, as palavras loucas — são bem o tormento da espera, desta espera que me desespera.

D. MARIA

O melhor do chá é esperar por ela.

PEDRO

O peor! Perdão! Eu já não sei o que digo! Eu sinto de mais.

D. MARIA

Como a Adriana? Então é com certeza epidemia... *(Entretanto, em cima, dão-se em tôrno de Adriana estas palavras).*

CLODOMIRO *(frasco de sais)*

Melhor?

ADRIANA

Bem, muito bem.

M.me ROCHA

Heureusement! Ficaria tristíssima...

PAULO

Que serenata tremenda!

MARGARIDA

Very beautiful! Very nice!

SCENA VIII

OS MESMOS, M.me DE BASTOS E TROMISKROFF

M.me BASTOS

Oh! mas que houve?

ALBERTINA

Adriana que recitou o seu poema em prosa *A Serenata*...

M.me BASTOS

De quem?

PEDRO

Verdadeira maravilha.

TROMISKROFF

Que pena! Muito comprido! Clodomiro, como vai você? *(Caminha para quantos ainda não viu, dando o apêrto de mão e indagando em voz de comando).* — Você? Você? Você?

M.me BASTOS

Homem insuportável! Até a Serenata fez-me perder! Eu que não perco... Muitos cumprimentos, Adriana. Não ouvi, mas é como se ouvisse. A literatura é agora um passatempo de boa sociedade.

PAULO

Como diz M.me de Rocha em português: A boa sociedade demonstra assim que se *suffit*...

M.me DE ROCHA

E que *en a assez* das suas impertinências!

TROMISKROFF

Literatura muito bonita! Mas eu gosto mais da dansa. Dansa verdadeiramente passatempo.

CLODOMIRO *(bate na testa)*

E o autómovel do ministro do Japão! Esquecia-me! *(Corre ao terraço, espia).* ¿Será possível que o Japão se tenha esquecido de me mandar um automóvel?

PAULO

Descansa! Se não vier o auto, vem pelo menos um parasol.

CLODOMIRO

Êste Paulo! Mas que espírito!

PAULO

Obrigado, mestre. *(Neste momento o cantor recomeça a cantar dentro).*

TROMISKROFF

Outro cantor! Estão cantando de novo.

ALBERTINA

Realmente, não tinha reparado.

ADRIANA

Clodomiro, leva-me a tomar um cálice de xerez.

CLODOMIRO

A Adriana ordena. *(A Paulo)*. Com licença.

PAULO *(curvando-se)*

Tu duca, tu signore, tu maestro... *(Saem Clodomiro e Adriana).*

M.me BASTOS

Terá a Adriana inclinação?

D. MARIA

Por quem é, M.me Bastos!

M.me BASTOS

Os gostos estão tão exquisitos hoje em dia! Eu teria pena em ver uma menina tão... emfim, tão literária casando com um rapaz também tão...

ALBERTINA

Tão literário.

M.me DE ROCHA

Fica literatura de mais.

M.me BASTOS

Você o diz! O que me conforta é que os tempos de hoje não são os de ontem.

PEDRO

Claríssimo.

M.me BASTOS

Antigamente, uma joven quando se apaixonava, quási sempre entisicava, e às vezes até morria...

TROMISKROFF

Coitada!

PAULO

E hoje?

M.me BASTOS

Casa com outro.

TROMISKROFF

É do canto! Bonito canto, mas de mais. Senhora D. Maria, se parasse o canto?

D. MARIA

Estão cantando? Ah, sim. É verdade. Mas Tromiskroff! o canto é para animar.

TROMISKROFF

Bonita animação. Ninguém escuta. Só eu. Senhora D. Maria, vou mandar parar o canto.

D. MARIA

Se é sua vontade, Tromiskroff...

M.me BASTOS

É incrível êste sujeito.

TROMISKROFF

E faço executar pela orquestra uma música séria, que tôda a gente escuta, sem canto: —. o tango.

TODOS

Oh! sim! bravo!

D. MARIA

O tango foi proïbido pelo Papa. *(Tromiskroff cumprimenta e desaparece).*

LUZ

El Papa tiene mucho *esprit.* Hace el lo que noshacemos com el cantor: non lo escucha...

D. MARIA

Mas êste homem desorganiza-me!

PAULO

Não é Tromiskroff, é Tangoskroff. *(Dentro, parada súbita da voz).*

M.me BASTOS

Pronto! Lá torceu o pescoço ao cantor. *(Ouve-se em seguida um tango).*

ALBERTINA

O tango!

LUZ

El Tango, cielito...

M.me BASTOS

Essa dansa parece o jôgo da cabra-cega com os pés.

PAULO

O tango!

MARGARIDA

O tango!

M.me DE ROCHA

Pas appris encore les cortés de gauche...

(Caminhando insensívelmente todos para a porta do salão. Vão saindo. As últimas são Luz e Margarida).

D. MARIA

Minhas amigas, não vão dansar esta dansa proïbida pelo Papa.

MARGARIDA

Só ver.

LUZ

E lo bailar! *(Sairam. Paulo desce do terraço).*

D. MARIA

Não, o Tango não. Adoptemos uma tradução! Consinto no *one-step! (Mudança brusca na orquestra).*

SCENA IX

D. MARIA E PEDRO

D. MARIA

Ainda estava cá?

PEDRO

Sabe bem que sim. O *one-step* enerva-me.

D. MARIA

Mas você é um one-stepista terrível.

PEDRO

Estou muito mudado. O que me admiro é a senhora consentindo nessas dansas!

D. MARIA

Contingências sociais! Faço como o Papa: não ouço...

PEDRO

Os meus respeitos.

D. MARIA

Parte?

PEDRO

Irene não vem mais. Eu hoje estava cá à sua espera. Não vindo, ela diz claramente que me recusa.

D. MARIA

As mulheres sensíveis são muito complicadas. Talvez ainda venha.

PEDRO

Seria crueldade fazer-me esperar como esperei, só por prazer.

D. MARIA

O prazer das mulheres é a tortura dos homens. Faça o que quiser. Até já. *(Sai).*

SCENA X

PEDRO E IRENE

PEDRO *(só)*

Enigmas. Como o amor transforma! Ninguém me compreende! Não compreendo ninguém. Nem a mim mesmo... Decididamente... *(Caminha).*

IRENE *(aparece. Encontro)*

Oh! boa noite!

PEDRO

A senhora! Emfim veio!

IRENE

Esperou muito?

PEDRO

Desde as quatro horas.

IRENE

Então cheguei a tempo!

PEDRO

Sim. Isto é, sim, própriamente...

IRENE

Então cheguei tarde?

PEDRO

Também não. Emfim, para mim chega tão bem que chega tarde, chega a tempo, chega como quiser.

IRENE

É o comêço do madrigal que me mandou anunciar por D. Maria?

PEDRO

E que não teve pressa em ouvir.

IRENE

Se era fatal!

PEDRO

Irene, há duas horas e meia espero a sua decisão. Não faltou à sua promessa de vir. Obrigado. Mas qual a sua resposta agora? Posso fazer o madrigal?

IRENE

O senhor é tímido como todo o homem superior?

PEDRO

Como todo o homem que ama.

IRENE

Então deixe o madrigal para o papa, que é paciente e vamos dansar o *one-step*.

PEDRO

Irene! A senhora é uma santa! O *one-step* é o caminho do céu.

SCENA ÚLTIMA

OS MESMOS E D. MARIA

D. MARIA

Que vejo! Então não se foi? Então não acha má a dansa?

IRENE

Minha boa amiga!

PEDRO

O seu chá, D. Maria, é o melhor dos chás do mundo! Juro que jàmais esquecerei êste

five-ó-clock (vendo o relógio) todos os dias às seis horas e meia!

D. MARIA

Et voilà o que é um chá das cinco entre nós! *(Pedro beija a mão de Irene, enlaça-a. E o pano desce, emquanto a orquestra continua a tocar o one-step, e vêem-se os pares a dansar com enthusiasmo).*

CAI O PANO

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA CHAPEL HILL
00025299775